

BESTIÁRIO



Vai passar!

HISTÓRIAS DO **VIADUTO**

Claudia Bica
Ana Fonseca
(organizadoras)

HISTÓRIAS DO
VIADUTO

Copyright © 2025, Claudia Bica e Ana Fonseca (Organizadoras) e autores

Todos os direitos desta edição reservados.



Rua Marquês do Pombal, 783 - Sala 207
90540-001 - Porto Alegre, RS
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Ketlen Stueber - CRB 10-2221

H673 Histórias do viaduto / Organizado por Claudia Bica e Ana Fonseca.
Escrito por Airton Tetelbon Stein...[et al.] ; - Porto Alegre : Bestiário, 2025.
222 p. : 20cm x 20cm. PDF ; 1,2 MB

ISBN: 978-65-6056-166-3

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Bica, Claudia. II. Fonseca, Ana.
III. Stein, Airton Tetelbon...[et al.] . IV. Título.

2025-33

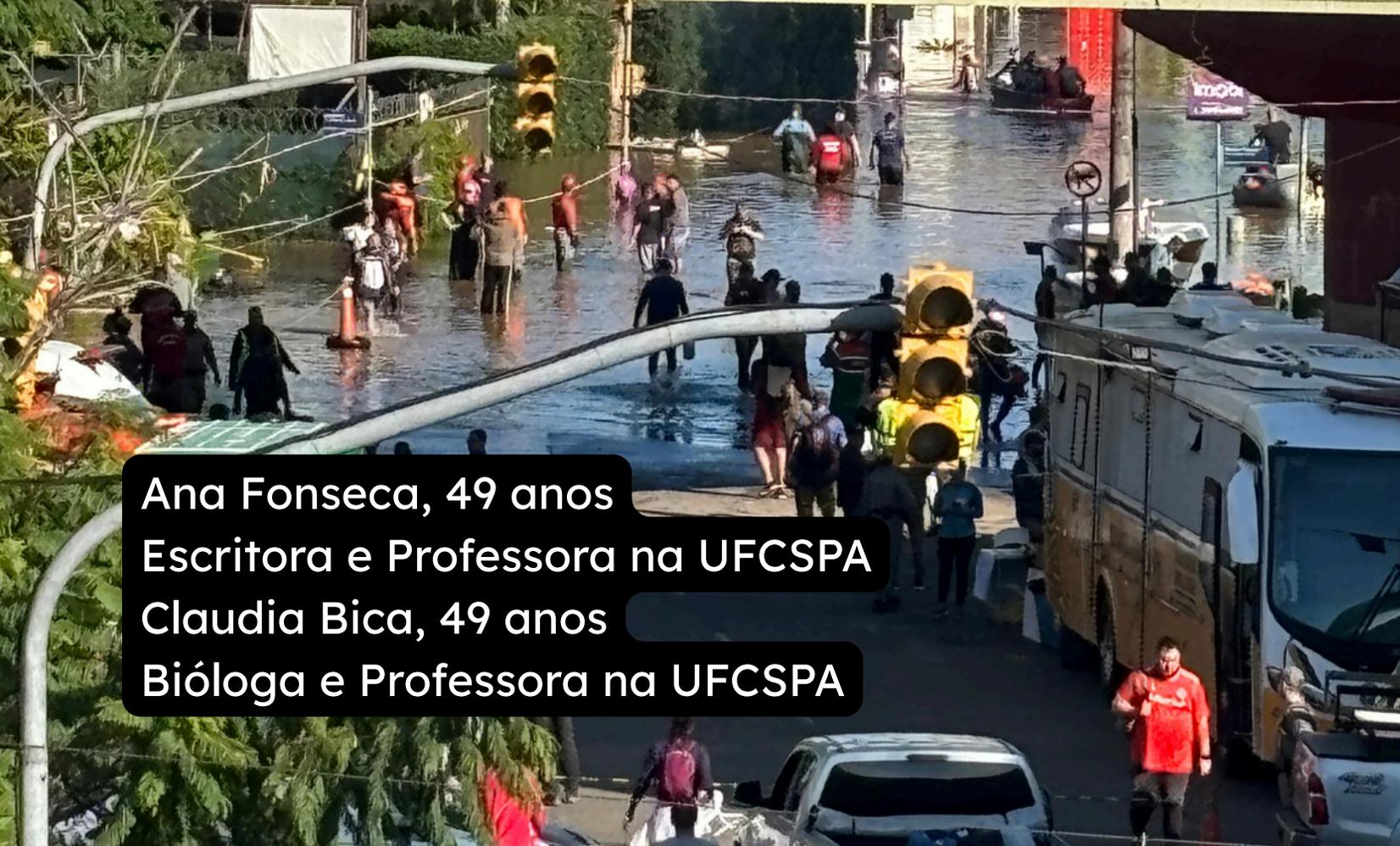
CDD 869.89928

CDU 821.134.3(81)-94

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Crônicas 869.89928

2. Literatura brasileira : Crônicas 821.134.3(81)-94



Ana Fonseca, 49 anos
Escritora e Professora na UFCSPA
Claudia Bica, 49 anos
Bióloga e Professora na UFCSPA

Nota das organizadoras

Em maio de 2024, ocorreu uma cheia histórica em Porto Alegre, e o nível do Guaíba chegou a 5,37 metros. A cota de inundação é de 2,10 metros nas ilhas. O viaduto da avenida Cairu virou ponto de chegada e de partida para resgates. Algumas pessoas que lá estavam salvando vidas se dispuseram a contar histórias do que viveram. A elas agradecemos por gestos e palavras cheios de solidariedade e humanidade! Sem elas este livro não existiria! Dentre milhares de heroínas e heróis que saíram de suas casas para ajudar a quem precisava em um momento tão difícil no Rio Grande do Sul, alguns saem do anonimato. Seus nomes estão listados abaixo. As histórias contadas, em certo sentido, não são únicas, pois se repetiram centenas de vezes, com pessoas diferentes. A todas elas, nosso lamento pelo ocorrido e nosso afeto! E como o modo de contar uma história também importa, neste livro, cada uma delas está contada em um só fôlego, para emular a intensidade do que foi vivido, dia a dia, no viaduto da Cairu, sem pausa, sem descanso, sem entrada nem quebra de parágrafo. Então, respire fundo, e vamos lá! As fotografias que ilustram este livro são registros feitos pela Professora Claudia Giuliano Bica, que, desde o primeiro dia, foi voluntária no grupo que trabalhou no resgate e cuidado de pessoas afetadas pela enchente e é uma das organizadoras deste livro. Agradecemos a Andressa Boone pela ajuda na diagramação.



Autoras e autores

Airton Tetelbom Stein
Alice de Medeiros Zelmanowicz
Ana Fonseca
Ana Claudia Souza Vazquez
Ana Cristina Borba da Cunha
Camila Güntzel
Carla Beatriz Haeser Ramirez
Carla Rynkowski
Cintia Jardim
Claudia Giuliano Bica
Daniel Kumpinski
Eduarda Botelho
Eduardo Marona
Eliane G. Rabin
Giany Morigi Bortolozzo
Giovani Basso da Silva
Inaiara Vargas
Joana Corrêa de Magalhães Narvaez
Karine Fogolari Kubasjewski
Leonardo Rocha de Almeida
Letícia Fabrício Ponsi
Lilian Ramos
Lucas Lima da Silva
Lucia Campos Pellanda

Luciana Mello de Oliveira
Luciane Maria Fabian Restelatto
Luciano Aita
Lucila Ludmila Paula Gutierrez
Maria Fernanda S. Hennemann
Mariana Prolo Benck
Marianna Rodrigues Vitória
Mariana Spuldaro Basualdo
Matheus Soares Rocha
Mellina da Silva Terres
Nataly Pacheco
Pietro Bica Belmonte
Rodrigo Polydoro Oliva
Ronei Bittencourt Machado
Simone Schneider Amaral
Simone Travi Canabarro
Sheila Gonçalves Câmara
Stefani Rodrigues Caloni Oliveira
Thays Dantas
Tonantzin Ribeiro Gonçalves
Wilson Pasin
Vinicius Py Camargo
Vitor Augusto Bauer
William Ramos Dutra



Claudia Bica, 49 anos
Bióloga e Professora na UFCSPA

Apresentação

Este livro nasce da urgência de preservar as histórias daqueles que se levantaram em meio à tragédia, das mãos que, de forma desinteressada, estenderam-se para salvar, amparar e reconstruir. Ao reunir os relatos de quem viveu a enchente de perto — especificamente no entorno do Viaduto José Eduardo Utzig, vulgo viaduto da Cairu —, estamos imortalizando não só um momento histórico, mas, sobretudo, o espírito de solidariedade que emergiu em um dos momentos mais desafiadores da história recente do Rio Grande do Sul. Os relatos são de importância inquestionável porque valorizam o voluntariado como uma força vital em tempos de crise. Cada ação relatada representa o engajamento humano diante do caos, e a narrativa dessas experiências serve como um farol para futuras gerações, inspirando novos voluntários a se mobilizarem frente a catástrofes. Este livro se constitui também como uma documentação narrativa histórica crucial dos bastidores do voluntariado. Reunimos aqui sentimentos, reflexões e lições aprendidas que acompanham a vivência de uma enchente dessa magnitude. O impacto humano, que por vezes é diluído nos registros oficiais, ganha aqui protagonismo, em um panorama profundo da resistência coletiva. Cada testemunho também se revela uma pode-

rosa ferramenta de reflexão e empatia. Ao ler as histórias aqui contadas, você se depara com o lado humano da tragédia — não apenas o relato frio dos danos materiais ou da perda de vidas. A força emocional dos relatos promove uma identificação imediata com os que sofreram e os que ajudaram, gerando reflexão sobre a importância de se agir em conjunto diante do sofrimento alheio. Além de valorizar o presente, o registro dessas histórias é um compromisso com o futuro. Preservar memórias como estas é vital para que os momentos de coragem e sacrifício não se percam no tempo. As histórias do Viaduto José Eduardo Utzig, durante a enchente de 2024, com sua centralidade nas operações de resgate, será lembrada não apenas pelos desafios enfrentados, mas também pela resiliência e união de uma comunidade. Por fim, este livro serve como um ponto de partida para mudanças sociais e políticas. Ao documentar os esforços de resposta e resiliência. A tragédia da enchente expôs fragilidades na infraestrutura e na capacidade de resposta urbana. Este livro é também um lembrete de que, ao honrar o passado, podemos construir um futuro mais seguro. Portanto, mais do que simplesmente relatar acontecimentos, fazemos um tributo à coragem, uma reflexão sobre a natureza humana em tempos de adversidade e um manifesto pela memória coletiva e pela ação solidária.

Zona Sul

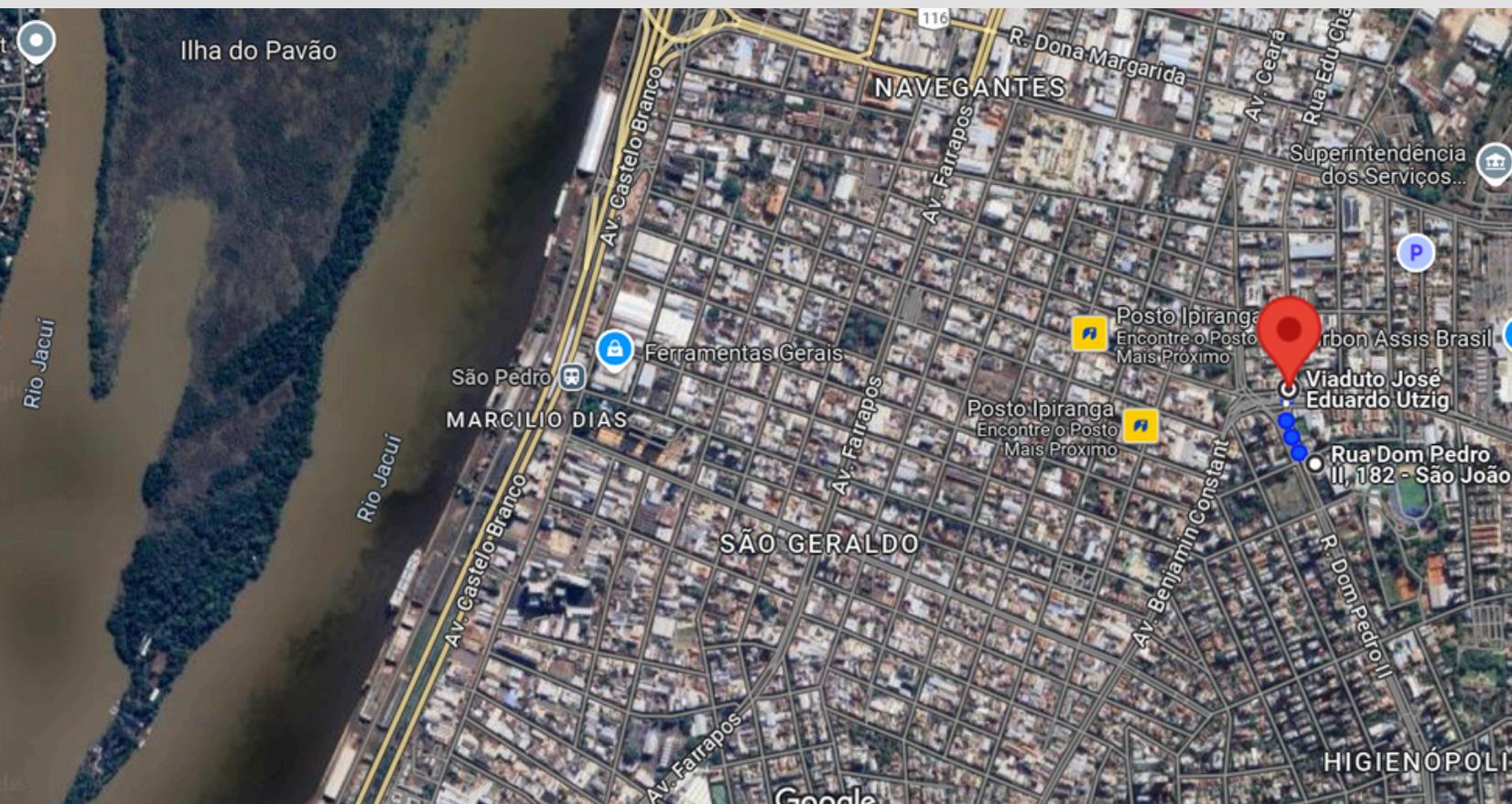
Claudia Bica, 49 anos
Bióloga e Professora na UFCSPA



Contextualização

A enchente de 2024, que assolou Porto Alegre, revelou não apenas a fúria incontrolável das águas, mas também a fragilidade de uma cidade em busca de resiliência. Entre os inúmeros cenários de devastação, o Viaduto José Eduardo Utzig, parte crucial do Complexo da Terceira Perimetral, emergiu como um ponto de tensão e de esperança. Localizado na Zona Norte, entre a Rua Pereira Franco e a Avenida Dom Pedro II, o viaduto, idealizado para descongestionar o tráfego e conectar áreas importantes da cidade, tornou-se um símbolo dos desafios que a infraestrutura urbana enfrenta em tempos de crises climáticas. Naquele período crítico, enquanto as águas invadiam ruas e avenidas circundantes, o viaduto não apenas testemunhou o caos da inundação, mas foi também palco de uma intensa batalha de resgates e evacuações. Voluntários e autoridades se reuniam ali, enfrentando as dificuldades impostas pela inundação, para salvar vidas e tentar minimizar os estragos de uma catástrofe que escapava ao controle. As águas, implacáveis, transformaram o local em um ponto de convergência não planejado para a solidariedade, e as operações de salvamento simbolizaram a resiliência da cidade frente a uma tragédia de proporções inéditas. O Viaduto José Eduardo Utzig, que nasceu de uma visão de crescimento urbano, foi, durante a enchente, uma lembrança dura

de que o desenvolvimento sem adaptação à realidade ambiental tem um preço alto. O evento revelou, com clareza, a necessidade de revisitar o planejamento urbano e repensar a infraestrutura, não apenas para lidar com o presente, mas, também, para se preparar para o futuro. Porto Alegre, como tantas outras grandes cidades, convive com a ameaça constante de enchentes, resultado de uma combinação de crescimento desordenado, drenagem ineficiente e pressões das mudanças climáticas. Esse local, outrora projetado como um ponto estratégico de mobilidade, transformou-se em uma evidência da vulnerabilidade urbana. Os estragos à volta do viaduto mostraram que as enchentes não discriminam espaços, atingindo igualmente áreas comerciais, residenciais e vias públicas. Os danos materiais foram imensos, mas, para os que presenciaram os resgates, os verdadeiros heróis não foram os arquitetos das grandes obras, mas aqueles que, com coragem e dedicação, arriscaram suas vidas para salvar as dos outros. O Viaduto José Eduardo Utzig, nesse contexto, transcende sua função original de infraestrutura e se torna uma marca na história recente de Porto Alegre, um lembrete de que as cidades modernas devem ser construídas não apenas para prosperar, mas para resistir e se adaptar à adversidade inevitável que o futuro trará. A enchente de 2024 pode ter sido um evento extremo, mas ela nos deixa lições importantes sobre a interseção entre natureza e urbanização, resiliência e solidariedade, e o desafio permanente de proteger vidas em meio ao caos.



Fonte da imagem: Google

A distância entre o Rio Jacui e o Viaduto José Eduardo Utzig é de 7km. A distância entre o clube SOGIPA e o Viaduto é de 400 metros. Entre esses pontos, relatamos a união da força de diversos voluntários que trabalharam durante a enchente de maio de 2024.



Lucia Campos Pellanda, 57 anos
Médica, Professora e Reitora da UFCSPA

Prefácio

Escrevo este prefácio sob a emoção de ter lido os depoimentos do livro e revisto as fotos de maio de 2024. As lembranças voltam com força. Quando as previsões mostravam que as chuvas de maio seriam intensas, começamos a nos preparar. As professoras Alice Zelmanowicz, assessora de Ação Social da UFCSPA, e Claudia Giuliano Bica, coordenadora do Núcleo Rondon UFCSPA, atenderam imediatamente ao chamado. Sabíamos que seríamos necessárias. Em pouco tempo, elas organizaram a equipe de voluntários e previram as principais ações. E a nossa comunidade, composta também pelos nossos egressos, respondeu em peso. A mesma comunidade que já tinha trabalhado muito durante a pandemia, novamente se mobilizou, mesmo duramente atingida. Quando fomos designados para um dos maiores abrigos que estava sendo organizado naquele momento, elas já chegaram lá com um protocolo de atendimento pronto. E todos os cursos responderam. Não por acaso, o secretário de saúde, Dr. Fernando Ritter, considerou o atendimento da UFCSPA como modelo. O abrigo ficava muito próximo ao viaduto José Eduardo Utzig, onde se organizou rapidamente uma base para os resgates. À minha memória volta a sensação de estar vivendo uma situação inacreditável. A

avenida Dom Pedro II estava tomada por barcos e tanques do exército. Os oficiais de trânsito faziam o bloqueio da rua, e só deixavam passar a equipe de saúde e assistência. Na parte de cima do viaduto, que fica muito longe do Rio Guaíba, a avenida terminava na água. Na parte de baixo, uma pequena enseada, onde chegavam os barcos de resgate, e onde a ação acontecia. Aqui é onde a lembrança mais emociona. A atividade era intensa. E, em meio ao caos e ao sofrimento, uma organização grande para a ajuda. Com a sociedade civil, a universidade, a defesa civil, os servidores públicos, as sociedades científicas, os militares, cooperativas, ONGs, e muitos voluntários de todos os lugares do Brasil. E a senhora do bolo. A senhora do bolo, para mim, representa bem o que nos dá esperanças. Ela estava em casa e pensou: como posso ajudar? Vou levar bolo para quem está lá trabalhando, cansado, no frio. Em meio a grandes tragédias, é nas pequenas coisas que precisamos buscar esperanças. E em meio aos dias que pareciam todos iguais, cinza do início ao fim, eram as pequenas coisas que aqueciam o coração. Um desses dias cinza foi o dia das Mães. Foi isso o que escrevi naquele dia: “Queria escrever algo bonito para hoje, algo que desse esperança. Não estava conseguindo achar esperança em mim, então fui procurar. Talvez a esperança esteja nas crianças jogando bola em meio aos colchões aqui no abrigo. Ou no tanto de gente no resgate. Na barraquinha de carona solidária. Na barraquinha do café porque os socorristas estão na chuva há horas. Na

senhora que passa oferecendo bolo. Bolo sempre aquece a alma. Minha filha está longe, sem conseguir voltar, mas o meu presente é que ela está em segurança. Talvez ser mãe seja isso, gestar esperanças. Então todo mundo tem um pouco de mãe em si. Que a gente possa aprender a cuidar da nossa mãe Terra. Maltratada, desprezada, ignorada. Generosa, florescendo, alimentando, apontando caminhos, mas ensinando sobre consequências. Que a gente aprenda a respeitar as águas para não passar por isso de novo, que a gente possa recuperar a natureza, que ainda haja tempo.” E enquanto eu pensava isso, o Pedro chamou para ajudar a escutar um bebê no sonar. E lá estava ela, a esperança, no tum-tum daquele coraçãozinho, uma vida nova, um retrato tão simbólico desse dia e dos que virão. Que ela já encontre um pouco de reconstrução quando chegar. ❤️ Que este livro seja uma forma de nunca esquecermos. Que este livro seja uma lembrança sobre as pequenas e as grandes coisas que nos dão esperança. Muito obrigada a todas e todos que participaram, trabalharam, ajudaram, salvaram vidas, ofereceram conforto, carinho e trouxeram bolo.



Alice Zelmanowicz, 62 anos
Médica e Professora na UFCSPA

Desde o início das notícias de que teríamos um evento climático extraordinário, com necessidade de recursos humanos excepcionais para o enfrentamento do que viria, a Reitoria da UFCSPA se colocou à disposição da Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre, na pessoa do secretário Fernando Ritter e sua equipe, para, sob sua coordenação, oferecer os recursos que estivessem ao alcance da universidade naquele momento para se somar ao atendimento às demandas que apareciam. Tínhamos minimamente nos planejado e organizado rapidamente desde o dia 1º de maio de 2024 e já no sábado, dia 3, fomos designados para contribuir com o cuidado em saúde das pessoas abrigadas na Sogipa. Ao chegarmos no domingo, dia 4, com as nossas equipes, compostas por voluntários da comunidade interna e externa da UFCSPA, logo entendemos que além das atividades voltadas para aquelas pessoas que iam chegando no abrigo, uma situação muito grave e inimaginável ocorria a poucos metros dali. A chegada de pessoas resgatadas por água trazidas pelas ruas completamente alagadas na parte alta do Viaduto José Eduardo Utzig. Por demanda do secretário de saúde, rapidamente organizamos as nossas equipes e passamos a participar do atendimento das pessoas que chegavam nas mais diversas condições físicas e emocionais. A primeira ação foi organizar os participantes da Liga Acadêmica do Trauma da UFCSPA e alguns professores médicos para participarem dos atendimentos nas barracas improvisadas que já começavam a aparecer

Ao perceber que era necessário organizar equipes de voluntários médicos intensivistas e emergencistas para esse atendimento que ia muito além do imaginado, solicitei ao Dr. Gerson Junqueira, presidente da Amrigs, que me indicasse alguém do cadastro médico que essa Associação rapidamente organizou e disponibilizou para o enfrentamento da crise que estávamos vivendo, que pudesse liderar essa nossa ação. A Dra. Juliana Mara Stormovski de Andrade, médica intensivista do Hospital Moinhos de Vento e vice-presidente da Sotirgs, foi designada, e foi possível organizar equipes para atendimento médico das pessoas resgatadas por água e que chegavam no Viaduto. O que ela fez rapidamente, envolvendo vários grupos de áreas afins. E que depois se estendeu para outros locais de chegada de resgatados pela água. Como tudo que aconteceu naqueles primeiros dias, iniciativas espontâneas de atendimento já estavam ocorrendo embaixo do viaduto, junto à parada de ônibus e onde as condições de atendimento eram mais viáveis, inclusive com uma série de ações de suporte. Estas ações se mostraram extremamente importantes e incluíam suporte de ambulâncias, apoio das forças de segurança, ações voluntárias de recebimento e distribuição de água, medicamentos e roupas, organização de transporte e abrigo para as pessoas que chegavam e recebimento e cuidado de tantos animais que também eram resgatados. Foi então, que a partir do dia 5 de maio, “descemos o viaduto” onde ficamos participando das ações de atendimento aos resgatados até o

dia 12 de maio, junto com uma multidão de voluntários que vinham das mais diversas localidades, instituições e iniciativas. Os médicos intensivistas e emergencistas organizados em escalas eram os responsáveis pelo atendimento de pessoas que precisavam de cuidados médicos de urgência, professores e acadêmicos acompanhavam e participavam do acolhimento e atendimentos das mais diversas formas. Grupos de profissionais da área da saúde se organizaram e prestaram atendimento dentro de sua área de atuação de forma incansável. Enfermeiros, Farmacêuticos, Fisioterapeutas, Médicos, Psicólogos e tantos outros se organizaram de forma espontânea e redundante. Naquele momento, parecia que essa forma de atendimento era pouco efetiva. Mas foi essa grande disponibilidade de recursos humanos e materiais, a partir de lideranças que surgiam das necessidades reais e imperativas, é que o atendimento de todos que precisavam nas suas mais diversas dimensões foi garantido. Aprendi que o caos assusta. Ainda mais para quem tem formação na área da saúde e está treinado para trabalhar em equipe organizada, com tarefas previamente treinadas e destinadas. Mas aprendi também que o caos gera abundância e se há um interesse comum de bem querer e bem fazer e uma gerência compartilhada e com foco comum pode ser o que se precisa num momento tão inesperado como este que vivemos. Revisar aqueles momentos, rever fotos e mensagens trocadas ainda me traz sofrimento. Talvez nunca deixe de trazer. Mas a vivência e a memória

devem nos levar adiante e saber que salvamos vidas, diminuimos sofrimentos, tornamos a vida de algumas pessoas melhor me conforta. Sou muito grata por ter podido liderar, junto com tantas pessoas, o enfrentamento dessa catástrofe. Sabemos que teremos outras situações difíceis, mas tenho a esperança de que sempre poderei encontrar pessoas que fazem a diferença numa situação como esta. E a UFCSPA foi uma das instituições que fez a diferença.



Rodrigo Polydoro Oliva, 48 anos
Consultor de estratégia e inovação

Tudo o que está escrito aqui são relatos da minha história, da minha vivência, da minha observação e dos meus aprendizados no Front de Resgate do Viaduto Eduardo Utzig, carinhosamente chamado de Front da Cairu. Não são recomendações de melhores práticas, não são discussões sobre o certo e o errado, não são discussões ideológicas, não procuram culpados, e não têm todos os ângulos das visões dos envolvidos. A enchente é de um tamanho jamais visto no Brasil, com destruição de praticamente um Estado inteiro. Estamos embaixo d'água há semanas e ainda serão necessários muitos dias para que tudo fique seco. Estamos vivendo a maior tragédia provocada pela natureza no Brasil. O impacto gerado pelas enchentes será sentido por anos, talvez décadas, no RS. A verdade é que nem a população nem as esferas municipal, estadual e federal do Estado e suas corporações estão preparadas para um desastre dessas proporções. Nosso cérebro se guia pelas ortodoxias existentes e pelos padrões que conhecemos, então nem sempre antevemos o que, depois que ocorre, é tão fácil de visualizar. Acreditamos que tudo será menor do que realmente pode ser. Durante esse processo nos deparamos com várias afirmações. “Nunca aconteceu antes.” “Estão exagerando.” “Só os ansiosos estão saindo de suas casas.” “No Brasil isso não acontece, não temos furacão, terremoto, vulcão e guerras.” “No último alerta de ciclone, não trabalhamos e suspenderam as aulas e o ciclone veio mais fraco.” “Quando parar de chover a água vai embora rapidinho.” Eu mesmo

não acreditei que tudo isso pudesse acontecer. Fui buscar a minha mãe na casa dela em um dos bairros que mais foi alagado em Porto Alegre achando que ela voltaria em 3 ou 4 dias. Com isso, peguei poucas coisas, poucos remédios de uso contínuo dela e não modifiquei nada de lugar. No final, a água invadiu toda a casa e ela perdeu tudo, principalmente as suas lembranças. Quando percebi que essa enchente era diferente de tudo o que já tinha visto, primeiro fiquei atônito e sem rumo, olhando as notícias e tentando processar tudo. Eu fiquei me perguntando o que deveria fazer, mas a resposta não era óbvia. Minha esposa me chamou para ir a um abrigo, ajudei, mas não me senti útil o suficiente. Eu queria mais e precisava dar mais, não sei explicar esse sentimento, mas tudo era pouco. Então, em uma conversa com minha esposa ela me pergunta: “O que você quer fazer, Rodrigo?” “Eu queria estar nos barcos resgatando as pessoas.” “Então vai.” “O problema é que não tenho barco, não sei dirigir barco, não sei nada de água, então eu vou atrapalhar. E também tenho duas hérnias na coluna que têm me impedido de fazer várias coisas.” No mesmo dia a noite um amigo me chama para levar alimentação no Front da Cairu logo de manhã cedo. Quando cheguei de manhã no Front do Viaduto da Cairu eu me encontrei e me descobri como voluntário. Era uma zona de guerra, um caos total, muitos voluntários, muitas pessoas resgatadas, muita energia, muitos gritos, muito barulho, tudo embaixo da água, uma zona de destruição. Eu só tinha visto algo parecido em

filmes de guerra. Neste dia chorei pela primeira vez, porque vi a minha cidade destruída, as pessoas destruídas, os negócios destruídos e todos estavam incrédulos com tudo que acontecia. Eu comecei com a distribuição de alimentação: era pouco para tudo o que estava acontecendo. Depois pediram para fazer uma corrente humana para retirar as pessoas dos barcos: eu e minha filha fizemos isso várias vezes. E não parava de chegar barcos e jet skis, e então comecei a ajudar a colocá-los na água. Lembram que tenho 2 hérnias? Não sei onde elas estavam. A água era uma mistura de barro, esgoto, lixo, bicho morto, gente morta, insalubre, contaminada. Nesta hora você não pensa, você age com o que é necessário. Passei um turno fazendo isso sem perceber que havia várias outras coisas para fazer no front. Foi aqui e neste dia que realmente vi o conceito de Resiliência ser aplicado de verdade. Porque você se adapta ou não em pouco tempo. Aqui você descobre quem você é. A verdade no seu cérebro acontece. Nas primeiras horas: adaptação ao caos (muita tensão, estresse, batimentos cardíacos altos, nó na garganta, choro e tontura). Depois ou você se acostuma ou vai embora: eu fiquei em um nível de alerta extremo, mas em um nível de tranquilidade que não imaginava ser possível no caos. A adrenalina é tão alta que só fui uma vez por dia ao banheiro, quando chegava em casa. Surreal. Eu me deitava, mas não dormia, porque revivia tudo o que tinha acontecido no dia. E me levantava e voltava para o front com toda a energia. Não sei como tudo

isso é possível. A primeira barraca depois da saída dos barcos de resgate era a da Saúde (pronto atendimento médico voluntário). Vi alguns médicos e enfermeiros em duas tendas de praias fazendo atendimento de uma dezena de pessoas e mais uma dezena de barcos chegando para deixar mais pessoas para serem atendidas. Vi que estava um caos e falei com um médico e com a enfermeira responsável: “Me digam o que vocês precisam que eu arrumo e monto para vocês. Assim, vocês focam em atender as pessoas que estão chegando.” Foi assim que começou minha jornada na barraca da Saúde. Eles me pediam e eu conseguia. Eu conseguia porque falava com as outras pessoas voluntárias das outras tendas (abrigo, alimentação, roupas, carona solidária, veterinária, etc.). O mais interessante de estar no caos é que não sabemos como vamos reagir. Eu me adaptei e me foquei, não por ser treinado para isso, mas porque aconteceu. Alguns amigos dizem que nós só carregamos aqui o que conseguimos e que eu sempre estive preparado para isso, só não tinha sido colocado à prova. Eu não sou melhor do que ninguém, só tive essa sorte. Muitos não conseguem estar no front, é muito desgaste emocional e físico. Neste momento percebi que comecei a ficar tranquilo e muito focado para estruturar toda a Barraca da Saúde de forma que pudéssemos atender todos os resgatados que estavam chegando. Para me adaptar ao caos eu trabalhei prioridade por prioridade e focado na entrega rápida. Aqui tem muito do pensamento de método ágil. Eu olhava o caos e

pensava em como organizá-lo e focava nisso e fazia. Em seguida tudo mudava novamente. A água subiu, muda de lugar, tem muito resgate, aumenta a estrutura, busca medicamento, faz a fila andar. Este era o meu lugar e ali aprendi a me adaptar ao caos. O novo caos e a nova tempestade. Depois de um final de semana e do início de semana enlouquecedores no nível de resgates (foram milhares de pessoas resgatadas nos primeiros dias), mas já com uma organização mais adequada, a quarta-feira nos reservava mais um grande problema. A defesa civil alertou que uma nova tempestade chegaria e com ventos fortes. No dia anterior, havíamos resgatado mais de 1500 pessoas e o sol estava forte. Nossa estrutura de gazebos e tendas de praia não ia aguentar a nova tempestade, então teríamos que nos adaptar novamente. Movemos todas as estruturas das barracas de lugar. A Saúde ficou embaixo do viaduto e mais perto do resgate na água. O restante ficou embaixo da parada de ônibus. Ficamos com um espaço vazio e grande entre as barracas para estarmos melhor protegidos. Foram três horas para movimentar tudo e arrumar novamente. Para nos prepararmos, não poderíamos continuar com a mesma estrutura, precisaríamos reforçá-la para aguentarmos a tempestade. Conseguimos lonas de doadores, pegamos pedras na rua para segurar as lonas, amarramos todas as sete ou oito barracas juntas. Tapamos todos os ralos do viaduto para não cair água na zona vermelha (atendimento emergencial) na Tenda da Saúde. O vento veio forte e tudo isso não

adiantou. Os médicos, o enfermeiro e todos os voluntários da saúde tiveram que segurar as barracas com suas próprias mãos para não voassem. Pediram para que fizéssemos a evacuação do local, mas não podíamos simplesmente ir embora devido a uma tempestade e deixar o front desassistido. Fizemos uma assembleia com todos os médicos, enfermeiros e voluntários e perguntei o que eles iriam fazer. Falei que todos eram voluntários e poderiam ir quando quisessem, mas que eu ficaria. Os barcos estavam no meio dos resgates e iriam voltar com muitas pessoas. O vento estava forte e tivemos a ideia de pegar um ônibus de linha e colocá-lo atrás das barracas para que o vento não batesse diretamente. Hoje dá para perceber que inovamos sem percebemos, por que o ambiente nos exige isso e você usa todos os recursos disponíveis. Montamos o atendimento dentro do ônibus como contingência para os casos mais complicados. Passamos pelo caos novamente e não paramos os atendimentos. No final da tarde, depois da tempestade, sabíamos que nossa estrutura não iria suportar os próximos dias de chuva e vento. Precisávamos agir novamente e montar uma estrutura robusta e profissional, como um hospital de campanha. Neste momento já tínhamos um grupo de coordenadores das barracas atuando fortemente e com muita sinergia. Também tínhamos uma rede de doadores excepcional. Essas pessoas especiais conseguiram angariar dinheiro e queriam fazer chegar recursos na ponta do resgate. Eles foram anjos que conseguiram o que precisávamos

no front. Eu e o time de coordenadores ligávamos para essa rede de apoiadores e os recursos apareciam: “preciso de pallet”, “preciso de lona”, “preciso de comida”, “preciso de cobertor”, “preciso de tudo” e tudo aparecia! Uma rede de solidariedade impressionante, gerida por pessoas competentes e comprometidas. No fundo, todos somos especialistas em algo e nestas horas conseguimos usar nossas competências e o nosso networking para isso. Conseguimos a doação de uma estrutura pesada e robusta com toldos, estrutura de amarração e contenção, no estilo que é utilizado em grandes eventos. Priorizamos a área de Saúde para montarmos o nosso hospital de campanha com uma estrutura para passarmos semanas, se fosse o caso. Organizamos zona vermelha, triagem, atendimento, curativo, farmácia, vacinas, profilaxia de antibióticos. Também montamos uma área de fisioterapia somente para os resgatistas que estavam há muitos dias no front, com dores, cansados, molhados, com pés em carne viva e sem unhas devido ao tempo excessivo dentro da água. Nós conseguimos com nossa rede de doadores financeiros, o dinheiro para podermos alugar as demais barracas e migrar toda a estrutura de tendas e gazebos para uma estrutura robusta. Nos primeiros dias, nós usamos carros elétricos como geradores de energia para iluminação noturna. Depois, fizemos ligações externas nos postes de luz para podermos trazer iluminação para todas as barracas e ligar os aparelhos de aquecimento para pessoas humanas e animais. Fizemos um mutirão

de voluntários e migramos tudo durante a noite. Uma arquiteta de eventos montou uma planta baixa da nossa estrutura, estávamos nos profissionalizando nisso tudo. Depois, eu consegui dormir as primeiras horas de forma recuperadora. Tive a sensação de que tinha contribuído para que os voluntários pudessem estar seguros e com estrutura mínima para fazer os resgates e acolhimento das pessoas. Com o passar dos dias o movimento de resgates foram diminuindo, o estresse também, mas a solidariedade continuou viva e forte, até decidirmos que não éramos mais necessários. Durante os dezoito dias de operação, nós resgatamos seis mil pessoas e três mil animais, aproximadamente. Mas mais do que tudo, resgatamos a nós mesmos. Depois disso não seremos os mesmos: já não somos.

TRIAGEM MÉDICA

Carla Rinkowski, 47 anos
Médica e Professora na UFCSPA

Meu relato não é de um atendimento em si espetacular, mas do meu primeiro dia de atendimento no viaduto quando ainda estava sob a "tutela" da UFCSPA. A UFCSPA estava como que responsável pelo posto de resgate que se montou embaixo do viaduto da Dom Pedro II e, pela Universidade, aquele era meu turno para comparecer e ajudar como professora no que fosse preciso. Em paralelo, eu estava escalada para atendimento no viaduto como médica intensivista, numa escala que um grupo de intensivistas e emergencistas e depois outras especialidades se uniram para cobrir o atendimento médico nas regiões de resgate, dentre elas o viaduto que foi um dos primeiros locais. Cheguei na Sogipa e a professora Carolina Leães organizou quem iria para onde. Ela ficou lá, e me direcionou para o viaduto. Fui acompanhada de dois doutorandos e alguns acadêmicos. Chegando no viaduto, já havia alguns médicos. Eu me apresentei e perguntei pelas especialidades, enquanto fazia uma triagem visual do cenário. Como nenhum deles quis assumir o papel de líder, eu me dispus. Mas diferente de como estamos acostumados a trabalhar, em que ocorre uma "passagem de plantão" com passagem de informações, ali não havia isso. Então fui perguntando. Ao mesmo tempo que descobria informações da lógica local, ia determinando o que precisava ser feito pensando numa lógica de preparo do local e time para o que poderíamos precisar. Era uma manhã em que começou a ventar e tinha previsão de chuva forte para chegar em poucas horas. O volume maior

de atendimento era de vítimas resgatadas e também de resgatadores — sim, esses eram também nossos clientes de atendimento porque se expunham a muitas situações adversas. Enquanto bolávamos uma estratégia de movida dos gazebos para ficarmos mais embaixo do viaduto, também era planejada a cobertura deles com lonas e pensamos que precisaríamos colocar em cima de mesas tudo que estava no chão pela expectativa de que também ali ficaria inundado e perderíamos os insumos doados. Em paralelo iam chegando médicos de diferentes especialidades e eu me apresentava e tentava explicar como faríamos o atendimento naquela manhã e como estava a lógica da manhã, sim porque tudo mudava. A equipe não era fixa, alguns chegavam e saíam quando queriam e nem sempre se apresentavam. Alguns já tinham vindo em outros dias e preferiam fazer como já tinham feito. Não era o momento para briga de egos. Nem mesmo a líder do momento dominava todas as instâncias, e, diversas vezes, eu disse “não sei, mas vou descobrir” e pedi ajuda. Percebi a importância do líder e dessa organização hierarquizada, mas nem sempre conseguíamos que ela ocorresse. Nas outras áreas vi que também havia líderes, mas não estavam todo tempo lá. No final da manhã chegou uma enfermeira que foi determinando algumas coisas e disse que estava coordenando nos outros dias. Seu tom contrariou um pouco as pequenas combinações que havíamos feito com a equipe de apoio. Mas, aí, vi a importância de sabermos trabalhar em equipe e

entender que a liderança pode mudar de forma constante a medida que outras necessidades surgem. Não cabia a mim ficar ofendida com ela no momento. Agradei pela sua presença e deixei que naturalmente ela fosse assumindo o que, afinal, já estava de fato fazendo, num entendimento de que eu era apenas mais uma pecinha tentando compor nosso quebra-cabeça. Fiquei muito surpresa com nosso líder do apoio, um homem de meia idade, magro, alto, humilde, com excelente interface de comunicação e com uma liderança nata. Era administrador, fechou sua empresa e foi para lá ajudar no apoio, o Rodrigo. Não acreditei que ele não era militar ou de alguma organização tipo escoteiros que estivesse minimamente acostumado com a coisa. Surpreendentemente não era, mas organizava e coordenava com disposição, educação, amabilidade e com sorriso estampado no rosto. Precisaríamos de muitos Rodrigos nos locais onde trabalhamos. Não tinha ruim com ele, ele só nos perguntava o que precisávamos e providenciava. Até luz conseguiu instalar no meio da rua embaixo do viaduto. Sim no dia seguinte já tinha micro-ondas para aquecer alguma solução em caso de hipotermia ou o que mais precisasse. Também chamou-me atenção uma menina que coordenava um setor da logística para ir para os abrigos e conseguir o que se precisava, perguntei “deves ser assistente social, certo?” Não, disse ela, sou estudante do último ano de Odontologia. Aí uma das grandes evidências desse massivo voluntariado, temos muitas habilidades que vão além das nossas

profissões. Numa lógica do ambiente, havia logo na chegada do resgatado, após uma pequena triagem, assim da saída da água uma nova reavaliação rápida. Se a vítima estivesse em estado grave, ia para um setor próximo com macas, e a equipe médica juntamente com enfermagem já prestava o primeiro atendimento, seguindo a mesma lógica de uma "sala vermelha" das emergências. Os menos graves sentavam numa cadeira e uma equipe logo se aproximava tanto para o cadastro como para serem encaminhados trâmites para abrigo a seguir, além de receberem atendimento médico de avaliação com a enfermagem e verificação dos sinais e tratamento de ferimentos, recebimento de profilaxia e outras medicações se fosse necessário. Da parte da farmácia, o funcionamento ficou muito bem com as doações. Era dada medicação na hora, o que a pessoa precisasse, e também era fornecido medicamento para seguir e completar o tratamento se necessário. Depois as pessoas eram encaminhadas para o setor de roupas e calçados, sendo que, em geral, já ganhavam cobertor desde o início. Eram também encaminhados para o setor do lanche que estava disponível para todos, inclusive voluntários que estavam trabalhando. Depois, o pessoal providenciava, com o cadastro, um local para onde a pessoa iria, se abrigo ou casa de conhecido, e providenciavam o deslocamento. Uma cadeia muito bem concatenada, sem nada previsto, se arrumando e ajustando à medida que as coisas iam aparecendo. A UFCSPA providenciava também as

necessidades que iam surgindo. Participamos mais no início. Após, os voluntários, nos seus respectivos setores, foram assumindo. Tinha gente que ia todos os dias numa escala autodeterminada pela vontade de ajudar e pelo compromisso. Porém, em certos momentos, a impressão era de que tínhamos mais voluntários que vítimas, em especial logo após os primeiros dias, quando o desafio passou a ser a mínima organização dos recursos humanos. Apesar de, em certos momentos, termos vontade de dizer para os colegas "olha, está tranquilo aqui com os colegas que já temos, pode ir descansar e vir quem sabe em outro momento", de fato não tínhamos a menor previsão do que iria ocorrer em seguida, nem mesmo se os colegas "dispensados" não poderiam vir a ser necessários. Assim, por vezes, tínhamos a impressão de um excesso de gente, o que também precisava ser organizado por uma liderança, mas nem sempre era aceito ou possível de ser feito, em meio a diversas demandas dos diversos setores. Sim, quando nos colocamos numa posição de líder, estamos à serviço, à disposição para que venham as demandas. Nesse contexto, muitas demandas chegam ao mesmo tempo, como por exemplo a imprensa. Vários jornalistas estavam presentes, ávidos por depoimentos e explicações do que ocorria ali e, tampouco, podíamos deixá-los descontextualizados porque eles eram nossos canais de divulgação de informação para população e era justo que todos soubessem o que estava acontecendo. Inclusive isso precisava ser organizado para

que as pessoas mais capazes passassem informações mais completas e precisas, como no caso da professora Alice Zelmanowicz, que estava na organização desde o início. Portanto naquela manhã encaminhei as demandas relacionadas à imprensa para que ela passasse informações mais precisas. Depois ainda participei do atendimento em outros dias. Foram muitas lições aprendidas. Para um atendimento de catástrofe, da monta que foi, sem uma organização prévia planejada, fizemos um trabalho muito bom. Ficou evidente a necessidade dos voluntários porque, mesmo que os serviços militares e governamentais quisessem, não conseguiriam ter feito todo o trabalho sem a participação da população. Muitos ficaram com a impressão de que foi o voluntariado que fez tudo. Mas isso seria uma injustiça porque de alguma forma esses órgãos maiores estavam ajudando com o que era possível fazer. Eles abraçaram muitas outras instâncias, enquanto a população, em parceria, fez a outra parte. Exemplo disso é que para esse início a Secretaria de Saúde de Porto Alegre, chefiada pelo Dr. Fernando Ritter, solicitou apoio da UFCSPA que, então, assumiu o abrigo da Sogipa e o viaduto. E, imediatamente, contou com apoio dos voluntários, que foram se auto organizando. De lição, vemos que precisamos ter, minimamente, um plano futuro organizado, pois não estamos livres de novas catástrofes, talvez não novas enchentes ou até mesmo. Aprendemos que, além das estruturas formais, como os setores militar e o governamental, que já possuem um plano para o

início do atendimento e logo contam com comitês de crise. Agora contamos também com diversas outras organizações e voluntariado que podemos envolver também numa futura organização que se faça necessária. Precisamos identificar nas nossas instituições esses novos talentos que participaram de forma exemplar e trazê-los para contribuir para estarmos melhor preparados para o que vier. Mesmo em casos de caos, é possível um mínimo de organização, mas é necessário que se tenha um plano prévio e sejam estabelecidas lideranças para serem maestrinas da nossa orquestra.

A wide-angle photograph of a busy street scene. In the foreground, a large white truck is partially visible on the left. A dense crowd of people is gathered on the street, with a man in a bright green shirt standing out in the center. The background shows buildings, trees, and a clear blue sky with scattered clouds. A black text box is overlaid on the bottom left of the image.

Daniel Kumpinski, 45 anos
Médico

O Resgate da Padroeira é uma história que começa na manhã de terça-feira, dia 14 de maio. Eu patrulhava os bairros alagados em torno da base remando em um caiaque. Tinha esperança de convencer as pessoas a saírem de casa, de resgatar algum cão ou gato perdido ou de ouvir um pedido de ajuda mais fraco que o ruído do motor das embarcações. Alguns dias antes, meu amigo Tozetti me contou que, enquanto remava, foi capaz de escutar uma senhora de 90 anos batendo em uma lata com um pedaço de pau para pedir socorro. Procurei, então, circular pelas ruas desertas ou sem saída do 4º Distrito. Queria me certificar de que ninguém ficaria para trás. Batia palmas para atirar os cães e gritava “Ô de casaaa! Resgatee!”, como um vendedor ambulante. Em certo momento, passei ao lado da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. As escadarias da entrada estavam completamente embaixo d’água. As portas estavam abertas, o que me fez pensar que havia refugiados por lá. Do lado de fora, gritei meu bordão. Como não houve resposta, entrei remando igreja adentro e me anunciei novamente. Ao passar pela segunda porta, o grito “Ô de casaaa!” ressoou na igreja vazia de uma forma tão forte e tão linda que fiquei sem ação. No mesmo instante, enquanto o som ainda ressoava e o caiaque deslizava silenciosamente, fui surpreendido pelo vulto da estátua de Jesus Cristo em tamanho real, crucificado na parede à minha esquerda. Por um pequeno instante, pensei que fosse uma pessoa. Não sou católico, mas a cena me pareceu tão linda que fiquei momentaneamente deslumbrado. Ao voltar a mim, decidi observar a situa-

ção. Apesar de a igreja estar alagada internamente até a altura dos joelhos, todos os bancos estavam perfeitamente alinhados. Tudo estava em ordem. Havia duas urnas de doações perfeitamente intactas, dois aparadores de madeira maciça conservavam panfletos secos, perfeitamente organizados sob pesos de papel. A lojinha de artigos religiosos e o escritório, ambos de cada lado da entrada, estavam com as portas de vidro trancadas e intactas. Tive a certeza que não havia sinais de arrombamento. Eu me iludi que havia observado tudo. Antes de sair, recolhi uma vela de sete dias que encontrei boiando na água, pensando em dá-la de presente à avó de meu enteado, uma senhora muito devota que ficaria muito feliz em ouvir essa história. Tentei fechar as portas pelo lado de fora, mas não havia maçanetas ou qualquer tipo de trava. O mínimo balanço da água deixaria o peito da casa aberto novamente, o coração da igreja exposto. No caminho de volta, me arrependi de ter pego a vela sem autorização, mas estava longe demais para voltar e devolvê-la. O resto do dia transcorreu naquela adrenalina de sempre, a correria ininterrupta até o anoitecer. Quando já estava descansando à noite em casa, pouco antes de dormir, me lembrei da vela. Tirei-a da mochila molhada para não estragar e decidi pesquisar no Google se havia um telefone de contato da igreja. Por sorte havia um número de celular. Atendeu a Sra. Dione, secretária da paróquia. Contei a situação, esperançoso que a deixaria tranquila. Ledo engano. A primeira pergunta que me fez foi se a estátua de Nossa Senhora dos Navegantes, santa padroeira da cidade, estava no seu devido lugar

atrás do altar. Eu me senti envergonhado por não saber a resposta. Fiquei tão deslumbrado com a imagem de Jesus Cristo que esqueci da Santa. Deixei Dione preocupadíssima. Combinamos de nos encontrar na base no dia seguinte. Ela explicou que a única forma de fechar as portas seria trancar os ferrolhos pelo lado de dentro e usar uma saída lateral, cuja chave somente ela sabia onde encontrar. No dia seguinte ela não apareceu. Mas remei novamente até lá e me certifiquei de que a estátua estava no lugar. Usei um cobertor que encontrei boiando na água para amarrar os puxadores das portas internas. Não tive, porém, o que fazer com as imensas portas externas, que não tinham maçanetas. Dessa vez, porém, estava satisfeito em ser o portador de uma boa notícia: a imagem da padroeira da cidade estava a salvo, pelo menos por enquanto. Nós nos encontramos na base na manhã seguinte com a missão de, finalmente, fechar a Igreja. Havia muitos barqueiros naquele dia e poucos pedidos de resgate naquele horário. Não foi difícil encontrar um disponível. Por coincidência seu ajudante era o Ítalo, rapaz que chegara na base no dia anterior e que havia me pedido ajuda para encontrar uma equipe de resgate para se encaixar. Também por coincidência um jornalista e um fotógrafo do Correio do Povo, Marcel Horowitz e Ricardo Giusti, me pediram para nos acompanhar para registrar imagens. Era costume da base não ocupar espaço de possíveis resgatados com a presença de jornalistas, mas como essa não era uma missão de resgate, havia dois lugares disponíveis. Também por coincidência, no dia anterior uma certa emissora de TV

havia noticiado falsamente que a situação da cidade havia voltado ao normal. O barqueiro Alexandre concordou que o registro das imagens era importante para mostrar a verdade, aceitando a presença da imprensa. Também por coincidência, um amigo que estava no alto do viaduto gravou, sem ser percebido, um vídeo de quando todos nós embarcávamos. Partimos todos, Marcel, Ricardo, Ítalo, Alexandre, Dione e eu. No caminho, os jornalistas gravaram um depoimento em que salientei que eram os voluntários que estavam financiando, organizando e comandando integralmente nossa base de resgates. Alexandre, o capitão do barco, modestamente não se im-portou em ficar no anonimato. Boas imagens da enchente foram registradas. Dione e os jornalistas, mesmo desacostumados com a situação, toleraram com coragem o frio, o vento e a chuva durante o trajeto. Chegando na Igreja, Ítalo seguiu todos os passos de Dione e cuidou para que ela não tropeçasse ou se machucasse. Ajudou-a a guardar em local seguro os livros de registros de casamentos desde 1914. Recolhemos um pouco de lixo, retiramos as velas que boiavam a água, molhamos os vasos de violetas que se encontravam ao pé da imagem de Jesus Cristo, trancamos as portas de entrada pelo lado de dentro e saímos pelo acesso lateral. Depois de tudo, foi impossível não pensar no poder das coincidências e na força do Grande Mistério. Foi impossível não ser invadido pela ideia de que as portas arrombadas pela enchente representavam simbolicamente que Nossa Senhora dos Navegantes (Iemanjá como é originalmente conhecida) as abriu para nos proteger, unindo as águas de

dentro com as águas de fora. Foi acalentador para meu coração imaginar que Iemanjá abriu os braços e me fez entrar remando e perguntado “Ô de casa” para Jesus Cristo; que ela me fez oferecer ajuda e ao mesmo tempo ser ajudado. E assim termina a primeira história. Ítalo vivia como um andarilho depois que se separou da esposa. Dormia há alguns meses na oficina mecânica em que trabalhava como ajudante no Centro Histórico da cidade, até ser desalojado pela inundação. Dirigiu-se imediatamente à nossa base para trabalhar como resgatista e encontrou um barqueiro que o aceitou na equipe. Recebeu a notícia atrasada do falecimento de seu pai em sua terra natal, sem que pudesse comparecer ao enterro. Depois que os resgates terminaram, aceitou ir para um abrigo onde seguiu trabalhando como voluntário por mais alguns dias. Pouco tempo depois, reatou o relacionamento com a esposa e deixou de ser desabrigado. De certa forma o trabalho o resgatou. Quanto a mim, vivi uma história leve, alegre e bela para contar em meio aos dias de trabalho pesado e estressante. E isso contribuiu para que eu tivesse forças para continuar. Prestei um depoimento à imprensa local que fez meus colegas voluntários se sentirem devidamente representados. Confessei meu furto da vela à Dione e recebi autorização para dá-la de presente. Recebi dos jornalistas as únicas fotos que tenho para guardar de recordação daquelas semanas. Marcel e Ricardo puderam exercer seu dever cívico e registrar imagens para mostrar a verdade, para alertar que os problemas ainda não estavam resolvidos e que as vítimas continuavam precisando de ajuda.

Ainda não sei como a nossa missão marcou o coração do barqueiro Alexandre. Quanto à Dione, as lágrimas que trocou conosco durante os abraços de despedida falam por si. Restará para sempre a eterna dúvida se nós que salvamos a imagem da Santa ou por ela fomos salvos. Antes disso, o primeiro dia e o encontro com Débora. Não é simples expressar minha admiração por ela. Ela pensava rápido e se mostrou forte e determinada. Seu nome é Débora, uma mulher jovem, de pele muito clara que conheci dentro d'água no meu primeiro dia de resgates na Av. AJ Renner no bairro Humaitá. Era 5 de maio, um dia muito ensolarado no primeiro domingo após as inundações. Para entenderem minha admiração, preciso antes descrever o que enfrentei até encontrá-la. A enchente começou na sexta-feira. Moro no bairro Tristeza a seis quarteirões do lago Guaíba, longe de qualquer risco de inundação. Não assisto à televisão. Soube das notícias por comentários vagos e imprecisos no grupo de WhatsApp do meu condomínio. Passei quase dois dias alheio à realidade, sem me preocupar com o que estava acontecendo. No sábado à noite, 4 de maio, peguei minha bicicleta e decidi conferir com meus próprios olhos o nível da água, muito mais por curiosidade do que preocupação. Passei pela frente de um residencial geriátrico que havia sido evacuado às pressas. A água estava no nível dos joelhos, mas eu estava seco e seguro do outro lado da rua. Pensei que os idosos foram retirados apenas por precaução, pois vi que a água não entrava porta adentro. Funcionários e familiares caminhavam

pela água carregando colchões na cabeça. Nem me ocorreu a ideia de ajudar. Gravei um vídeo com o celular para informar aos meus vizinhos. Pedalei depois pela orla em frente ao antigo bar Timbuca. A água estava com aproximadamente dois metros de profundidade e cobria completamente as quadras esportivas, mas não ultrapassava a mureta da calçada. Mais uma vez me iludi que não havia perigo e apenas gravei outros vídeos, como um paparazzi sem discernimento. Ao chegar em casa, em outro grupo de WhatsApp um amigo mostrou imagens chocantes de um grupo de jipeiros praticando resgates nos bairros alagados. Contou que eles estabeleceram uma base no topo do viaduto da Av. Dom Pedro II. Foi só então consegui começar a despertar. Imaginei que saber surfar e possuir uma roupa de neoprene e um par de botas de trekking seria o suficiente para me voluntariar a ajudá-los. Decidi acordar bem cedo na manhã seguinte e mal consegui dormir depois disso. Aproveitei a insônia e comecei a me arrumar antes do sol nascer. Dirigi meu carro já completamente vestido com as botas e a roupa de neoprene, prevendo que não teria onde me trocar. Ao chegar perto do local, tive que estacionar antes das barreiras policiais que bloqueavam a rua. Ao me ver subindo o viaduto a pé, um policial ergueu a fita zebra e me deixou passar sem fazer qualquer pergunta. Com receio de ser barrado, não pedi informações. Esses pequenos acontecimentos parecem tão banais que não mereceriam menção, não fosse o fato de que vivenciei todos eles com certo medo e com uma sensação de que a realidade

era como um filme de ficção que passava diante dos meus olhos. Cheguei cedo demais, antes das equipes de resgate. Estava ansioso e resolvi entrar na água caminhando. Uma policial me informou que uma senhora idosa e seu neto Gabriel, de oito anos de idade, estavam perto dali e poderiam ser resgatados a pé. Ela poderia caminhar ao meu lado enquanto eu carregasse o menino nos ombros. Estavam num prédio ao lado de uma igreja há sete quarteirões dali. Bastava eu seguir pela Rua Pereira Franco até desembocar na Av. Ceará, depois seguir até o viaduto Leonel Brizola e caminhar por cima dele para cruzar os trilhos do trem. A igreja estava à direita logo do outro lado. Tive que memorizar as instruções porque não fui preparado para usar um telefone ou uma folha de papel dentro d'água. Um senhor forte, de cabelos brancos, me confundiu com um agente da Defesa Civil e pediu para me acompanhar. Eu me senti mais seguro em companhia dele. Ele se chamava Romildo e queria encontrar parte da família. Estavam sem comunicação. Tinha intenção de convencê-los a sair de casa. Durante a caminhada, descobri que o deslocamento pela água por grandes distâncias é bem cansativo. Conforme a profundidade, ou se faz muita força ou se perde a aderência com o chão. Em qualquer situação o avanço é muito lento, e forçar a velocidade provoca muito desgaste. A importância desses detalhes fará mais sentido quando eu descrever o encontro com Débora. Chegando ao prédio ao lado da Igreja, descobri que Gabriel e a avó felizmente

havam sido resgatados na madrugada anterior. Decidi então seguir a pé pelo bairro Humaitá para ajudar em outros resgates. Romildo quis me acompanhar, mas sugeri que ele permanecesse no segundo viaduto, onde era o ponto de encontro com sua família. Eu me uni pouco tempo depois a João Lucas, um rapaz que me chamou atenção por vestir uma roupa de neoprene e arrastar uma prancha de surf. Passamos o resto da manhã tentando convencer moradores a deixarem suas casas. No início da tarde voltamos caminhando até o Viaduto da Av. Dom Pedro II, onde conseguimos pranchas de stand up emprestadas com um shaper de nossa cidade. Retornamos ao Humaitá remando em trio. Mas eu era o único que estava sem quilhas, o que fazia eu mover em zigue-zague. Acabei ficando para trás e circulando sozinho novamente. Naquele contexto caótico existia um clima de urgência e solidariedade entre os resgatistas. Todos se ajudavam imediatamente sem pedir explicações. Formalidades eram intuitivamente irrelevantes. Eu entrava remando nos becos e vielas estreitas e tentava convencer as vítimas a se deslocarem até a Av. AJ Renner para pegarem carona nos barcos ou jipes. Se necessário oferecia a prancha como boia para empurrá-los. Finalmente convenci uma família a sair de casa. Dois meninos, de nove e dez anos de idade, subiram em cima da prancha. A mãe e o avô caminharam comigo pela água. Bastou eu acenar para um jipeiro, e ele imediatamente os embarcou. Tive que passar as crianças pela janela, porque a água já alcançava a porta. A mãe e o

avô se seguraram nos suportes pelo lado de fora. Perguntei ao jipeiro se ele retornaria ao mesmo local, pois eu pretendia buscar um vizinho da família, um rapaz hemiplégico, que tinha um braço e uma perna paralisados por sequela de um AVC. Foi então que Débora entrou em cena. Desceu do jipe imediatamente e disse ao motorista: “Pode ir embora que eu vou ajudar a buscar o outro”. Quando o carro partiu, perguntei como fariam para se encontrar novamente. Ela respondeu que apenas pegou carona e que estava praticando resgates a pé desde as sete horas da manhã de sábado. E já estávamos no meio da tarde de domingo! Lembrei imediatamente o quanto demorei para sair da paralisia e entrar em ação, e o quanto é cansativo caminhar pela água. Pensei com meus botões: “Caramba, essa guria é fera!”. Ela estava há 30 horas na água, não pensou duas vezes antes de começar, não usava roupa de neoprene e nem uma mochila onde pudesse guardar água e comida. O dia estava bem ensolarado, e ela estava com o rosto bem avermelhado devido à pele muito clara. Fiquei tão impressionado com o fato de ela ter virado a noite na água, que não me recordo se ela aceitou ou não quando ofereci meu protetor solar. Ela também me contou que estava ali porque já fora moradora do bairro durante três anos. Foi por sentimento de pertencimento que decidi ajudar. Quando voltamos na casa da família resgatada, ela imediatamente subiu ao segundo andar e desceu carregando o rapaz nas costas pela escada abaixo. A escada era tão estreita que

não pude ajudar. Ela apenas disse: “Tudo bem, não tem problema, eu consigo”. É importante mencionar que ela não era uma mulher grande, devia ter no máximo 1,60m de altura. O homem que carregou, apesar de magro, seguramente pesava mais do que ela. Colocamos ele em cima da prancha e o conduzimos a pé até a avenida, onde o entregamos a outro jipeiro que passava por ali. Mais uma vez não foi necessário qualquer apresentação ou explicação. Bastou acenarmos que o motorista parou, abriu o porta-malas e falou “deixa que eu pego ele”. Segurou-o no colo e o alojou com cuidado dentro do carro. Ouviu nossos agradecimentos e partiu. Nesse momento, Débora e eu deliberamos sobre o que fazer. Eu queria me afastar em direção à Arena do Grêmio para reencontrar meus colegas de prancha, mas ela mencionou que não podia circular onde a água era mais funda. Nesse momento sugeri que ela descansasse, e ela não demonstrou nenhum orgulho, vaidade ou necessidade de parecer forte. Aceitou a sugestão com naturalidade. Estávamos relativamente perto de um dos dois caminhões do exército estacionados na Av. AJ Renner, estrategicamente posicionados para receber os resgatados trazidos pelos jipeiros e barqueiros. Ela demonstrou algum receio em ocupar o espaço de uma das vítimas no caminhão, mas aceitou a proposta de checarmos a situação. Ao chegarmos no caminhão, os militares prontamente nos deram água, informaram que havia espaço e que estavam prestes a partir. Eu me despedi rapidamente, desejei boa

sorte e a vi escalando a caçamba alta para embarcar no caminhão. Desejei também ter a sorte de encontrá-la novamente para conversarmos sobre aquela situação. Sinto falta de não ter tido tempo de dizer o quanto vê-la em ação me provocou admiração, incentivo e segurança. Foi minha companheira de batalha por alguns momentos. Eu me senti especial por tê-la conhecido. Débora é seu nome. Não sei seu sobrenome. Se não posso dar-lhe uma medalha, dou pelo menos esse depoimento. Talvez um dia ela saiba como me inspirou coragem e como a considero uma verdadeira heroína. No final daquela tarde, quando eu já estava bem cansado, perdi meu remo perto da Arena do Grêmio e tive que me ajoelhar na prancha e usar as mãos. A dor nas costas me obrigava a parar muitas vezes para descansar. Mesmo sabendo que talvez anoitecesse antes de eu estar de volta, não me desesperei, pois sabia que Débora enfrentara a noite anterior dentro d'água com serenidade. Quero contar mais uma história, agora sobre sobre coragem e doação. A quantidade e intensidade de experiências incríveis que vivenciei na base de resgates da Cairú foi tamanha que ainda extrapola minha capacidade de elaboração e compreensão. Presenciei tantas pequenas histórias com imenso significado que entendi que o verdadeiro tamanho delas depende da importância que ocupam no nosso coração. E de repente, sem qualquer pedido, me chegou uma imensa remessa de histórias, sem o devido tempo ou instruções para saber onde guardá-las nesse

espaço que existe dentro de todos nós, que pode ser tão vasto e tão pequeno ao mesmo tempo. E foi assim que recebi de minha terapeuta a sugestão de escrever para registrar essas vivências que já não mais cabiam em mim. Não é uma tarefa fácil e tampouco estou acostumado a isso. Posso me virar com os fatos, mas não sou bom em explicar meus sentimentos. É difícil rabiscar meu coração no papel, mas o esforço constrói caminhos para encontrá-lo, como um fio de água vertendo na areia, que pouco a pouco começa a escavá-la tornando mais firme o trajeto e, mesmo assim, sem perder a fluidez. Estou no início do processo, começando a arranhar a superfície de temas importantes que se agarram em mim como se tivessem vida própria. Um deles é a coragem. Custei a perceber que a água há muito tempo é meu esporte, meu chão, meu lazer; que me molhar, passar frio, cair da prancha, mergulhar e remar até a exaustão já era parte de mim, do meu fazer, do meu gostar, do meu verão, do meu surfar, do meu fluir, do meu sonhar. Espero não ser mal interpretado, mas em nossa capital vivemos à beira de um lago que se diz rio, mas, graças a Deus, não é. Não tivemos correntezas fortes arrastando e destruindo tudo que vinha pela frente como em outras cidades. Tivemos uma gigantesca piscina que encheu assustadoramente, mas sem grandes turbulências. Acostumado a receber pancadas de ondas fortes e passar longos segundos sendo centrifugado embaixo d'água, não senti minha vida ameaçada, nem tive minha coragem colocada à prova pela água, mesmo que ela tenha invadido os espaços que antes conside-

rávamos apenas nossos. O que realmente me amedrontou foi estar inicialmente sozinho e sem apoio, duas coisas que considero distintas. Creio que foi por medo de estar sozinho que me uni a diferentes desconhecidos nos meus dois primeiros dias perambulando dentro d'água. Estava em busca de pessoas que, por falta de afinidade com a água, estivessem paralisadas, sem ação, incapazes de saber se proteger. E me unir com alguém nessa lida ampliou minha segurança e me garantiu retorno a uma relativa zona de conforto. Então, veio a sede, o frio e o cansaço. Nada que eu também não estivesse acostumado, exceto por um detalhe: qual o momento de parar? Foi então que percebi que não bastava apenas companhia. Eu também precisava de apoio. No alto do Viaduto Leonel Brizola, completamente ilhado pela água, um morador do bairro Humaitá observava tudo com uma caixa de isopor cheia de gelo e bebidas. Quando me viu carregando a prancha pesada para passar ao outro lado, espontaneamente me deu água e latas de energético, não só para beber na hora, mas também para levar comigo. Concluí que ele estava ali voluntariamente, no meio do quase nada, justamente com a intenção de prestar apoio. Achei a iniciativa incrível, fundamental, simples, pequena e ao mesmo tempo gigantesca. É uma pena que eu tenha esquecido seu nome, mas a rede de pessoas de quem recebi ajuda nesses dias foi tão grande que seria quase impossível lembrar de todos. No fim daquela tarde, já sozinho novamente, perdi meu remo, como eu já contei, e tive que me ajoelhar

na prancha e usar as mãos para conseguir voltar. Não fiquei com medo, mas cheguei tão cansado que decidi atalhar caminho por baixo do viaduto da Cairu. Ao perceber que havia muitas pessoas por ali, resolvi sentar no cordão da calçada para descansar. Foi, então que uma mulher desconhecida tocou meu ombro e me ofereceu café quente, água, comida e isotônico. Aquele cuidado, aquele carinho me tocaram profundamente. Naquele momento eu olhei com mais atenção ao redor e descobri que embaixo do mesmo Viaduto (depois de dois dias procurando me juntar a alguém para não ficar sozinho) havia uma organizada base de resgates. E nela estavam suprindo uma necessidade primordial: apoio. Exausto, sozinho e longe de casa eu me senti vulnerável, mas com apoio eu me senti seguro e mentalmente fortalecido. Aquilo me sensibilizou tanto, que a minha vontade era descansar o corpo e voltar lá o mais cedo possível na manhã seguinte. Ao longo dos dias, conversei com pessoas que também se sentiam assim. Pessoas que sequer tinham tempo de se apresentar e se conhecer pelos nomes trocavam sinceros cumprimentos, apertos de mão, agradecimentos, sorrisos, lágrimas e abraços. Havia um fenômeno muito intenso acontecendo, uma energia, uma comunhão, uma corrente muito forte de ajuda mútua. Cuidávamos não só dos resgatados, mas também de nós mesmos. Uma mão amiga anônima, mas com rosto conhecido entregava um café e, logo em seguida, outra mão vinha do nada, tocava meu ombro e dizia “cuidado, vai te aquecer um pouco na fogueira”. Era as-

sim com todos nós. Vivemos numa realidade paralela, muito exaustiva e, ao mesmo tempo, incrivelmente bela e empolgante. Apoio mútuo. Que campo incrível se formou por lá durante aqueles dias! Consegui, mais algumas vezes, caiaques e pranchas de stand up emprestadas, mas logo me senti obsoleto com a chegada de uma quantidade cada vez maior de equipes de resgate em embarcações a motor. Meu real desejo era me encaixar em uma delas, mas já havia gente suficiente nessa função. Aos poucos comecei a trabalhar espontaneamente com os flanelinhas e manobristas. Ficava dentro d'água, quase o dia inteiro, empurrando embarcações para lá e para cá, ajudando a tirá-las e colocá-las nas carretas e mantendo livre a pista de desembarque de resgatados. Mas a tarefa mais especial era evitar acidentes, solicitando que os barqueiros desligassem o motor ao se aproximarem do cais. Não era o que eu realmente queria fazer, mas garantir que os pés e mãos dos meus colegas de base não fossem amputados por uma hélice ligada na hora errada era tão importante para mim que eu sentia a mesma vontade de acordar cedo todos os dias para voltar lá. A rede de apoio mútuo e o claro senso de propósito, compreendendo que eu era um elo a mais daquela corrente, faziam eu me sentir importante, especial, fundamental. E uma vez que um sincero senso de propósito se faz claro, somos inundados por uma profunda conexão com o nosso próprio ser, e abre-se um campo enorme e vasto dentro de nós que clama por ser regado e cultivado. E talvez aí resida o que realmente

se poderia chamar de coragem. É a determinação de olhar para dentro e para fora e reconhecer que existem prioridades que não podemos deixar de lado, que a busca por um bem maior pode não ser fácil, mas negá-la, negligenciá-la ou abandoná-la nos consome pouco a pouco e nos desconecta de nós mesmos. Então, existe um tipo de doação que não é renúncia, muito pelo contrário, é uma doação que nos alimenta, que nos reconecta com algo perdido ou esquecido, que nos cura e nos fortalece. Tenho acompanhado desdobramentos da experiência na base de resgates em algumas pessoas que trabalharam por lá e vejo que muitos estão com certa dificuldade de se readaptar à vida que tinham antes. Houve um despertar que se recusa a parar, que se recusa a fechar os olhos e descansar. Muitos seguem em busca daquele senso de propósito, daquela energia poderosa que fluía através de todos, daquele sentir-se um elo importante de uma poderosa corrente que conecta a nossa vida com as outras vidas ao nosso redor. Como eu disse antes, começo apenas a arranhar a superfície dessas questões. Imagino que a coragem seja diferente para cada um, mas tem em comum o fato de ser maior quando compartilhada, quando estamos inseridos em um grupo em que as pessoas se protegem, se apoiam, se entendem e buscam um propósito claro, simples, transparente e sincero. A verdadeira doação não é autossacrifício, não causa sofrimento. É aquela que nos fortalece, que está em conexão com o nosso gostar, com o nosso bem-estar, com a nossa auto-estima. Sentir-se impor-

tante é uma necessidade fundamental e todos merecem isso. O segredo não está na natureza da tarefa e, sim, na percepção clara do elo que ocupamos na corrente, na percepção de que o fim está realmente conectado com algo significativo para nós. E por último, importa com quem essa tarefa é compartilhada. Talvez o segredo da genuína coragem e da doação esteja em procurar um grupo que nos dê apoio e que tenha um senso claro de propósito. Para meus colegas de base (que, assim como eu, tiveram seus campos abertos, sua consciência expandida, e estão agora perdidos sem saber onde se encaixar) talvez ter em mente essas duas bússolas possa ajudar. Para além de sua ocupação habitual, procurem também uma tarefa compartilhada com um bom grupo e com um senso bem claro de propósito. Companhia e apoio. Dois conceitos que se expandiram, se conectaram, se transformaram e nos modificaram. Não queremos voltar a ser quem éramos, mas também não podemos deixar para sempre escancaradas as portas de um campo que foram abertas à força também provocando algumas feridas. Como explicou meu irmão, o heroísmo não é uma questão de ser, mas de estar. Ninguém é herói o tempo inteiro. Fomos apenas heróis por alguns instantes. E não é justo nem saudável para nós mesmos tentar permanecer assim indefinidamente. O que precisamos é apenas rede de apoio e senso de propósito. Coragem e doação vêm como consequência, e tudo pode acontecer sem pressa. Com ou sem pressa, é preciso andar e a tenda dos mecânicos e dos combustíveis era

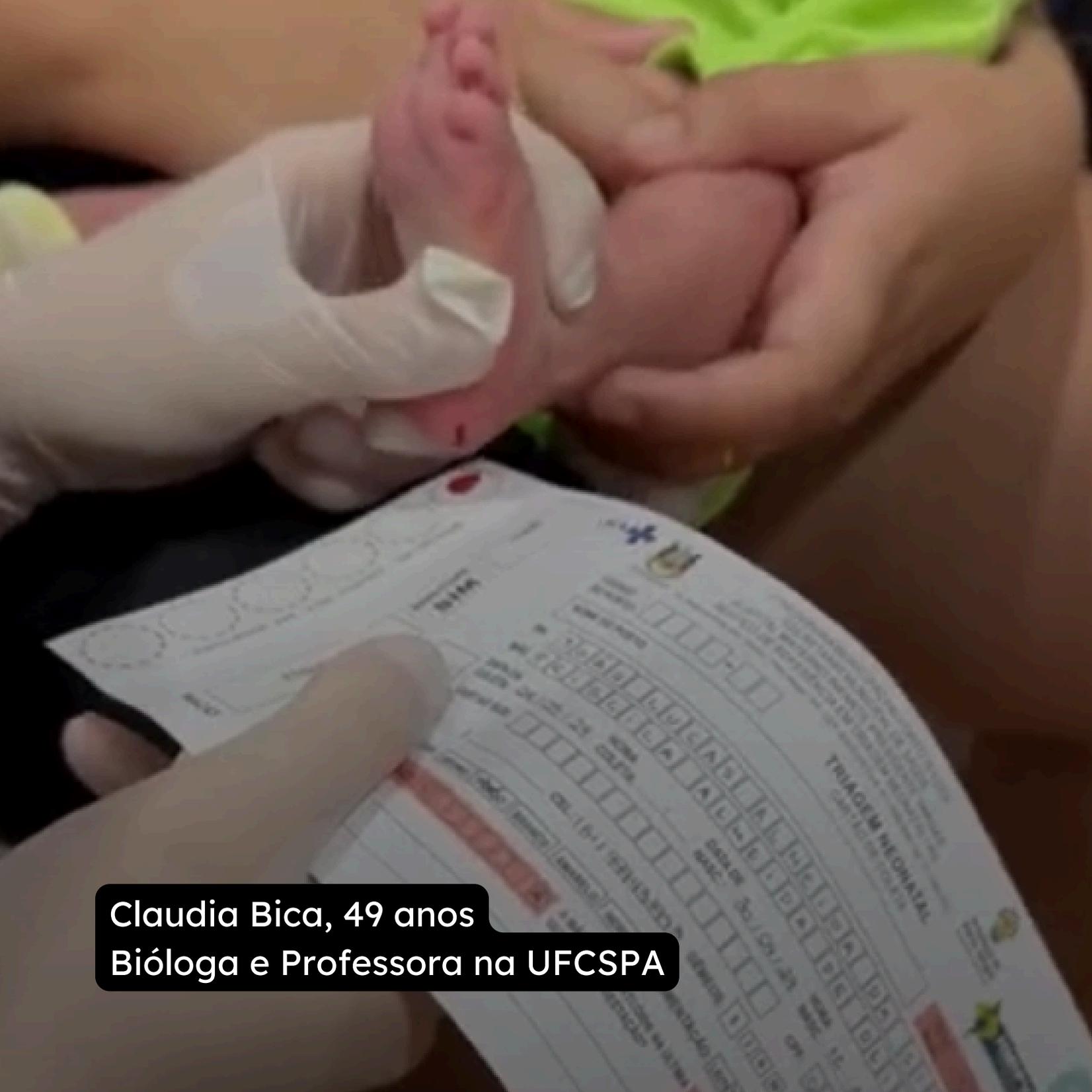
essencial para isso. Durante os dias de trabalho na Base da Cairu, tive a oportunidade de ver muitas coisas incríveis e inspiradoras. O pessoal do setor de combustíveis e do setor de mecânicos me impressionou muito. No auge dos resgates, devido aos entulhos da água da enchente, a turbina dos jetskis, o motor de popa, as hélices e o casco das 55 embarcações estragavam a todo instante. Nos dias mais agitados, vi esse pessoal se comunicando e se movimentando apressadamente de um lado para outro como se fosse um pit stop de Fórmula 1. Pareciam cenas dos campeonatos que vemos na TV. Foram realizados 298 consertos dentro da oficina e 50 reparos dentro d'água. O setor funcionava 24 horas por dia e contava com dois mecânicos-chefe especialistas em motores náuticos e outros quinze mecânicos de automóveis e motocicletas. Certa vez, se dividiam ao redor de seis motores sendo consertados às pressas ao mesmo tempo. Como não havia espaço suficiente dentro da garagem improvisada como oficina, um deles estava deitado no chão do lado de fora, alheio a tudo que acontecia ao redor. Estava tão concentrado e apressado manejando um motor alojado no chão, que permanecia alheio a toda a correria que se desnudava ao seu redor, um turbilhão de pessoas passando para lá e para cá pelos mais diferentes motivos. Desejei que meus olhos fossem câmeras fotográficas para registrar aquela cena heroica, bela, poética e inspiradora. Queria mostrar para os amigos e para família a coisa incrível que acontecia ali bem diante de mim. E me senti lisonjeado de fazer parte daquele movimento. Fui invadido por uma profunda

admiração por um companheiro de batalha anônimo. Meu sentimento era de orgulho por ser colega de batalha deles. Quando minha mãe e meu irmão passaram por lá para me dar um abraço no Dia das Mães, fiz questão de mostrar o seu trabalho. Foi difícil segurar as lágrimas durante esse tour pela base. Eu estava exausto, mas quando acordava pela manhã, sentia pressa em levantar da cama e voltar à base, não só pelas pessoas que precisavam de resgate, mas também porque sabia que esses colegas estavam trabalhando duro. Sabia que alguns deles haviam passado a noite inteira por lá. Sentia que precisava estar junto, seguir o exemplo, mesmo trabalhando num setor diferente. Fiquei fascinado pelo conhecimento que me transmitiram. Aprendi com eles que um motor de popa com potência de 15 HP é suficiente para os alagamentos internos da cidade, mas que nas águas abertas do Guaíba é necessário pelo menos um motor de 40 HP. E com o pessoal da tenda de combustíveis não foi diferente. Em certos momentos eles corriam freneticamente para lá e para cá abastecendo e distribuindo galões com diferentes combustíveis. O setor também funcionou 24 horas por dia e, conforme nossos registros, abasteceu 30 mil litros de combustível. Tudo adquirido por doações, sem qualquer ajuda do poder público. Aprendi com eles que existem dois tipos de óleo diesel náutico para motores de popa: um para motor de um tempo e outro para motor de dois tempos. Aprendi que os barqueiros mais experientes misturam uma quantidade exata de gasolina no óleo para que o motor não afogue.

Além disso, o setor de combustíveis era responsável por controlar o empréstimo e a distribuição de cordas, lanternas, pilhas, ferramentas e diversos equipamentos de proteção individual. E faziam tudo com muita dedicação e simpatia, mesmo cuidando o tempo inteiro para que ninguém acendesse um cigarro perto deles. Diversas vezes peguei emprestados caiaque, remos, coletes salva-vidas, cordas, fitas adesivas, lanternas e outros apetrechos para fazer minhas gambiarras. Eu sabia que podia contar com eles quando precisasse. Não só eu, mas todos ali. Fiquei sabendo com os pilotos de jetski que eles improvisavam telas metálicas de proteção para que os entulhos da enchente não entupissem as turbinas. O cenário da enchente exigia criatividade a todo instante. Os setores de mecânica e combustíveis eram uma equipe de MacGyvers. Eram todos voluntários que pararam de trabalhar e levaram suas ferramentas para batalhar arduamente para que o mínimo possível de embarcações ficasse fora d'água. Apesar do estresse e da exaustão ao longo dos 19 dias que estive por lá, eu viveria tudo de novo se fosse necessário, pois me senti grande quando estava lado a lado com esses gigantes. Mas, uma vez mais, como cheguei até lá? Os velhos e o lago. Pratico surf durante minhas férias de verão há mais de 20 anos. Tenho meu local predileto, meu local de coração na região do Farol de Santa Marta, em Laguna, Santa Catarina. Com as amizades que fiz por lá com pescadores e moradores locais, fiquei sabendo que um barco passa de pai para filho e garante o sustento de várias gerações na

mesma família. Aprendi que, durante a temporada de pesca da tai-nha nos meses de maio e junho, eles obtêm grande parte da sua renda anual. E foi justamente nessa época que muitos deles vieram imediatamente para nossa capital para nos ajudar. Seus barcos fo-ram danificados, seus motores foram perdidos, passaram frio e dei-xaram de trabalhar para batalhar conosco nos resgates durante a enchente. Gostaria de mencionar três representantes desses heróis que atuaram na base de resgates da Av. Cairu, onde durante 19 dias foram resgatadas 5 mil pessoas e 1.500 animais. Luciano, vulgo Catarina, é pescador de Florianópolis. Passou dias usando bermu-das no frio até conseguir doação de uma roupa de neoprene. Veio em comboio pela estrada com seus companheiros trazendo 16 em-barcações de diversas cidades catarinenses. Conquistou respeito imediato com seu sotaque inconfundível e conhecimentos de vete-rano da navegação. Após os resgates, ainda trabalhou durante quase dois meses em um centro de distribuição de alimentos para as comunidades atingidas. Adotou dois cães abandonados nas águas e voltou com eles e com muitas histórias para contar. Lucas, vulgo Lukão, é surfista e consultor de investimentos em Florianó-polis. Largou seu trabalho e veio com amigos de Joinville trazendo um jetski e três embarcações. Foi apelidado de Lagartixa por pular os muros mais altos e telhados para resgatar pessoas e animais em locais de difícil acesso. Foi também o sagrado guardião do fogo, garantindo que a lenha queimasse quase 24 horas por dia em um

tonel de ferro para aquecer os voluntários quando saíam da água. Destruiu todos os seus equipamentos e voltou com diversos cortes, hematomas, escoriações e uma lesão articular no ombro. Poucas semanas depois, teve de voltar a Porto Alegre para acompanhar a internação de sua mãe, que havia sofrido um infarto do coração. Sofreu de insônia e, por algum tempo, passou por dificuldades em processar tudo o que havia visto. Muitas cenas e gritos de ajuda continuaram muito vívidos em sua memória. Ao voltar para casa, seus chefes, que haviam visto seu trabalho nas mídias, o receberam com lágrimas e deram um prazo maior para que estudasse para uma prova de conhecimentos teóricos para receber uma promoção. E, por último, cito Alexandre, vulgo Tramanda. Sua comunidade pesqueira de Tramandaí veio em um comboio com 48 embarcações. Dormiu 19 dias com sua esposa dentro de um reboque embaixo do viaduto sem tirar o sorriso do rosto. Todos os barqueiros catarinenses conquistaram nosso coração, não só pela doação de corpo, alma e bens materiais como também pela coragem, simpatia e bom humor. Hoje entendo no fundo do coração o chavão dos filmes de guerra: foi uma honra ver esses heróis em ação. Foi um privilégio sentar-me junto com eles, partilhar uma marmita, trocar olhares, palavras, lágrimas, apertos de mãos e abraços ainda mais apertados. Sinto eterna gratidão aos voluntários catarinenses que seguem nos ajudando pessoalmente ou à distância. Vocês já tinham minha admiração. Agora os considero irmãos!



Claudia Bica, 49 anos
Bióloga e Professora na UFCSPA

Vivemos o impensável, o inacreditável! Os dias vividos no mês de maio se tornaram inesquecíveis para todos que trataram como voluntários junto ao viaduto da Cairu. Em uma tarde de domingo, eu trabalhava como voluntária junto à Sogipa e alguém me falou: “Não param de chegar pessoas de barco pelo viaduto!” No mesmo momento eu pensei: precisamos ir lá avaliar e ver se podemos ajudar com algo. Começava a anoitecer e as horas seguintes seriam cruciais. Reuni um grupo de voluntários (médicos, acadêmicos de medicina, enfermagem e fisioterapia), e partimos. À medida que nos aproximávamos, os meus olhos viram o inacreditável: barcos, jet-skis e carros blindados anfíbios chegando com mais pessoas ao viaduto já lotado. As pessoas saíam molhadas, com muito frio, desidratadas, algumas com pequenos cortes. E todos precisavam ser acolhidos. Tudo era um caos, e eu não parava de me perguntar: “Como que a água avançou 7 km (distância entre o Rio Jacuí e o Viaduto) e chegou no ponto em que estávamos?” Neste momento, eu realmente não tinha a dimensão do que estávamos vivendo. No primeiro dia de Viaduto, ficamos na parte de cima, com uma barraca de praia improvisada, e iniciamos os primeiros atendimentos. A noite caiu, fez frio e não tínhamos luz. Todos ajudavam com o que e como podiam. Recebíamos água, café e comida de outros voluntários. Enquanto a nossa equipe atendia, eu ajudava com a luz e cuidava do bem-estar da equipe. Aos poucos, os barcos pararam de resgatar, pois já estava muito tarde e seguir com os resgastes

comprometeria a segurança dos próprios socorristas. O bairro, neste dia, não tinha luz. Tudo estava muito escuro. Ao finalizar o dia de voluntariado, subimos o viaduto para a Sogipa em silêncio e incrédulos a respeito do que havíamos presenciado. No dia seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, recomeçamos mais uma vez. As notícias não eram nada animadoras e o caos permanecia. Agora, além da gestão operacional junto à SOGIPA, iniciamos a atendimento junto ao viaduto. A professora Alice Zelmanowicz me disse para “descer lá” e avaliar como poderíamos colaborar, pois a prefeitura nos colocou como responsáveis pelos atendimentos neste local. Ao chegarmos lá, a dinâmica havia mudado e a defesa civil tinha decidido que os barcos chegariam por baixo do viaduto e entrariam por cima, ou seja, todas as pessoas resgatadas chegariam por baixo. Mas, ao descer o viaduto, meu coração começou a bater forte. Eu olhava sem parar para todos os lados e tudo que via era o completo caos. Caos em todos os sentidos. As avenidas largas foram tomadas de barcos e jet skis. O corredor de ônibus foi invadido por barracas e cadeiras de praia que se amontoavam uma ao lado da outra. Não tivemos nem tempo que entender a situação, tudo que fizemos foi nos entregar ao momento e fazer o melhor possível. Tentar controlar o caos não era possível. Tentávamos, em vão, colocar um pouco de ordem, razão e coesão. As pessoas foram tomadas pelo emocional e quase tudo que apreendemos na universidade, sem uma voz única na liderança era

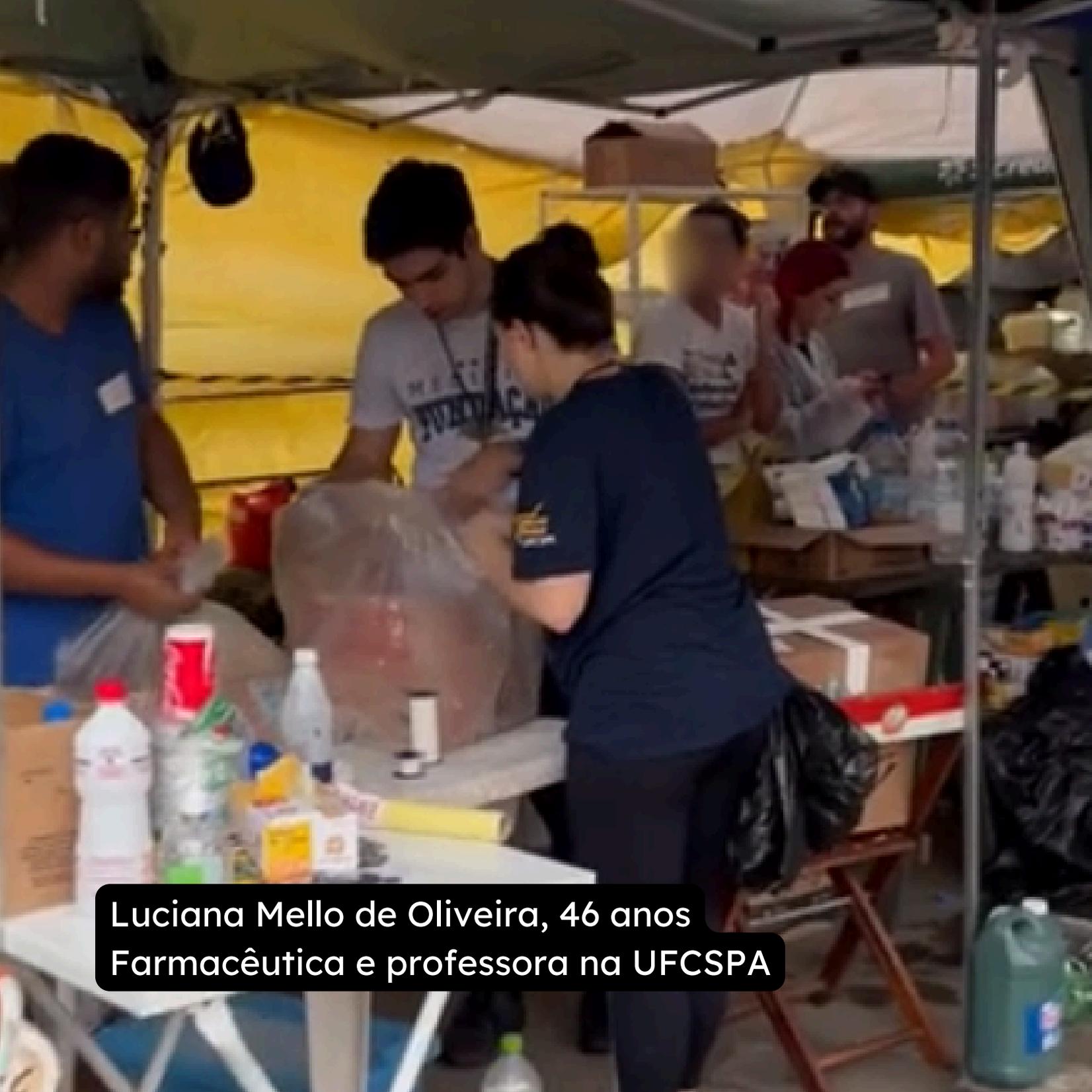
“anarquia”. Sim, estávamos sem um comando e as pessoas tampouco aceitavam ser comandadas. Sabíamos o que tínhamos de fazer, mas como preservar os vulneráveis dos que queriam apenas “estar ali”? Como saber quem de fato e de direito era profissional da saúde? Como entregar a vida de alguém a um voluntário que sequer sabíamos quem era? Eu, particularmente fui tomada de angústia e desespero. Entre a responsabilidade e o emocional, via que outros colegas, de todas as profissões tentavam também em vão colocar ordem no caos. Tudo em vão! Mas, em meio ao caos, víamos organização, doação e entrega. A sociedade civil uniu esforços e transformou o viaduto num local de solidariedade e empatia. Os braços de todos estavam sempre abertos a receber as pessoas desabrigadas, os animais de estimação, os socorristas, e os próprios voluntários que também passaram a necessitar de atendimento. Sentimentos contrários se acumulavam embaixo do viaduto. Mas estavam todos imbuídos de mesmo sentimento o “fazer e pertencer”: o fazer algo, seja entregar uma toalha a quem chegada com hipotermia, ou uma garrafinha de água a um socorrista que não parava nem um minuto; o pertencer à nossa cidade e ajudar o próximo. Por dias convivemos com a incerteza, e vimos o cenário do viaduto se transformar. Presenciei inúmeras histórias que não poderiam ficar guardadas apenas para mim, e escutei atentamente a inúmeros relatos de superação vividos. Foi, então, que comecei a fazer o trabalho de formiguinha e

a recolher os contatos dos voluntários que dividiram comigo as angustias e os abraços deste momento e convidei todos para, junto comigo, compartilharem as histórias vividas. Passado o tempo, vi que o viaduto era apenas o começo do caos. A volta ao lar, dos abrigados, certamente, foi muito mais difícil. E em meio ao caos também vi a vida recomeçar, nascer e fortalecer. Conheci pessoas com o mesmo propósito e senti a esperança e solidariedade crescer sem limites. Eu estive presente em todos os momentos, desde a organização dos abrigos, o socorro no viaduto até em inúmeras faxinas nas casas atingidas, pois recomeçar é preciso.



Luciane Maria Fabian Restelatto, 39 anos
Médica

As semanas que começaram em maio de 2024 foram avassaladoras. Foi numa tarde caótica que montamos um grupo de médicos intensivistas, residentes e doutorandos e fomos oferecer ajuda embaixo de um viaduto. Sem hospital e sem recursos, montamos uma maca, nos juntamos a uma equipe com enfermeiros e técnicos, pegamos alguns medicamentos doados e organizamos uma sala vermelha! Lá vi o melhor do ser humano: centenas de voluntários em barcos, outros tantos cuidando de animais, muitos doando roupas e comidas. Vi os meus mestres humildemente oferecendo cuidado e carinho aos resgatados. Os dias e as semanas se passaram. Viramos um hospital de campanha muito organizado. E muita gente passou lá, com malas, lágrimas e histórias. Vários confessaram que não queriam sair das suas casas por medo do roubo. Perguntei para um senhor o que ele mais tinha medo de perder? A resposta veio pronta: uma TV e uma estátua de São Jorge. Outra senhora me confessou que queria ter ficado. Tinha provisão de água e comida, "estava bem". Mas teve uma queda em casa e precisou de ajuda. Ela me contou que ia para a casa do ex-marido, já que ele ainda tinha grande consideração por ela. Foram tantos hipotérmicos, desidratados, famintos e muitos assustados... Não sei se me senti mais médica no meio de tanta desolação, mas, certamente, me senti mais humana.



**Luciana Mello de Oliveira, 46 anos
Farmacêutica e professora na UFCSPA**

Não lembro exatamente a primeira vez que fui até o viaduto José Eduardo Utzig em maio do ano passado. Sei que estava trabalhando há alguns dias seguidos na Sogipa, disfarçando o cansaço, com a certeza de estar fazendo um trabalho necessário, estruturando a distribuição de medicamentos para os abrigados e sabendo que havia duas necessidades no viaduto: recursos humanos (precisávamos de mais farmacêuticos para dar conta das demandas nos três turnos) e a organização dos medicamentos. Como para planejar você precisa primeiro conhecer, me pus a caminhar da Sogipa, pela Carlos Gomes, em direção ao aeroporto. As lembranças desse momento são fragmentos que junto para dar sentido ao passado. Lembro de não estar chovendo, de estar calor (ou era só o que eu sentia, meu corpo quente por dentro), de uma sensação esquisita em uma unha do pé esquerdo (unha que caiu depois, me lembrando, por muito tempo, deste dia, como se eu fosse capaz de esquecê-lo). Lembro de um aperto no coração ao ver a minha cidade tão... diferente, do luto, luto individual e coletivo, de diferentes proporções para cada um, mas, inegavelmente, se entranhando na vida de todos. Lembro de chegar no viaduto e ver tanta, tanta gente, de policiais militares a enfermeiros, de jornalistas a curiosos, de voluntários a doadores. Vítimas. Famílias inteiras. E seus animais de estimação. Para planejar é preciso conhecer. Mas, depois de conhecer, bem, foi difícil planejar. Por onde começar? Já sei, medicamentos. Deixa eu ver, como estão os medicamentos! Vamos começar por algum ponto... profilaxia de lep-

tospirose. Está disponível? Temos fluxos para a prescrição? Onde está guardado? Não conseguia responder a estas perguntas. As pessoas estavam todas muito ocupadas ou também não sabiam, então fui conversar com a Alice, nossa liderança no Utzig. Ela estava de costas para mim, de frente para a Rua Souza Reis. Quando se virou para conversar comigo, tive um vislumbre da rua. É estranho pensar nisso, mas, desde que eu tinha chegado ali, foi a primeira vez que meu olhar foi chamado para o que estava acontecendo ao longe. Até então, meu foco estava no que acontecia perto, no viaduto, nas pessoas que por ali estavam, na estrutura de atendimento. E foi então que eu vi a água, quase nos nossos pés. A Alice falava comigo e eu não ouvia mais nada, só sentia as lágrimas molhando o meu rosto.



Marianna Rodrigues Vitório, 31 anos
Psicóloga

Seu J. (nome fictício) disse que estava bem. No instante em que chegamos, ele estava caminhando de camiseta, bermuda e chinelos, com “a água” acima da barriga. A palavra água está entre aspas porque, na verdade, o que tinha ali era lodo, puro esgoto. Sua casa tinha dois pisos, então, apesar de não ter água e nem luz, ele estava sobrevivendo tranquilamente no andar de cima. Seus vizinhos estavam ajudando com mantimentos básicos e, vez ou outra, ele saía de caiaque para ver a casa da neta e alimentar os pássaros de estimação. Apesar de sua tranquilidade, sua filha insistiu para ele aceitar a ajuda do resgate e ir até o viaduto, onde receberia atendimento emergencial e, depois, seria encaminhado para o mesmo abrigo onde já estava o resto da sua família. Um pouco contrariado, após ouvir a explicação sobre os riscos das doenças, que os resgates estavam acabando e que a água ainda demoraria a baixar, ele aceitou. Como ele, já na terceira semana de enchentes, muitos outros idosos resistiam bravamente nas suas residências. E muitos, de fato, não saíram. Foi uma das contradições mais difíceis de lidar para quem estava nesta posição de profissional da Psicologia: como convencer as pessoas a saírem de casa devido aos riscos, sem obrigá-las? Os roubos das casas em zonas alagadas, a violência e a desorganização de alguns abrigos, enfim, a realidade da devastação não era muito convidativa a deixar o lar. Não tínhamos como prometer que aceitar o resgate era a melhor opção. Principalmente para idosas e idosos, o lar com ou sem conforto ti-

nha múltiplos significados. Tivemos diversos conflitos com alguns resgatistas, que tentavam convencer as pessoas a saírem de casa “à força”. Por isso, muitos de nós — psicólogas e psicólogos — passamos a participar dos resgates também. Outro caso inusitado foi o de P. (nome fictício). Ele chegou no viaduto tremendo, molhado e com algumas sacolinhas de supermercado. A equipe da Psicologia foi chamada porque ninguém estava entendendo a sua demanda. Descobrimos que sua tremedeira estava associada ao uso de medicamentos controlados e que P. não era nenhum resgatado. Ele havia caminhado pela água para carregar os celulares de todos os seus vizinhos e, agora, tinha a missão de retornar. Era de noite, chovia, e já não havia mais barcos saindo. Pedimos para ele passar pelo atendimento médico e aguardar por um abrigo para, no dia seguinte, concluir sua missão. Ele aceitou, passou pelo atendimento médico e, quando demos às costas, o vimos distante, caminhando pela água, convicto em direção a sua casa. Vimos e ouvimos de tudo um pouco acontecer debaixo do viaduto. “Não sobrou nada”, “perdi tudo”, “não consegui salvar meu cachorro”. “não encontro meus familiares”. Não havia uma regra geral, mas a tendência era que fôssemos buscados (a equipe de Psicologia) depois da comida. Passou a funcionar assim: as pessoas chegavam “em terra firme”, recebiam o pronto atendimento médico, eram vacinadas, ganhavam roupas secas e, na última barraca, podiam comer. Neste momento, em que paravam, sentavam, estavam secos e alimentando-

-se, muitas conseguiam, pela primeira vez, falar sobre o acontecido. Embaixo de um barracão, com uma marmita na mão, com animais resgatados passando... Mais ou menos assim se davam as escutas no viaduto. Contudo, não eram apenas pessoas resgatadas que buscavam nossa equipe. Imagine um monte de pessoas que não se conhecem, cada uma com suas histórias, dores, propósitos, algumas tantas sem nenhuma experiência com o que estavam se propondo a fazer, de repente, trabalhando juntas por dias e mais dias em meio a uma catástrofe. Uma das responsáveis pelas roupas veio me procurar após saber da morte de um cachorro e não conseguir ficar triste. Era tanta demanda por salvamento, medicamento, estrutura, apoio, que mais um resgate significava também mais um confronto direto com todos os limites da ajuda humanitária. Dessensibilizar-se é um mecanismo de defesa muito presente em quem passa por situações traumáticas. Foi o que me disse um resgatista, quando perguntei se ele estava bem. “Sim, estou acostumado, já passei pelo Haiti, lá sim eu vi coisa feia”. De vez em quando passávamos pelas barracas perguntando como os voluntários estavam. De todos, quem estava nos resgates diretamente eram os mais resistentes a apresentar “fraquezas”. Ele pediu-me licença para atender uma ligação e chorou, chorou, chorou muito. A logística de acolhimento foi se aperfeiçoando com o passar dos dias. Primeiramente, nada tinha muita coordenação. Algumas dezenas de barcos saindo de pontos diferentes da cidade, esperando al-

guém pedir socorro ou entrando em imóveis para resgatar animais, e pessoas em terra firme esperando para serem úteis de alguma maneira. No viaduto, não foi diferente, até que as equipes começaram a se auto-organizar e a construir fluxos de acolhimento. O amadurecimento deste trabalho em poucas semanas foi extraordinário. Sempre defendi a importância de uma rede de atenção psicossocial pública, gratuita, com enfoque na atenção integral — já que é muito difícil promover saúde mental para alguém com fome, sem teto, etc. — e, fundamentalmente, com auto-organização popular e uma ética de cuidados coletivos. Trata-se, em palavras mais simples, de substituir a concorrência pela solidariedade. Menos sobre mim, mais sobre nós. Apesar de todos os limites do poder público, da necessidade urgente das contratações emergenciais, da estrutura que se desenvolveu com a ajuda de milhares de voluntários, o que vivemos todos esses dias embaixo do viaduto foi a aplicação prática de uma ética cada vez menos comum: do ser coletivo. Quem diria que, em meio a uma catástrofe, recuperaríamos um pouco de esperança.



**Karine Fogolari Kubasjewski, 34 anos
Técnica de Enfermagem**

Resgatamos um senhor que teve um AVC, hemiparesia, chegou no barco com maca rígida, foi feito o primeiro atendimento, paciente se queixou de muita cefaleia e de que bateu a cabeça no barco. O médico disse que o paciente precisava ser levado ao hospital, então peguei um acesso, com soro e dipirona, só tinha uma ambulância que só se deslocava com paciente muito grave. Chegou o bombeiro Juliano, o mesmo fez o resgate, e falou com a Brigada Militar. Levamos o paciente no camburão. Fomos atrás segurando eu, o bombeiro e o brigadiano. Chegamos no Hospital Clínicas, onde o paciente tinha sido internado havia pouco tempo. Mas o hospital encaminhou para o Hospital de Pronto Socorro. Nós nos deslocamos novamente. Fomos até o HPS e deixamos o paciente em segurança. Em seguida, voltamos para viaduto.



Maria Fernanda S. Hennemann, 56 anos
Psicóloga

É um sábado pela manhã, acordo e vou determinada a ajudar as pessoas que estavam sendo resgatadas no viaduto da Cairu. A atmosfera é de chuva e neblina. Enquanto me aproximo do local, vejo muitas pessoas, saindo dos seus carros, e se dirigindo para o viaduto. Pessoas com roupas de mergulho, botas e capas de chuva. Algumas seguravam roupas e sacolas. Todas andavam com pressa. Durante o trajeto para o viaduto, ninguém conversava, mas todos os olhares se encontravam, um leve cumprimento e um balançar de cabeça, que dava sentido e significado para o que estava por vir. Senti um desejo de compromisso e uma ideia de que talvez pudesse ajudar um pouco e em alguma coisa. Primeiramente enxergo a grande movimentação das pessoas e a água, abundante, nos rodeando. Uma pessoa com megafone orientando algumas ações, já com a voz quase rouca, anunciava quais eram as demandas e necessidades daquele momento. Identifico os gazebos e começo a me apresentar para as pessoas que ali estavam. Foi a primeira vez que meu nome se juntou tão rapidamente à profissão que escolhi, escrita gentilmente por um enfermeiro em fita adesiva com caneta preta. Então, encontro uma colega pediatra, parceira do GEPE-Grupo de Estudos de Psicologia e Educação. E, juntas começamos a pensar onde e como poderíamos colaborar. Neste momento, começou a correria, pois havia pessoas chegando, molhadas, recém-resgatadas de suas casas. Algumas com seus bichinhos, outras com apenas uma sacolinha de plástico. As demandas eram

variadas, assim como as conversas com copos de água ou café quente, sempre acompanhados de uma escuta atenta, para verificar como seria possível ajudar. Recordo-me de encontrar muitas psicólogas e psicólogos, de Porto Alegre e de outros estados que - através do olhar e de algumas palavras - realizavam ações significativas. As inter-venções eram realizadas em todos lugares e em todos momentos, dentro dos gazebos, durante a aplicação de curativos, no ônibus das roupas ou perto da fogueira improvisada em um latão, que aquecia os voluntários que retornavam d'água. Como diz a música “Bailes da Vida”, de Milton Nascimento “O artista tem de ir onde o povo está”. Lá estávamos nós, não artistas, mas psicólogas e psicólogos acolhendo a quem precisava. Conversávamos com as pessoas que estavam aguardando seus familiares e animais, voluntários que haviam se machucado durante os resgates, bichinhos encharcados e entre nós mesmos, colegas de profissão. Na medida em que passavam as horas, o frio e o cansaço se anunciavam. Difícil pensar em somente uma história para contar, pois todos os encontros foram significativos, alterando nossas rotas pessoais. Penso em uma senhora cadeirante, muito preocupada com sua sacolinha de documentos e seu aparelho para surdez, que não poderia molhar, e no olhar atento de enfermeiros de Santa Catarina, que ajudaram em seu resgate. Lembro-me da urgência de um telefonema, para convencer outra senhora a sair da sua casa, e de como transportar suas galinhas. Do Paulinho, um cão assustado

e molhado, que ganhou carinho e roupas da equipe de voluntários, assim como seu dono, que estava encharcado, e não queria abandonar o cão. Foi um trabalho de convencimento e de garantias, de que esse senhor poderia se secar e trocar suas roupas, e que nós cuidaríamos do Paulinho. Também guardo na lembrança a mãe de um jovem autista, que perdeu a casa, as roupas que vendia e que conseguiu resgatar os dois gatos, garantia de sono de seu filho, que já não dormia há dois dias. E compartilho, ainda, mais duas histórias. Na tarde de sábado, acolhemos uma senhora que estava com pressão alta e muito nervosa. Ela havia sido resgatada no dia anterior, juntamente com sua mãe idosa que tem Alzheimer e um cachorro. Então, ela volta ao viaduto para solicitar o resgate de três gatos que ficaram em sua casa. Fornece o endereço, que é cuidadosamente embalado em plástico por duas jovens voluntárias. Com ela, estão três caixinhas, que conseguiu de doação, para fazer o transporte dos animais. Verbaliza o tempo todo que eles são os seus companheiros e que é com eles que fala todos os dias. Descubro que há grande chance de os bichinhos não serem resgatados com vida e, prontamente, busco ajuda de uma veterinária e de um psiquiatra para estarem junto comigo durante este acolhimento. Montamos uma rede de apoio, conversamos sobre estratégias e, posteriormente, a nossa comunicação era somente através dos olhares, pois aguardávamos juntos qual seria o desfecho desse acolhimento. Em um dado momento, a senhora me diz que seus ga-

tos são muito inteligentes e que é possível que eles estivessem escondidos no forro da casa. Transmito aviso para o pessoal do resgate. Já no barco, identifico uma policial “gateira” e dois voluntários, que se mostraram muito comprometidos com a causa da senhora. As horas passavam, e nada dos barqueiros. Quando olhamos para o relógio, já havia passado quatro horas. E a senhora estava cada vez mais inquieta, sendo monitorada o tempo todo. Então, ela me pede para esperar perto da água, e juntas ficamos esperando os barqueiros. A essa altura eu já conhecia os três gatos, através de fotos, e quando chegava o pessoal do resgate com os animais, imediatamente eu olhava para as caixas de transporte para ver se eram os gatos dela. Em um dado momento, ouvimos muitos miados e o barqueiro sorrindo. Pronto! Lá estavam os três gatos vivos e miando! Quando a senhora ouviu os miados, saudou os animais, que instantaneamente sol-taram um miado mais forte e depois ficaram em silêncio. Foi um grande alívio para todos, esboçamos sorrisos, suspiros e olhos molhados. Dias depois recebo as mensagens dela, dizendo que estava muito feliz, que agradecia a todos que a acompanharam e que os gatos estavam em segurança. A outra história é de um rapaz jovem, aguerrido, que não queria sair da água e parar os resgates. Uma veterinária me conta de que ele já tinha passado por uma hipertermia grave no dia anterior e também por uma situação de alergia, por ingerir um bolo que continha uma substância que não podia comer. Toda equipe de voluntários estava

preocupada com ele, e conseguiram convencê-lo a não entrar na água naquele dia. Contudo, referiram que ele estava sentado sozinho, visivelmente irritado e contrariado com a situação. Com muita cautela, pedi licença para ele e organizei o espaço com cadeiras e mochilas, para tentar viabilizar um espaço mais confortável para conversas futuras. Sentei-me ao lado dele, iniciei uma conversa. Ouvi com atenção o que ele me contava. Percebi que havia uma forte dor em seu comportamento indignado. Então, ele fala que não quer parar os resgates, pois não pode deixar as pessoas lá! E me conta que dias atrás, estava resgatando pessoas no bairro Mathias Velho, quando recebeu mensagem de sua ex-namorada. Ela dizia que a água estava subindo e que não conseguia sair de casa. O rapaz começa a chorar intensamente e diz que o barco estragou duas vezes até conseguirem chegar na casa dela. E que, por escassos dez minutos, não conseguiu resgatá-la com vida. Nesse momento a agitação e o barulho do Viaduto desapareceram. Eu abracei fortemente o rapaz, que chorava profundamente e falava de outras perdas pelas quais ele já havia passado. Agora ficava mais fácil entender o porquê do desejo desse rapaz de estar na água e de resgatar todas as pessoas e animais possíveis. Nós seguimos conversando e fizemos algumas combinações relativas à perda que estava vivenciando e, posteriormente, pedi que ele nos ajudasse “em terra”, pois tínhamos muito trabalho pela frente ali nos gazebo. Na verdade, a minha ideia era que ele ficasse perto de

nós, para que pudéssemos acompanhá-lo e cuidar dele. Ele aceitou e ficou conosco durante vários dias. Posteriormente, combinamos que uma colega poderia continuar monitorando-o e pensando em uma rede de apoio para ele. Se no dia anterior eram as vidas resgatadas que faziam nossa emoção vibrar, neste novo dia a tarefa era acolher os sentimentos de luto e de perdas irreversíveis, relatadas pelos voluntários. Era como se naquele lugar, as pessoas e os olhares, estivessem em perfeita sintonia, com o que o rapaz estava vivenciando. Segundo ele, ele se sentia melhor e mais útil ali, no viaduto, do que em sua própria casa. E aqui, neste relato, encontramos um paradoxo, pois no viaduto foram acolhidas muitas pessoas e animais que estavam fora de suas casas, mas que, por outro lado, encontraram naquele espaço sem paredes e com pouca estrutura, acolhimento, respeito e confiança. Quanto a mim, o que ficou dessa experiência significativa é a importância de estar junto, de olhar e de escutar atentamente para a formação de laços, bem como para o cultivo da esperança entre as pessoas. É nisso, talvez, que resida a potência de nossa condição de humanidade.



Eduarda Botelho, 24 anos
Técnica em Administração

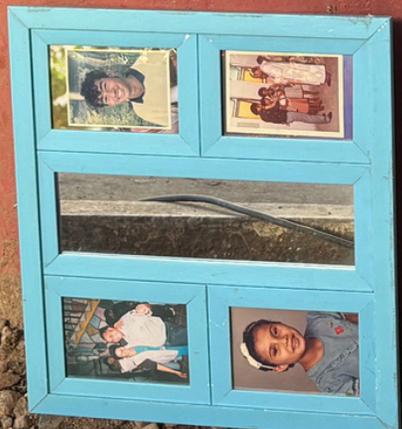
Eu ficava na barraca do resgate, fui umas das pessoas que começou a pegar os endereços, e passar para os barcos irem fazer os resgates. Tive vários momentos marcantes, mas um que me marcou muito foi o de uma família que veio atrás de mim por saber que fui eu que passei o endereço para o pessoal do barco. Eles me abraçaram e choraram. Ganhei muitos abraços verdadeiros, que aqueceram meu coração, foram dias de bastante turbulência em que conheci pessoas incríveis!



Eduardo Marona, 44 anos
Educador Físico

Fomos fazer o resgate de nove porcos, três adultos e seis filhotes. Chovia na hora do resgate, e foi muito difícil, pois era em uma zona de reciclagem. Tivemos muita dificuldade para chegar até o local. Lá o barqueiro (Xandy, de Tramandaí) teve de derrubar um portão com o barco. Após isso, ele colocou o barco no telhado de uma das casas. Era um lugar com muita sujeira, telhado molhado, quebrado, o que nos colocava em risco eminente de queda e de alguma lesão. Embaixo de um dos telhados, havia uma vaca morta que estava inchada já. Levamos quase 4 horas para realizar o resgate de todos os animais. Na volta para a base da Cairu, ao passar por um condomínio no Humaitá, um rapaz que já estava com água quase na altura do pescoço pediu socorro para sair. Paramos o barco e o resgatamos. Ele estava com um olhar assustado e distante, quase não falava, tremia muito. Conversei um pouco com ele. Mas, como ele estava atônito, não quis incomodá-lo. Sabia apenas que se chamava Fagner e que havia perdido tudo. Ao chegar na Cairu, ele agradeceu e nos despedirmos. Em seguida, foi encaminhado para a triagem, e não nos vimos mais. No dia seguinte, fui procurado pela Luiza Zveiter da TV Globo que queria gravar alguma matéria para o “Encontro com a Patrícia Poeta” ou para o “Mais você” com a Ana Maria Braga, pois o Ximango havia contado a ela que eu tinha perdido minha filha há seis anos, que minha escolinha de futebol estava alagada, ali no Quarto Distrito e que, mesmo assim, eu estava ajudando nos resgates. Então enquanto eu conversava com

ela, um menino se aproximou, me abraçou e perguntou se eu não lembrava dele. Falei que não. Ele me disse, então: “Ontem tu salvou a minha vida, tu me resgatou lá no condomínio.” Nós nos abraçamos novamente. Ele me agradeceu e disse que estava de voluntário agora lá na Cairu. Isso me deu uma sensação de alívio, de dever cumprido, de esperança. Depois disso, fiz duas reportagens para a Luiza Zveiter, uma no “Encontro” contando minha história, e fizemos um regaste ao vivo no “Mais você” da Ana Maria Braga, da cachorrinha Tequila. Fagner e eu ficamos amigos, e hoje nos falamos todos os dias. Sou grato a Deus por poder ter ajudado nos resgates.



Luciano Aita, 41 anos
Corretor de Seguros



A solidariedade de todos, a quantidade de famílias que passavam por lá nos oferecendo água, isotônico, sanduíche, marmitas, etc. Esses pequenos gestos nos davam forças para continuar a resgatar. Trabalhei no resgates de pets e tinha momentos em que era complicado segurar a emoção de ver a felicidade e o choro das famílias ao verem que conseguimos resgatar seus pets, ver o reencontro das famílias com seus animais de estimação era muito gratificante e emocionante. Nos últimos dias de resgate, uma moça que fez questão de voltar ao viaduto com a sua filhinha só para me agradecer por ter resgatado seu cachorrinho. Quando a moça mostrou para filha quem foi, ela veio correndo me dar um abraço. Dia 11 de maio foi meu aniversário. Cada pet entregue para sua família era um presente de aniversário que eu ganhava.



**Giany Morigi Bortolozzo, 31 anos
Psicóloga**

Foram muitos os atendimentos, desde aqueles que aconteceram na água, nos barcos, ouvindo histórias e me segurando entre as árvores, me debruçando nas janelas na tentativa de equilibrar o barco e poder ouvir os moradores. E, de fato, esses aconteceram para entregar mantimentos, tentar convencer os moradores a saírem de suas casas e ficarem seguros. E o contraponto de entendimento e respeito por qualquer decisão também foram improvisos. Jamais, como profissional da saúde, me imaginaria fazendo isso. Até os atendimentos aos resgatistas, pessoas em situação de rua, egressos do sistema prisional e aos recém resgatados, possibilitando uma escuta e atendimento de articulação em rede onde fosse possível e necessário. Acontecendo nas calçadas, em cadeiras, bancos, onde fosse possível escutar, direcionar ao atendimento médico do QG, oferecer mantimento, roupa e principalmente acolher. Foram várias as histórias de vida, muitas de sobrevivência, outras não queriam retornar para o lugar do episódio traumático. Mas tenho certeza de que todas são muito marcantes. O que mais me atravessou foi ouvir a história de um senhor que precisou ser evacuado de casa junto da esposa e do filho de 14 anos, e quando retornou sozinho para casa em busca dos cachorros a casa já estava submersa na água, e na tentativa de se salvar, ele ficou durante um dia inteiro se segurando em uma corda, economizando as dez bolachas que tinha num pacote. Ele guardou as bolachas para que pudesse comer nos momentos mais propícios, até chegar

um barco de resgate. Ele perdeu a casa, o armário parcelado em doze vezes que comprou no mês anterior, e principalmente foi tirado dele o que é digno a todos, a casa, e o que construiu até hoje para possibilitar um conforto mínimo à família. Ouvir foi difícil, mas quando ele me disse que falar tinha sido importante e que eu era a primeira e única a saber, considerei imensamente que o trabalho ali tinha sentido. A psicologia acontece nas ruas, nas águas, na escuta, na comunicação, entre equipe e em articulação em rede psicossocial e socioassistencial.



PARA ÔNIBUS
A 100m

Alvor
Cachoeira

orto
s

CFN 551323000326

ROS OFF

Lilian Ramos, 36 anos
Acadêmica de Enfermagem

Não sei bem como meu pensamento me direcionou para a Av. Cairu ao retornar do supermercado. Encontrei um senhor com uma prancha de stand up paddle, me juntei a ele e a outras poucas pessoas que estavam ali. Logo após auxiliar a desembarcar muitos botes e pranchas, percebo explosão! Corri para fugir do fogo, mas logo percebi vítimas. Fui chamada por ter me identificado com o senhor socorrista para auxiliar no atendimento de um senhor ferido. Vi em sua face a dor e as lamentáveis queimaduras. Verifiquei sua veia jugular, sua pulsação, com auxílio de muitas pessoas conseguimos alocar este senhor em uma viatura, que o levou para o hospital. Neste momento entendi porque escolhi a enfermagem. Neste momento entendi o porquê de, realmente, as missões se apresentarem em meio ao momento crítico e uma ida ao supermercado. Sou grata a cada uma das centenas de pessoas voluntárias que, lá no viaduto, na Cairu, na rua Benjamin Constant estiveram nestes dias, de forma incansável auxiliando quem precisava. Agradeço também aos nossos amigos que viajaram para ajudar no resgate de centenas de amigos e vizinhos da minha família.



Cintia Jardim, 50 anos
Jornalista

Além de ajudar num abrigo para mulheres e crianças, resolvi me disponibilizar para fazer caronas solidárias. Foram várias entregas de cestas básicas, várias corridas com desabrigados indo diretamente para os abrigos e tantas outras levando pets para seus lares temporários. A catástrofe ocorreu um dia depois de viajar para o Espírito Santo. Meu irmão mora lá, e achei que fosse descansar. Claro que não consegui desvincular a atenção das notícias de Porto Alegre. Consegui voltar num voo remarcado para o aeroporto de Caxias do Sul, na serra. Trouxe calcinhas e meias que eu e uma outra gaúcha, que coincidentemente conheci numa loja em Vitória, compramos para doar. Já no primeiro envolvimento com a carona solidária, recebi a missão de conduzir um senhor com quase 80 anos até a casa de um amigo. "Guria, muito triste o que estamos vivendo. Achei que ia conseguir ficar em casa, mas é muita água" explicou o senhor Walter. Ele me contou que veio buscar mais coisas no filho para levar para o abrigo, de fato, a casa do amigo de longa data que fez questão de recebê-lo. Morador da avenida São Pedro, ele resolveu contar com os olhos cheios de lágrimas como saiu do segundo andar da casa que divide com o filho e família há mais de 30 anos. "Minha diarista estava limpando a minha cozinha. Eu estava irredutível. Não queria sair dali. Ela voltou para me trazer água e tentar me convencer a sair. A chuva não parava nunca," comentou. "Pela janela, eu via a água subindo e, mesmo sabendo que não teria para onde ir, comecei a ficar com medo." Walter contou que não tem um bom relacionamento com os filhos e,

chorando, confidenciou que trabalhou muito durante toda a vida. "Não dei atenção para os meus filhos... é por isso que me tratam sem amor", assumiu. Eu também já estava muito emocionada. Comecei a tentar temporizar. "Mas, então, como foi seu resgate? Minha amiga, a diarista, me convenceu a ficar na casa dela, acredita? Uma senhora simples que mora em Alvorada me deu abrigo e me convenceu que eu só devia pensar em viver. Chamou o próprio filho que participava dos resgates com o barco emprestado para nos tirar dali. Fiquei com ela por três dias e aprendi que temos que valorizar essas pessoas tão incríveis que Deus coloca no nosso caminho. Ela me salvou!"



Mariana Prolo Benck, 39 anos
Acadêmica de Enfermagem

Eram umas 18h30, eu estava atendendo a um resgatado com pé cortado. O médico estava suturando, eu imobilizando o pé do paciente, outros ajudando a alcançar materiais, outros colocando lanternas para melhorar a visão do médico, o paciente sentia muita dor mesmo com a aplicação de anestesia local. Por alguns minutos, todos em volta de nós ficaram atentos a este atendimento. Minutos depois, com o atendimento finalizado, um colega foi colocar o seu celular para carregar em um carregador com uma régua improvisada em um canto, onde todos colocavam seus carregadores de celular. Eis que verificamos que todos carregadores de celular haviam sumido, enquanto estávamos concentrados no atendimento, alguém entrou e subtraiu todos os carregadores de celular. Apesar de chateados, todos nós ali, voluntários (alguns que, inclusive, tiveram suas casas inundadas, mas estavam lá servindo) apenas seguimos. Chegaram outros atendimentos e continuamos entregando nosso melhor. Esse foi só um recorte de alguns minutos de um dia caótico e essa história é só para dizer que os bons ainda são maioria.



**William Ramos Dutra, 25 anos
Vendedor**

Na vida, sempre acreditei que nascemos com um propósito, independente da religião, e existem escolhas para tudo na vida. Minha história no viaduto começou, quando olhei muitas notícias sobre o que estava ocorrendo, e me senti com obrigação de ajudar. Meu instinto falou mais alto. Pela primeira vez, eu tinha ido a Canoas, onde estava um caos. Na sequência, vim ao viaduto, pois conhecia a região e sabia que seria útil para algo. Chegando lá, vi diferentes classes sociais e etnias lutando pela vida do próximo sem ao menos as conhecerem. Para uma pessoa que tinha perdido a fé na humanidade com os diversos acontecimentos, aquele momento reacendeu a chama da esperança. Comecei na barraquinha puxando endereços de resgate, onde recebi um endereço que me tocou profundamente. Era de um pai com uma criança com síndrome de down. Ela deveria ter por volta dos dois aninhos. Anotei o endereço e mandei como prioridade a um dos barqueiros. Quando o menino chegou, na mesma hora aqueceu meu coração e senti que eu estava no lugar certo fazendo a diferença. Após isso, o pessoal meio que foi me colocando para outras áreas, eu e a Luiza. Depois, passamos a ser como que pontos de liderança e nos colocaram na organização. As coisas fluíam ao natural. Em diversos momentos tivemos embates com pessoas do poder público. Tinha chuvas quase que diárias. Depois de tudo que presenciei, e que vivemos lá, a vida de ninguém seria igual. Foi uma experiência, embora trágica, que ocasionou mudança em muita gente. Sou grato a Deus por ter me dado forças em dias que já não conseguia mais, ter me dado inteli-

gência, quando eu mais precisei, e ter feito parte da História. Fora que, por diversos momentos lembrei do nosso querido hino rio-grandense mais precisamente na parte "Ser forte, aguerrido e bravo" e lembrei da frase do quartel "Ninguém fica para trás" ou "até o último".



Vilson Pasin, 70 anos
Comerciante

Já fazia mais de dez dias que a enchente tinha devastado Porto Alegre e a única forma de me sentir um pouco menos angustiado era estar ali, no viaduto da Cairu, ajudando no ponto de resgate. Entre tantas histórias talvez tenha vivido um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Uma senhora de 73 anos foi resgatada de um apartamento na Av. Ceará. Eu estava apoiando no transporte solidário e fui designado para levá-la para um abrigo, que infelizmente não me recordo se era na Restinga ou no Lami. No caminho, muito assustada, me contou que era viúva e não tinha filhos, o que me fazia pensar no quanto ela deveria estar se sentindo só. Ao chegarmos no abrigo ela não sabia mais como demonstrar gratidão por aquela ajuda. Repetidamente me chamava de "anjo" e disse que rezaria por mim todos os dias. Eu acredito na fé e na bondade das pessoas e essa intenção já deixaria meu coração agradecido. Mas na hora da despedida, de forma impulsiva ela deu um beijo no rosto. Rapidamente hesitou, ficou constrangida e se desculpou. Eu a abracei e agradei por aquela forma tão sincera de carinho em meio a tanto medo e tristeza. Seguimos nossos diferentes caminhos com lágrimas nos olhos e a esperança renovada.



**Lucila Ludmila Paula Gutierrez, 48 anos
Farmacéutica e Professora na UFCSPA**

Como será que devemos encarar as enchentes que ocorreram em maio de 2024 no Rio Grande do Sul? Será que é possível encará-la com um outro olhar que vá além do medo, da angústia, do sentimento de perda, de impotência, de luto? Será que é possível encontramos beleza diante de tanta tristeza? Agora que te convidei a esta reflexão, vou te contar minha experiência em meio à enchente na cidade de Porto Alegre, RS, junto à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), onde sou professora. Quando a enchente começou, em 2 de maio de 2024, e vimos a proporção que tomou, saímos para comprar doações para os abrigos e trabalhar como voluntários no final de semana. Pude atuar como corrente humana nesta oportunidade, recebendo as famílias de desabrigados em um centro de triagem montado às pressas no Teatro Renascença. Já na semana seguinte, trabalhei na seleção de medicamentos da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com a UFCSPA. Até ali não tinha ideia da verdadeira dimensão da enchente, porque não havia visto nada com meus próprios olhos. Então, era ainda difícil acreditar em algo que não era concreto. Somente quando fui atuar como farmacêutica no Clube Sogipa (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre), em Porto Alegre, nesta mesma semana, é que pude perceber a extensão da situação toda. Para chegar na Sogipa, passei por muitas ruas alagadas, vi barcos e resgates em todas elas, e então pude ir elaborando na minha mente tudo o que estava acontecendo! De repente a coisa toda se tornou real, já que não fui afetada direta-

mente. Entrando na Sogipa, além das histórias de tantas famílias que perderam tudo, vi a esperança e o carinho espalhados junto a cada abrigado! Pude observar o cuidado dos voluntários com cada um que chegava para ser atendido por nós da equipe de saúde da UFCSPA com nossos alunos, professores e outras pessoas a ela vinculadas. Pude constatar o olhar e o interesse genuíno por aquele ser, o acolhimento, os abrigados sendo chamados pelo nome, sendo reconhecidos como indivíduos únicos (eram pessoas, não um número), a preocupação com o bem-estar de todos, a discussão sobre quais eram os melhores medicamentos para tratar enfermidades e abstinências de todos os tipos (medicamentosas ou de uso de drogas lícitas ou ilícitas) nos nossos rounds enquanto equipe, cuidados com os horários de administração de medicamentos, a escuta de cada ser com toda a empatia. O que vi, com um outro olhar, além da visão única da calamidade, foi humanidade! O ápice desta conquista do ser humano, que é a humanidade (o que parece ser uma incongruência, pois como um ser humano pode não apresentar humanidade?) foi em uma das noites em que, após cumprido nosso horário dentro do abrigo, a Professora Cláudia Bica nos convidou a descer para o hospital de campanha que estava montado pela UFCSPA para o acolhimento e classificação de risco das pessoas que vinham resgatadas de suas casas, de barcos e jetskis. O hospital de campanha ficava a uma quadra da Sogipa, cheio de água, em um local que nunca imaginaríamos alagar! Aquilo me comoveu intensamente, por ver pessoas (mulheres, crianças,

idosos, homens) e animais sendo resgatados, muitos sendo carregados por voluntários ou saindo dos meios de transporte náuticos a pé quando a água já estava mais rasa, vindo nos mais variados estados de espírito: desesperados, com medo, sem expressar emoções (quase no automático) ou resilientes. Também vi muitos voluntários entrando na água, sem pensar em nada que não fosse no outro, para o resgate. Mas sabem o que me comoveu mais? Na beira da água, muitos voluntários aguardavam as pessoas resgatadas, desconhecidas para eles, com cobertores quentes (porque vinham com hipotermia de ficar horas na água) junto com um abraço para aquecê-los (o corpo e a alma). Em seguida, já tinha outro voluntário que entregava um café bem quente e com açúcar, para ajudar a aquecer e a espantar a fome; logo após, voluntários ofereciam um lanche rápido, que eles mesmos tinham feito, usando seus recursos e seu tempo de descanso para aqueles que vinham com fome, de muito tempo sem comer em suas casa atingidas. E, só então, esses indivíduos eram encaminhados e atendidos no nosso hospital de campanha. Aí, não pude mais... Chorei pela dor daqueles que foram atingidos e chorei pelo amor imenso que eles recebiam! Junto à dor, o refrigério; junto à tristeza, a alegria de outro coração humano batendo em uníssono; junto ao mal, sempre o bem! E, a partir daí, escrevemos (e ainda estamos escrevendo) a maior história de solidariedade e humanidade entre nós. É difícil, leitor! Talvez só quem tenha passado por situações tão difíceis nesta enchente possa compreender a magnitude dos acontecimentos. Mas, com

certeza, poder lançar um outro olhar sobre esta situação, olhar as coisas belas da vida, escolher enxergar o lado bom do ser humano, nos traz a esperança de dias mais felizes. E é a isso que humildemente te convido com este texto: que encontremos a esperança dentro de nós!



Nataly Pacheco, 23 anos
Supervisora de Vendas

Estive na linha de frente dos resgates no viaduto e tenho muitas histórias para contar. A que mais me marcou ocorreu após o resgate de uma senhora. Era um dia de muita chuva, estava frio, e recebemos uma chamada de resgate de uma senhora que estava sozinha em casa. Foi um resgate tranquilo. Quando chegamos ao nosso QG, fui retirá-la do barco, dei a mão para ela e ela me olhou e disse a frase, que carregarei para o resto da vida: “Eu nunca vou esquecer o teu rosto”. Isso me marcou de tal forma e me fez refletir sobre algo. Eu não vou me lembrar do rosto de todos aqueles que resgatei. Mas eles lembrarão de mim. Isso foi minha fonte de força para continuar os resgates, no frio, na chuva e no sol, mesmo machucada. Sou grata por ter tido a oportunidade de salvar vidas, tirei forças de onde não sabia que tinha, fiz coisas que jamais imaginaria que teria condições psicológicas para fazer. Deus me usou como instrumento, conheci pessoas incríveis que se tornaram minha família, nós fizemos história e continuaremos trabalhando incansavelmente, até tudo isso acabar. Ninguém ficou para trás. Missão cumprida!



Ronei Bittencourt Machado, 51 anos
Médico

Minha jornada no viaduto iniciou quando resolvi ir até lá e me apresentar como médico voluntário. O cenário era de uma desorganização organizada, onde pessoas de várias áreas tentavam ajudar de alguma maneira. Os barcos não paravam de chegar com pessoas e animais resgatados, e, nos primeiros minutos, ali já ouvia os gritos chamando por médico no “desembarque”. Foi quando decidi permanecer dentro da água recepcionando e fazendo uma espécie de triagem das pessoas que necessitariam atendimento e os encaminhava até o local onde vários colegas muito capazes estavam trabalhando. Logo fiquei conhecido como “o médico da água” e não tardou para que fosse solicitado que saísse de barco com os resgatistas. Entre vários, destaco dois casos emblemáticos para mim, como médico e como ser humano: Por volta das 16 horas de terça-feira, dia 6 de maio, decidimos oferecer auxílio médico aos moradores de vários prédios que estavam ilhados, mas com pessoas que não queriam abandonar suas casas com medo de saques e esperança de melhora das condições. Chovia forte e os raios eram um risco para nós que estávamos em um barco de alumínio, dentro da água. Após mais de trinta minutos de navegação em meio ao lixo, algo prendeu na hélice do motor, que teve de ser desligado para que fosse limpo. Cruzamos então com um barco da Guarda Civil de São Paulo que procurava por um endereço aonde teria um senhor para ser resgatado, mas não tinham nenhum conhecimento da região. O nosso barqueiro era morador do bairro, e logo nos con-

duziu até lá. Após vários chamados pelo nome, apareceu na janela do terceiro andar um senhor franzino fazendo sinal de que estava tudo bem. Perguntamos se estava sozinho e mesmo com a resposta afirmativa pedimos para subir no apartamento. Chegando lá, perguntei por doenças existentes e uso de medicações, e ele me disse ser hipertenso e diabético, inclusive teria usado insulina naquele mesmo dia. Como estava há vários dias sem luz, a medicação, que precisa ser refrigerada, provavelmente estaria danificada. Durante a nossa conversa o senhor apresentou alguns desequilíbrios e tonturas. Consegui convencê-lo a ir conosco para, pelo menos, verificarmos a glicemia. Com água na altura do nosso peito, conseguimos transferi-lo até o barco erguendo-o acima da cabeça para que não se molhasse. Por fim, chegando na nossa tenda de atendimento no viaduto, constatamos que apresentava uma hipoglicemia severa (<50 mg/dl) e, então, foi prontamente atendido. Em poucos minutos estava recuperado. Enquanto isso, a bateria do celular foi carregada e consegui falar com o filho que não tinha notícias do pai havia alguns dias e prontamente foi buscá-lo. Uma história que teria certamente um desfecho desfavorável se não o tivéssemos encontrado. O segundo caso ocorreu quando fui solicitado para ir a um lar de idosos aonde os bombeiros civis de Garopaba (SC) haviam resgatado duas pessoas de um grupo de oito. Os outros recusaram-se a sair. Os dois que foram relataram que havia um senhor “surtando, agressivo” e que no dia anterior teriam quase brigado. Seria neces-

sário sedá-lo para retirá-lo de lá. Os resgatados fizeram um vídeo pedindo para que os outros também aceitassem o resgate, pois viram a realidade das ruas, coisa que não tinham noção a partir do local em que estavam. Quando mostramos o vídeo, de imediato, mais dois se prontificaram a sair e, logo após, um terceiro. Um deles relatou que era o aniversário do neto e que não conseguia contato com a família há mais de cinco dias. Havia um senhor que estava pensativo e tentamos de todas as maneiras que fosse conosco. Em poucos minutos, contou que não tinha contato com familiares por problemas com álcool, mas que estava há cinco anos sem beber. Tentamos usar esse argumento mas não houve jeito. Pedi para ele arrumar suas coisas porque voltaríamos no dia seguinte para buscá-lo, que pensasse sobre o que seria melhor. Retiramos os outros três usando uma geladeira como bote até os colocarmos no nosso barco. Como prometido, no dia seguinte nos preparávamos para voltar à pensão, mas fomos orientados pela polícia a não ir, pois o local estava perigoso devido a saques e assaltos. Foi frustrante para todos, mas não tenho dúvidas de ainda voltarei lá.



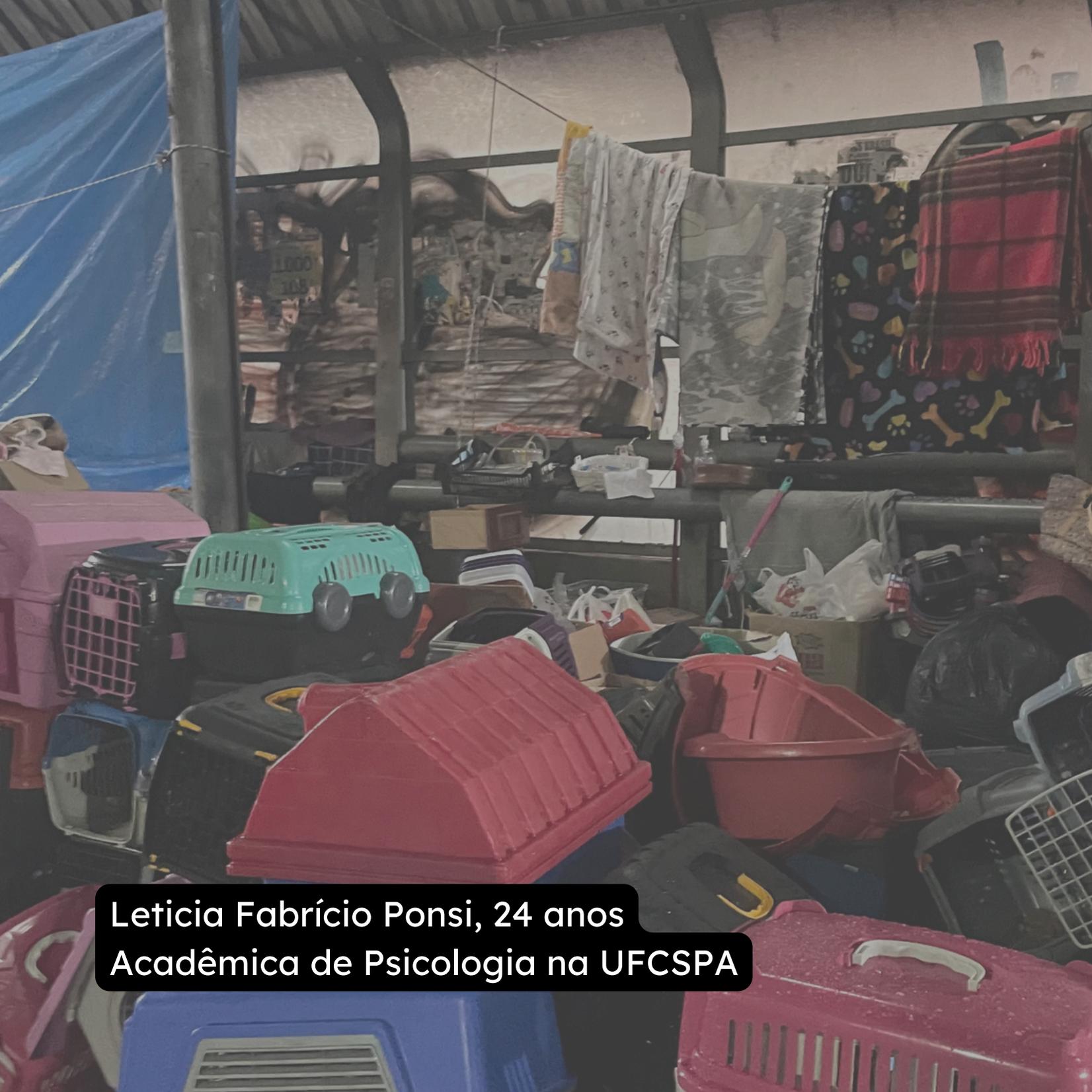
**Inaiara Vargas, 29 anos
Bacharela em Direito**

Eu poderia escrever sobre várias histórias improváveis, apavorantes e lindas, como a do Seu João (nome fictício), que chegou até mim após passar pelo atendimento de saúde em uma cadeira de rodas buscando suas malas, a amiga Eva, os seus dois cachorros e uma carona para Tramandaí. Ou da família que foi resgatada em partes, em dias diferentes, e pôde se reencontrar graças às gurias incríveis do setor de acolhimento. Mas resolvi escrever sobre nós: os voluntários. E sobre uma missão com um desfecho surpreendente. Ainda na primeira semana, quando eu fazia o turno da madrugada (pois ainda chegavam resgatados da água durante a noite, então precisávamos de uma equipe noturna para tomar conta do acampamento e ficar de plantão), vi uma cena que me indignou: voluntários, de diversos setores, que trabalhavam incansavelmente, dormindo no chão. Construído em poucos dias para resgatar, prestar atendimento de saúde, acolher, encaminhar para abrigos, transportar, vestir e alimentar pessoas e animais, nossa base de resgates era completa, mas faltava alguma coisa. O que montamos foi quase que um acampamento de guerra, mas não tínhamos um alojamento; a estrutura era precária, apesar de linda e maravilhosamente improvável para um grupo de voluntários sem muitos recursos. Muito me incomodava ver pessoas que se doavam tanto diariamente, que não voltavam para suas casas (muitas em bairros, cidades e até estados distantes) dormindo no chão, em noites frias, muitas vezes sem ter nem um colchão para deitar. Fiz o que me

parecia possível naquele momento: posteí stories no Instagram, angustiada com a situação de alguns voluntários destemidos da Cairu, torcendo para que alguém respondesse, para que uma solução surgisse dos céus, já que eu não vislumbrava muita possibilidade de montarmos um alojamento. Ninguém respondeu. Os dias foram passando, fomos pensando em algumas ideias para, ao menos, reduzir os danos. Alguns conseguiram enjamburar camas pelo acampamento para descansar, e cadeiras de praia eram palco de sonos profundos e descansos minimamente restauradores. Até que meu amigo Lucas Sebastian, que foi meu colega de faculdade e estava organizando um grupo que conectava doadores a quem precisava de doações (a Frente Solidária RS), entrou em contato comigo, perguntando se essa demanda persistia e contando que estava em busca de parceiros para encontrar uma solução para o nosso problema. Confesso que depois de ouvir promessas que não deram em nada de políticos e ricos que apareceram por ali em algum momento de algum dia, não levei muita fé para não criar expectativas. Mas havia um hotel na esquina do viaduto José Eduardo Utzig. Eu sonhava com os quartos daquele hotel para os voluntários que precisavam, desde o primeiro dia em que os vi, descansar naquela situação. Pois e qual não foi a minha surpresa quando a Sofia, também da Frente Solidária RS, me chamou para uma reunião dentro do hotel. Eu e a Patrícia, voluntária severina como eu (faz de tudo), apelidada carinhosamente por outros colegas de

Pati MacGyver por sua bravura e capacidade de solucionar problemas complexos, fomos àquela reunião como representantes dos voluntários. Eu nem acreditei quando ouvi a seguinte frase: “conseguimos uma doação especificamente para a hospedagem dos voluntários, vamos fazer a lista dos que precisam e, a partir de hoje, eles dormirão em camas e poderão tomar um banho quente”. Era o sonho tornando-se realidade: aquele hotel enorme e chique, com torneiras quentes e ar condicionado, seria um local de descanso digno para tantos voluntários que trabalhavam incansavelmente salvando vidas. Importante ressaltar aqui que o desfecho surpreendente dessa história não é mérito meu, apenas coube a mim registrar mais essa conquista dos voluntários, que foi de muitos, beneficiou a tantos, e contou com inúmeros braços para a construção dessa rede de cuidado e apoio. Não tenho a menor ideia de quem foram os doadores, mas serei eternamente grata a todos os envolvidos nessa missão. Eu não dormi naqueles quartos, mas eu finalmente dormia um pouco mais tranquila quando saía do acampamento sabendo que meus companheiros tinham uma cama quentinha para dormir nas noites frias de Porto Alegre naquelas semanas. Esse relato não tem por objetivo romantizar a atuação dos voluntários, fizemos algo improvável porque tivemos a sorte de formar, ali, uma legião de corajosos unidos para suprir a falta do poder público na Zona Norte de Porto Alegre. Essa história é um exemplo de como a união nos fortalece, como podemos colocar em

prática o impossível, quando trabalhamos juntos. Todos que contribuíram de alguma forma estão de parabéns e dormem tranquilos, agora já em suas camas, sabendo que fizeram o possível e o impossível para que nossas façanhas servissem de modelo a toda Terra.



Leticia Fabrício Ponsi, 24 anos
Acadêmica de Psicologia na UFCSPA

Nunca pensei que um viaduto poderia virar um ponto de produção de saúde na pior enchente que a cidade já teve. Mas, quando vimos, o viaduto Jose Eduardo Utzig, entre a Av. Cairu com a Av. Benjamin Constant havia se transformado em um local de chegada de barcos com pessoas e animais resgatados. O local se tornou um rio no meio da cidade, onde, das águas, vinham pessoas com diversas necessidades. Fome, cansaço, busca de familiares, entre tantas outras, mas, principalmente, a necessidade de estar em um lugar seguro: a necessidade de serem, de alguma forma, protegidos física e emocionalmente das águas. Em momentos de emergências e catástrofes, o impacto psicológico é gigante. E uma das primeiras coisas que me preocupou foi isso. Em seguida, membros da comunidade interna da UFCSPA, de diversas áreas da saúde, se uniram, e passamos a organizar ações na Sogipa. Participar das ações me ajudou muito a sentir e a saber que algo estava sendo feito. Porque tudo o que construímos em nome da UFCSPA foi feito em grupo. Fizemos com o trabalho de muitas pessoas, com muita vontade de ajudar, fazendo o que fazemos de melhor: cuidar da saúde das pessoas. De início, eu não sabia que existiria um viaduto, e nem que veria pessoalmente as ruas virarem rios em Porto Alegre. A primeira coisa que vimos foram os blindados do exército saindo das ruas e subindo pelo viaduto, com pessoas e animais em cima, resgatados. O que mais víamos eram pessoas sendo ajudadas e ajudando. Em todas as partes do viaduto, embaixo, em cima e nos arredores, havia pes-

soas. Presenciamos muitos tipos de choro. E não eram todos o mesmo tipo de choro. Eram diferentes, porque, quando se chora, não é apenas de tristeza. Vivenciamos choro de alívio por estar em terra firme. Choro de desespero. Choro, sim, de tristeza. Choro de cansaço por passar dias esperando o resgate. Choro de medo. Também presenciamos muitos olhares que comunicam sentimentos. E é impossível esquecer do que vimos e de quem ajudamos. Presenciei um reencontro entre duas irmãs. Se abraçaram. Muito do que vivemos seria difícil de descrever em palavras. Quando escrevo no plural, escrevo por muitos que vivenciaram o voluntariado, porque as vivências não são individuais, e sim, coletivas. E tenho certeza de que todos os voluntários que puderam estar no viaduto, seja no dia e no horário que foi, vivenciaram milagres, reencontros, choros, medos e esperanças. “A gente conseguiu” foi o que dois homens disseram um para o outro ao conseguirem chegar na parte de cima do viaduto, salvos. Quando digo que o viaduto tinha uma tentativa de ser um local de produção de saúde não era apenas para os resgates, era principalmente para eles, mas os voluntários também foram muito bem cuidados uns pelos outros. Muitas pessoas ofereciam comida: marmitas, lanches, café, etc. para quem estava lá para cuidar dos recém chegados. Com as pessoas, foi feito um cuidado em saúde de diversas formas, com todo o cuidado ético que o momento precisou, e de forma multidisciplinar. Entre os colegas, estar junto em comunidade, foi uma promoção de saúde

em tempos de enchente, porque cuidamos muito uns dos outros. Seja no viaduto, seja nos grupos que formamos, seja onde for. Porque, apesar de não sermos diretamente afetados pelas águas, fomos todos — moradores do Rio Grande do Sul — inundados emocionalmente pelas imagens, pelos relatos, pelas perdas de outras pessoas, que foram nossas também. Perdas de lugares que antes conhecíamos e frequentávamos. Perdas de vidas. Perdas de referências. Estar junto com as pessoas foi também um alívio dentro da incerteza. E escrevo também para compreender tudo o que vivemos. Um mês depois da enchente, quando as águas baixaram, passei, dessa vez de carro, por cima do viaduto Jose Eduardo Utzig. E quando passei, era só um viaduto, como qualquer outro em uma cidade como Porto Alegre. Mas eu não era mais a mesma. As memórias automaticamente vieram à minha cabeça, as tendas, os cobertores para aquecer quem chegava das águas, as comidas para alimentar a fome dos que estavam lá há dias, e, principalmente, as pessoas que acolhemos e ajudamos. O sentimento que tive foi de alívio. Alívio por ter passado. Também senti muito orgulho do trabalho que foi feito. O viaduto continuou lá, e agora é apenas um viaduto. Mas as pessoas que passaram por ali nunca mais serão as mesmas. O Rio Grande do Sul nunca mais será o mesmo. Nós nunca mais seremos os mesmos. E não podemos mais ser os mesmos de antes. A experiência do voluntariado me ensinou na prática que, quando estamos com pessoas, somos capazes de construir muito, e,

de fato, tenho certeza de que a UFCSPA fez seu papel enquanto universidade da saúde. Tivemos todos, de alguma forma, a necessidade de ser protegidos das águas. Um lugar seguro era o que tentávamos proporcionar no espaço do viaduto, e em outros tantos espaços em que estivemos. Porque mesmo nos piores cenários, é a resiliência e senso de comunidade que verdadeiramente salvam as pessoas. Mas há ainda mais uma história para contar e é sobre as crianças. Elas sentem e percebem o que acontece à sua volta de forma muito sensível, e, muitas vezes, não entendem os porquês de as coisas serem como são, ainda que as sintam. As histórias que hoje escrevo são sobre J., B. e A., três crianças que tiveram suas casas atingidas pela enchente em maio de 2024 no Rio Grande do Sul, e precisaram ir com suas famílias para abrigos em Porto Alegre/RS. O abrigo também precisa de sala de aula. J. e B. entram na sala de apoio da equipe de saúde da UFCSPA no abrigo. “Tia, te achei!”, dizem para a voluntária que estava sentada na cadeira. “Bah! Olha só vocês dois aqui!”, a voluntária responde. “Tia, a gente quer aprender a ler. Tu pode ensinar pra gente?” “Posso, então temos que fazer uma sala de aula.” Na sala de apoio, tinha um quadro branco encostado em uma das paredes. No espaço, junto com as duas crianças, haviam três voluntárias do curso de Psicologia, e na mesma hora, uma ideia surgiu na cabeça de uma delas. “Podemos usar esse quadro! Eu ensino vocês a ler. Vamos começar?” As duas crianças, animadas, sentaram no sofá que tinha na sala, de frente

para o quadro. A voluntária escreveu a letra “A”, em letra bastão, no quadro e disse: “Essa é a letra A, de abelha. B, essa é a letra B, de bola. Essa é a letra C.” “De Cristiano Ronaldo!” disse uma das crianças. E outra concordou, achando legal a associação. “Isso! Boa ideia.” A professora concordou. E assim seguiram, por mais alguns minutos. “Essa é a letra E.”, continuou a voluntária. “E de elefante. Como faz o elefante?” “Fuumm uuuh.” “Essa é a letra F, de foca. E a próxima letra... ihhhh.. essa letra gosta de se esconder, é a letra H. Todas as letras fizeram uma festa, e só o H não foi. Essa é a letra que usamos para escrever helicóptero. Parece que começa com E, né? Mas não. Começa com H.” disse escrevendo a letra no quadro. J. e B. davam risadas, e estavam adorando a aula. Paramos na metade do alfabeto, pois a sala precisou ser usada para um atendimento. J. e B. estavam animados. Disseram que iam para o recreio e que depois retomariamos. J. é um menino de 8 anos. E B. tem 9 anos. Em conversa com a equipe de Psicologia, lembramos que o reconhecimento das letras acontece no primeiro ano do ensino fundamental. E nos questionamos: o que havia acontecido? E foi, então, que lembramos da pandemia de Covid-19. Em 2022, quando as duas crianças estariam aprendendo a ler e escrever, a pandemia ainda acontecia, e muitas escolas estavam fechadas, ou com dificuldades de adaptar suas atividades para o Ensino à Distância. J. e B. não tiveram a oportunidade de aprender o alfabeto, e, provavelmente, ainda estavam recuperando esse conteúdo, uma das

partes mais iniciais e importantes para aprender a ler e escrever. J. tinha uma vontade enorme de aprender a ler, era o que ele mais queria. Naquele dia no abrigo, a escola das crianças ainda estava afetada pela enchente, e provavelmente os meninos ainda ficariam mais algum tempo sem poder ir na escola. Afinal, quanto mais tempo demoraria para J. e B. aprenderem as letras? É muito injusto que as oportunidades não sejam iguais. É muito injusto que algumas crianças da idade de J. e B. já saibam ler e escrever, e outras não saibam reconhecer as letras. É muito injusto que essas crianças precisaram estar em abrigos por semanas, enquanto outras puderam continuar seus estudos normalmente, porque o acesso à educação é um direito. J. e B., espero que aquela tarde que passamos juntos tenha inspirado vocês a seguir atrás daquilo que vocês sonham. Obrigada por me ensinarem tanto sobre não desistir daquilo que sabemos que é nosso. Mas não fui a única professora. A. escreve no quadro a data e o local em que estavam. A aula estava prestes a começar. E A., como uma boa professora do Ensino Fundamental I de 8 anos de idade, sabe que colocar a data é a primeira coisa a se fazer ao iniciar uma aula para seus alunos, pois as crianças precisam saber onde estão e qual é a data da atividade do dia. Nessa aula em particular, A. tinha apenas uma aluna, que prestava atenção na professora com todo o cuidado. A. escreveu no quadro a data e o local em que estavam: “Eldorado do Sul, 22 de maio de 2024”. “Hoje, na aula, vamos escrever um texto.

Esse texto precisa ter um início, um meio e um fim. Eu vou escrever no quadro, e tu copia, tá?” Ana diz para sua única aluna. A aluna, com seus mais de 20 anos e quase formada na graduação, pega o caderno que estava sendo indicado por A., e começa a escrever o que a professora registrava no quadro. Incluiu o local e a data nos seus registros. Aqui nós vamos começar a história. Pode escrever o final dessa história que eu escrevi no quadro. Pode copiar direitinho, tá? A professora A. estudava em uma escola em Eldorado do Sul, e naquele dia, dava uma aula de português para uma voluntária em um abrigo na zona sul de Porto Alegre. No dia 22 de maio, Eldorado do Sul se encontrava embaixo d’ água. Naquele dia em específico, A. estava a alguns quilômetros da cidade onde morava. A. podia não saber onde estava, e nem quando iria voltar para o local que chamou uma vez de casa. Podia não saber quando voltaria para a escola novamente, pois a escola onde estudava também havia sido afetada pela enchente. Mas, ainda assim, A. sabia da importância de continuar estudando. Podia não saber onde estava e nem que manter algum tipo de normalidade, naquele momento, era necessária, mas, ainda sim, A. brincava de estudar. Brincava de escrever histórias. Brincava de dar aula. E brincando de estudar e de escrever histórias, A., no seu papel de professora, me ensinou muito mais do que eu esperava aprender com ela naquela tarde. Obrigada, A. Espero que tua vontade de voltar a estudar em uma escola de verdade se torne realidade. O que vivi em conjunto com a equipe de Psicologia no voluntariado revela desigualdades para além das en-

chentes. O brincar para a criança é muito importante. O abrigo que fomos era apenas de mulheres e crianças, na Zona Sul de Porto Alegre. As águas já estavam baixando, mas a maioria das casas ainda estava submersa, há mais de 20 dias. E naqueles dias, não se sabia quando as famílias que ali residiam poderiam voltar para suas casas, ou qual o estado do que encontrariam. Nesse momento, a história que escrevo é sobre J. e A., mas suas vivências infelizmente não são únicas, e poderiam ser, ou são, de outras tantas crianças que perderam suas casas na pior enchente que tivemos no estado do Rio Grande do Sul. Ainda assim, J. e B. não deixaram de sonhar sobre sua vontade de aprender a ler. E A. não deixou de brincar de sala de aula, porque em algum momento aprendeu sobre a importância daquele espaço na vida dela e de tantas crianças. Essas crianças me ensinaram que, enquanto há vida, há sonhos, independente de onde estivermos. Por fim, como diz a música “O que é, o que é?”, mesmo em frente a um cenário devastador, ficamos com a pureza da resposta das crianças.



**Joana Corrêa de Magalhães Narvaez, 43 anos
Psicóloga e Professora na UFCSPA**

Um rapaz com histórico de uso de substâncias psicoativas foi resgatado inundado de muitas vulnerabilidades prévias que emergiram com as águas da enchente. A cena poderia ser cinematográfica, mas é fantasiosamente realística e infortunada: foi resgatado boiando, agarrado em um saco plástico com seus pertences, tudo o que tinha se resumia a um par de roupas. Carregava consigo também um ferimento, supostamente de bala de arma de fogo, na perna. O acionamento de profissionais da psicologia se deu por parte da equipe médica, para que trabalhássemos com ele a possibilidade de sair da situação de rua e ir para um abrigo, para que pudesse ter um ambiente menos nocivo para cuidar do ferimento que, nas palavras da equipe médica, “poderia custar-lhe a perna ou a até a vida”. Em um primeiro approach, ele expressava negativa à proposta de acolhimento em um espaço de abrigo ou com algum familiar. Mais que isso, queria evadir-se do posto de cuidados médicos, o que se intensificou após uma abordagem, caricatamente, truculenta da polícia. Os policiais, armados, o interpelaram com violência. Conversei com o policial, que disse que verificaria se o rapaz estava foragido. Argumentei com o representante da segurança pública: “ok, mas não estiver foragido, ele é caso da área da saúde, daí o senhor. me libera para fazer abordagem com ele?”, assim ficamos combinados. Não estava foragido, sai a polícia e segue a angústia do rapaz de querer sair da cena: “a polícia vai me pegar quando eu sair daqui, vão me bater”. Tentei acalmá-lo, passar seguran-

ça. Falamos com o único vínculo que mencionava ter: o pai. O pai referiu estar doente e tinha perdido a casa por ocasião da enchente e disse não poder acolher o filho. O rapaz já havia passado por muitos abrigos desde a infância e tinha histórico de uso de crack. Respeitando a autonomia do sujeito, trabalhei com ele para que, em meio a tantas situações disruptivas de vida o que abala o estabelecimento de um senso de autopreservação, pudesse considerar a via de autocuidado naquela situação vulnerável. Acionei a assistente social, que estava no abrigo da Sogipa, para descer até o viaduto e me ajudar com opções de albergues ou abrigos para ele. Após algumas horas de abordagem com o rapaz, estabeleceu-se um bom vínculo. No entanto, quando o assunto era uma ambiência mais protetiva, para que, nesse momento vulnerável, ele pudesse cuidar de si, o mesmo dizia “desculpa te dizer, tu és muito insistente”. Consegui fazê-lo almoçar. O dia tinha resquícios de sol que insistia em espiar entre nuvens. Sentamos no fim da parada de ônibus, onde a cobertura não tapava os poucos ousados raios que, subversivos, atingiam o solo de concreto ou líquido da cidade. Ele se mostrava desconfiado e constantemente olhava para os lados, com medo de alguma outra abordagem policial. Já estávamos há um tempo conversando e durante a abordagem chegava a se questionar: “nem sei mais porque estou aqui”. Mas ali seguia, com uma, notável, ambivalência. A abordagem já durava umas duas ou três horas. Uma colega do front chegou, queria me dar notícias sobre a

assistente social, que estava a caminho. Ele se agitou novamente, questionando sua permanência. A colega prometeu conseguir uma mochila para ele, que só tinha o tal saco de supermercado com as poucas coisas que possuía. Ele demonstra pouco apelo à mochila, mas a tentativa era retê-lo mais tempo e quiçá fazê-lo sair com mais bagagem de vida e com a possibilidade de carregar mais, ter, reter e conter mais em si. A cronologia no viaduto era curiosa. O tempo ficava em estado de suspensão, junto com as necessidades básicas... Passávamos facilmente sem comer, beber, ou ir ao banheiro, dada a adrenalina das situações tão agudas, disruptivas e emergenciais. Lá pelas tantas, num rompante, ele levantou e começou a andar em direção a um cordão de contenção que demarcava o fim da área de resgates do viaduto da Cairu. Ele caminhava um pouco, parava, olhava para trás... Eu, então, avançava alguns passos na direção do término da área demarcada e tentava argumentar em prol de uma permanência para esperar as colegas e a indicação de um lugar para ele pertencer mais tranquilo. Ele escutava, murmurava algo e avisava que iria embora. Dava mais uns passos, parava e virava para trás. Eu avançava um pouco, mas cada vez se estabelecia uma distância maior. Essa passada de desencontros durou até que ele não mais olhou para trás, não sem antes dar tchau. Não mais me mexi na direção da abordagem. É difícil desistir de uma vida, de uma via de cuidado. Ainda o assisti ir se distanciando rápido pela larga avenida desabitada. Virei-me em direção ao

viaduto, onde me esperava a, já mencionada, colega de front. Ela viu o quanto investi na situação e me encontrou com um abraço. Foi bom encontrar uma relação de par para depositar-se, mas isso deixou fluir mais águas que eu continha em mim. Do lado dela, estava um aluno. Eu nunca tinha me emocionado com lágrimas na frente de um aluno. Ao longe, avistei a colega assistente social e outra colega de referência da prefeitura, vindo em nossa direção. Por ter trabalhado muito com dependência química, estou habituada a pacientes com um senso de autopreservação precário. Eu me sentia acostumada e treinada a uma clínica que pode ter aspectos de frustração para o profissional, pois o desejo do paciente é soberano e a abstinência mandatória deve ser a do clínico. No entanto, nesse contexto de crise, o sentir fica ampliado, também o sentimento humanitário deixa poroso o revestimento técnico que, às vezes, nos confere maior isenção. Cada situação vira uma batalha pela vida. No dia seguinte, ao chegar no local de resgates, o rapaz estava lá refazendo o curativo na perna. Ele estava sóbrio, sorriu e disse “vim te procurar, porque hoje quero ir para um abrigo. Me arrependi muito e pensei a noite toda que deveria ter aceitado a tua proposta, pois passei muito frio”. Ele topou o abrigo. Eu acionei de novo a assistente social. Nova negociação: ela sugeriu a Brigada levá-lo ao abrigo. Eu sabia que ele não toparia. Falei com ela, argumentei. Ela empenhada e empática conseguiu outra via. Quantas interdições líquidas e concretas se colocavam nas vias de en-

contro, nos canais para fluir em prol da existência. Nesse dia, ele ficou horas conosco, enquanto esperava a assistente social que o levaria ao abrigo. Atento e esperto nos ajudou com observações sobre pessoas que se beneficiariam de abordagens psicológicas. Também doou seu cobertor fechado, dobrado e bem guardado para um morador de rua, com desprendimento e consciência raro, pois referiu: “não precisarei, dormirei abrigado”. Em outro dia, fui chamada para atender a uma senhora que, segundo a equipe de saúde, estava bastante resistente às abordagens, irritadiça, braba, nervosa e chorosa. Ao conversar com a tal senhora, me deparei com a seguinte situação: antes de sair de casa, sob condição de resgate de barco, ela conferiu a uma vizinha a incumbência de transportar seu animal de estimação - um pássaro. O transporte da vizinha e do animal também se daria pelo resgate de barco, mas em outra leva de resgates da região. A senhora em questão tinha ido trabalhar e retornou ao ponto de resgate, visto que não conseguia contato com a vizinha, na tentativa de encontrá-la e acessar seu pet. A vizinha havia chegado a esse mesmo ponto de resgate horas antes. Após inúmeras tentativas de ligar para a vizinha, a mesma atendeu dizendo que já estava alocada na casa de um familiar e que havia dado o pássaro para uma outra pessoa que tinha dois gatos e o elogiou. A senhora estava inconformada, com muita raiva e culpa pelo ocorrido com seu pet, mostrava-se projetiva com a equipe, mesmo quando validávamos seus senti-

mentos. Sugeri algumas ideias práticas, nenhuma delas foi acolhida. Até que ela aceitou irmos até a área de veterinária dos resgates e assim acabamos fazendo. Quando chegamos lá, avistamos de forma mais geral o local, sem localizar nenhuma gaiola. Chamamos a veterinária. Perguntamos a ela sobre pássaros, ela se dirigiu até um balcão e levantou um objeto coberto por uma lona azul. Ao desvelar, era uma gaiola. Localizamos o pássaro. A senhora, que já tinha perdido tudo e, em sua perspectiva, tinha perdido também o seu pet, se sentiu muito recompensada e feliz. Ela dizia chorando muito: “vocês são anjos, não desistem da gente, agora nada mais importa, o mais importante era tê-lo de volta.” Nem sempre a gratificação foi tão tangível. Nesse caso, a via de atuação psíquica e remediação emocional se estabeleceu pela concretude. O desfecho psicológico, habitualmente, não percorre o resgate concreto, mas o reajuste simbólico das perdas. Contudo, essa pequena vitória, em meio a tanta tristeza, me soou como um reabastecimento, quando eu já estava inundada por tantas histórias que eram irrecuperáveis em seu senso concreto.



**Airton Tetelbom Stein, 67 anos
Médico e Professor na UFCSPA**

Os desastres ambientais têm sido um relevante problema de saúde pública no mundo todo e percebemos a sua real relevância, quando ocorre um evento próximo de onde moramos. A tragédia climática que devastou o Rio Grande do Sul e nos deixou, a todos, consternados, estarecidos e em estado de horror, exige de nós a reflexão sobre como vamos nos reerguer e nos reconstruir enquanto sociedade. Este evento climático extremo é consequência direta da atividade humana, que há séculos extrai do solo o carbono e o queima, em forma de carvão, petróleo e gás natural, emitindo para a atmosfera, todos os anos, milhares de toneladas de gases de efeito estufa - dentre os quais o dióxido de carbono e o metano -, provocando o aquecimento global. Também é resultado do desmatamento, das queimadas, da mudança do uso do solo, das monoculturas e de uma agropecuária praticada sem respeitar as diferentes formas de vida e os biomas. Essas práticas insustentáveis já foram responsáveis pelo aquecimento da temperatura média do planeta em mais de um grau, provocando mudanças progressivas nos padrões climáticos globais. As consequências, sentimos na pele. Aquecimento e elevação do nível do mar, eventos extremos que aumentam em frequência e intensidade, secas e enchentes, ondas de calor, perda da biodiversidade, enfim, a lista é grande. A crise climática chega como uma fatura indigesta e afeta em cheio a saúde humana, impactando um sistema de saúde já sobrecarregado. O maior impacto ocorre nas populações vulnerabilizadas,

que já padecem com um histórico de dificuldades de acesso a intervenções efetivas nos serviços de saúde pública. A essa sobreposição de desigualdades damos o nome de injustiça climática. A enchente de maio de 2024, em Porto Alegre foi um evento traumático em vários aspectos para todos os moradores da nossa cidade. Verificar que ruas conhecidas em que circulamos no dia a dia estavam com um cenário de inundação foi muito traumático para todos que moram por aqui, ainda mais que, para os padrões brasileiros, é uma cidade de alta qualidade de vida. O estado do Rio Grande do Sul foi impactado por enchentes que devastaram cerca de 90% do seu território. Estima-se que 2.4 milhões de pessoas foram afetadas, houve 183 mortes e danos importantes em 478 municípios no estado. No pico da emergência climática houve em torno de 600.000 pessoas desabrigadas e pelo menos 80.000 alocadas em abrigos. Esses números mostram a dimensão do problema, e mostram a importância de desenvolvermos estratégias de adaptação para possíveis novos desastres ecológicos, principalmente nas comunidades vulneráveis. Os estudos em áreas de desastres mostram a importância do cuidado dos profissionais de saúde para com a proteção de crianças, assim como para evitar a violência contra mulheres. As ações que se sucederam à catástrofe em todo o estado foram de mobilização de recursos para operar as ações emergenciais de salvamento de pessoas. Em Porto Alegre, eu experenciei ações na avenida próxima ao clube Sogipa, que teve como objetivo

prestar um primeiro atendimento por parte de voluntários. Lá pude dimensionar os efeitos físicos e humanos do desastre. Esse local num primeiro momento foi muito impactante, pois todos estavam com uma única preocupação: auxiliar os mais necessitados. A minha visita em conjunto com colegas da UFCSPA para vislumbrar as atividades desenvolvidas na avenida próxima à sede da Sogipa mostrou um turbilhão de experiência de solidariedade de profissionais de saúde, que estavam disponíveis para auxiliar os cidadãos que estavam em momento de sobrevivência e de perdas. A visita nessa avenida foi muito importante para mapear o impacto do desastre, e verificar o risco que corremos como civilização humana decorrente das mudanças climáticas no mundo atual. Com um olhar crítico ao fazer essa visita, percebi que os profissionais de saúde estavam com intuito de auxiliar e contribuir para diminuir o sofrimento das pessoas que apresentavam muita vulnerabilidade. Após passar uma manhã atendendo pessoas impactadas pela enchente na Sogipa, onde as histórias das pessoas mostravam as necessidades básicas de saúde e impactados por determinantes sociais e de iniquidade na nossa cidade, que ficaram mais evidentes com esse desastre ambiental. Cito algumas histórias de pessoas que foram atendidas no clube Sogipa. Uma paciente de 56 anos que tinha necessidade de receita de medicamentos psicofármacos de uso crônico; um homem de 42 anos que apresentava síndrome de abstinência por droga adição; uma paciente de 40 anos que tinha

como preocupação a mãe, que estava na casa de uma amiga e não tinha como estar junto dela, pois não tinha dinheiro para o transporte; uma mulher de 35 anos que estava com dor nas costas por ter saído da sua casa inundada carregando tudo que podia para o abrigo. No entanto, o que mais me marcou no atendimento foi, sair da Sogipa, e me deparar com uma pessoa que se dirigia à portaria para solicitar um sapato, pois estava muito frio e ele apenas tinha um chinelo. Isso mostra a importância de identificar as necessidades individuais após um desastre com essa proporção e muitas vezes o que é necessário é “apenas” um sapato.



Camila Güntzel, 28 anos
Enfermeira

O mês de maio de 2024, por conta das enchentes que assolaram grande parte do Rio Grande do Sul, tornou-se um marco de destruição e solidariedade. Mesmo após já ter estudado sobre atuação em emergências, resgate de múltiplas vítimas e desastres naturais, é na realidade que o conhecimento se transforma. No calor do momento, as teorias são repensadas, adaptadas e, muitas vezes, novas lições surgem, exigindo uma resposta rápida e prática, que só pode ser gerada pela vivência do momento. Mais do que isso, é nesses momentos que nossa atuação deve ultrapassar a técnica, tornando-se uma ponte de humanidade: oferecendo calma, conforto e compaixão aos que mais precisam em meio ao caos. Como enfermeira especializada em tratamento de feridas, nunca imaginei que meu conhecimento seria testado em um cenário de tamanha calamidade. Dentre alguns locais em que voluntariei durante este período, um dos mais marcantes foi o ponto de resgate montado sob o viaduto Utzig, em Porto Alegre. O viaduto tornou-se um refúgio improvisado, caótico à primeira vista, mas eficientemente organizado ao observá-lo com mais atenção. Era ali que os barcos chegavam, trazendo vítimas resgatadas das águas que invadiam bairros inteiros. Crianças de diversas idades, idosos fragilizados, cães e gatos molhados, e até papagaios em gaiolas improvisadas faziam parte do cenário. Famílias inteiras, ou o que restava delas, desembarcavam, trazendo nos olhos um misto de alívio e desespero. Meu trabalho ia além de tratar feridas físicas. Era necessário escutar com cuidado e atenção as histórias que vinham com cada um que

chegava. Uma senhora, na casa de seus 70 anos, contou-me que segurou seus três cachorros no colo por horas, enquanto a água subia na sala de sua casa. Resgatada pelos socorristas no último minuto, sua primeira preocupação ao chegar ao viaduto foi pedir que não fosse afastada de nenhum de seus cães e que atendêssemos primeiro à eles. O pedido dela vinha no exato momento em que estava sentada à minha frente, no primeiro atendimento, tremendo de frio e completamente molhada, ela e os três companheiros agitados à sua volta. "Eles são tudo o que me resta", disse, enquanto eu aplicava um curativo em sua perna ferida por destroços. Além das vítimas, atendíamos também os heróis improváveis daquela tragédia: os socorristas. Muitos eram voluntários sem treinamento formal, pessoas que, movidas pela solidariedade, se jogavam em barcos improvisados ou mesmo nadavam até as casas inundadas para salvar vidas. Esses cidadãos anônimos, enquanto arriscavam suas próprias vidas, desafiavam o tempo de subida das águas na busca de retirar a salvo o maior número de pessoas de suas casas. Recordo-me de um jovem homem com cerca de 28 anos, com sua roupa de surfista e pés descalços, esbranquiçados pelo tempo prolongado imerso nas águas sujas que agora tomavam a cidade. Lembro-me de vê-lo dia após dia no mesmo local, independente do turno. Em um dos dias que o atendemos, ele chegou ao viaduto com os pés cortados e as mãos cheias de bolhas, mas recusou atendimento até que todos os resgatados estivessem seguros. "Você pode cuidar de mim depois?"

Ainda tem gente presa no último andar de um prédio," ele disse, com os olhos fixos no horizonte alagado. Os resgatistas eram como faíscas de vida em meio à tempestade, incansáveis na luta contra as águas. Seus corpos estavam exaustos, molhados, e tremiam de frio após dias sem descanso ou uma pausa para uma refeição. Alguns já apresentavam sinais claros de hipotermia e desidratação, mas seus olhos se mantinham fixos nos barcos que chegavam e partiam, revelando uma determinação indescritível. Enquanto verificávamos sinais vitais, limpávamos feridas e aplicávamos curativos, eles murmuravam com urgência: "Na rua onde passei, ainda havia vozes chamando. Eu preciso voltar." E, mesmo antes que pudéssemos insistir para que ficassem e se recuperassem, já estavam de pé novamente, prontos para mergulhar de volta no caos, guiados por um compromisso que transcendia o cansaço e o medo. Entre curativos e palavras de conforto, o viaduto tornou-se um lugar de encontros improváveis e gestos de humanidade. Um senhor que havia perdido contato com sua esposa e a encontrou em um abrigo, veio até a tenda de atendimento para pedir por medicação, pois havia perdido absolutamente tudo de sua casa, fora resgatado somente com a roupa do corpo. Ao ser atendido, com um sorriso no rosto disse a todos nós que em meio a tanta dor e tantas perdas, que ele havia recebido o maior presente de sua vida: reencontrar sua esposa com saúde, pois o resto que haviam construído juntos, poderiam tentar construir novamente. Havia algo de poderoso na solidariedade que emergiu naquele viaduto, sob

aquele concreto. Ali, não importavam classes sociais, credos ou diferenças. Éramos todos parte de um mesmo esforço: salvar o máximo de vidas possíveis e oferecer um vislumbre de esperança em meio ao caos. Ao final de cada dia, eu voltava para casa — ou para algum lugar onde conseguiria repousar por algumas horas — exausta, mas transformada por cada vida que havia cruzado a minha. E, apesar das cicatrizes — tanto nas peles quanto nas almas —, saí daquela experiência com uma certeza: é nos momentos mais desafiadores que a empatia e a coragem tomam novas formas e se intensificam, criando uma luz capaz de reacender a esperança de novos começos.



Pietro Bica Belmonte, 19 anos
Acadêmico de Medicina na UFCSPA

Apesar de ser um aluno do primeiro ano de Medicina, logo que tive a oportunidade de ajudar nos abrigos, eu me joguei para contribuir. Ainda recordo que as notícias sobre a enchente e a escala de voluntários não eram tão claras na mentalidade geral e fui pego de surpresa pela situação aonde o dia 5 de maio me levou. Isso nos conduziu para às sete da manhã de domingo. Era o primeiro dia que a UFCSPA havia assumido o abrigo, ainda em meio a organização, recebendo muita gente em muito pouco tempo. Mesmo não sendo ideal ter alunos auxiliando no posto médico, foi isso que acabou acontecendo no meio da calamidade. Devido à pouca quantidade de profissionais formados disponíveis, fui designado para auxiliar escrevendo os prontuários dos pacientes, visando a agilizar o trabalho dos médicos. Na ocasião, o médico que estava comigo era um psiquiatra. É válido pontuar que não é nada preferível ter um aluno tão cedo no curso ajudando, mas, em meio ao caos, um aluno de primeiro ano, mesmo sem saber escrever metade dos nomes dos remédios, foi quem teve para auxiliar. A primeira pessoa que chegou, pela manhã, era um caso grave de transtorno de estresse agudo. Ele havia chegado ao abrigo na noite anterior, estava há dias sem dormir após ter feito diversos resgates onde morava e passado por situações de muita vulnerabilidade e risco. Lembro-me de que estávamos nos apresentando entre os que cuidariam do posto de saúde, se é que era possível chamar de posto o corredor que fechamos com algumas cadeiras, uma farmácia improvisada e uma toalha para separar um consultório “privado”. Nesse mesmo mo-

mento, o primeiro paciente chegou respirando pesado, muito agitado, tremendo e chorando. Fiquei em completo choque. Logo, o levamos para um local um pouco mais isolado, no fundo, separado apenas por um pano. O médico pediu que eu escrevesse no prontuário as informações enquanto eles conversavam. Ainda lembro da sensação de ser pego de surpresa pela dura realidade do que estava acontecendo, especialmente por nunca ter tido contato com pacientes e por não esperar ver outro ser humano em uma situação assim: muito acamado. Pela hora seguinte, aproximadamente, ficamos conversando, e já era possível notar uma enorme melhora no estado dele. Apesar dos olhos vermelhos do choro e da expressão facial ainda marcada pelo pavor, ele se acalmou, ainda respirava trêmulo, mas fundo. Por fim, foi-lhe dada medicação que o ajudou a descansar um pouco. Duvido que eu esqueça desse caso. A experiência de ouvir alguém descrevendo o que viveu durante a enchente — como resgates feitos em primeira mão, a tristeza de ter perdido tudo de material e a angústia de ter muitos parentes desaparecidos — me marcou profundamente, especialmente quando ainda não havia tantos relatos da gravidade da situação em Porto Alegre, nem do quanto a água subia sem parar. Tudo isso é algo que te modifica abruptamente e de maneira irreversível. Acabei voltando nos dois dias seguintes, já que a organização ainda permitia alunos iniciantes. Nesse ponto, estavam preferindo alunos mais avançados no curso e com mais experiência, mas fiz um pouco de tudo que eu podia para auxiliar. Ver esse mesmo paciente retornar no dia se-

guinte, seja para conversar, seja para tomar seus remédios, foi uma luz em meio ao caos. Todos ainda lembrávamos dele do primeiro dia e, possivelmente, seguiremos lembrando para o resto da vida. Pela primeira vez, entendi que o que eu fiz teve impacto na saúde e no bem-estar de alguém. Foi algo transformador, ainda mais considerando que sou um aluno do primeiro ano que ajuda de forma muito limitada. No terceiro dia, entretanto, após quase uma hora de calmária, entrou uma criança pequena passando bastante mal. Logo, um dos dois médicos foi atendê-lo às pressas, mas não antes de entrar uma segunda criança — irmão do primeiro — engasgado e sem respirar. O outro médico começou imediatamente a manobra de desengasgo. No meio da loucura, que durou poucos segundos, entrou nosso paciente do primeiro dia, que era cunhado das crianças, muito ansioso novamente e passando mal pelo nervosismo de ver as crianças naquele estado. Ele estava quase como no primeiro dia. Nos dividimos intuitivamente, e acabei ficando para conversar com esse paciente, com quem já havia criado certa intimidade no dia anterior, quando ele voltou para agradecer. Naquele momento, mesmo sem a experiência necessária ou o conhecimento, ajudei como pude e entendi que, se eu não estivesse ali, se não tivesse insistido em ir em meio à calamidade, aquela pessoa talvez tivesse piorado o quadro do qual recém tinha melhorado. No fim, tudo acabou bem. Conseguimos acalmar o paciente e ajudar as crianças, que logo depois, já estavam correndo novamente. Toda essa experiência caótica, que espero nunca mais

viver, certamente alterou o modo como encaro e deu significado à graduação e, um pouco, à vida. No último dia que fui, quando a situação do abrigo já estava mais contida, com menos gente e mais calma, nós, estudantes, fomos convidados a ir até o viaduto, a algumas poucas dezenas de metros do abrigo. Não poderia descrever a situação senão como uma cena saída de um filme apocalíptico — uma mistura de “The Walking Dead” com “2012”. No viaduto, só se via o nível da água cobrindo todos os carros estacionados na rua e subindo parte da rampa. Inúmeras pessoas resgatavam outras com lanchas, barcos e carros. Todas as que chegavam eram atendidas rapidamente em um posto improvisado na beira da água. Do outro lado do viaduto, a cena era semelhante, mas, além da água, o chocante era a polícia protegendo as pessoas, pois, além da tragédia, havia quem tentasse tirar vantagem, assaltando lanchas e casas. Não era raro ouvir tiros ao longe, quando havia intervenções. O viaduto mostrava o extremo de dois mundos: centenas de pessoas ajudando pelo bem maior e algumas tentando se aproveitar da fragilidade alheia. Depois desse dia, não voltei mais. Os médicos conseguiram organizar os turnos e a demanda no abrigo caiu, sendo posteriormente dissolvido e transferido para locais maiores. Porto Alegre e o Rio Grande do Sul, como um todo, por mais 30 dias, seguiram sofrendo com as consequências dessa catástrofe, que certamente entrará para a história como uma das maiores tragédias ambientais que o nosso estado já viu.



**Stefani Rodrigues Caloni Oliveira, 23 anos
Acadêmica da Enfermagem na UFCSPA**

Era um dia de sol e muito calor, estávamos embaixo do viaduto em frente aos barcos na água acolhendo as pessoas que ali chegavam. A nossa missão era entender a integridade física e mental das pessoas e, se necessário, levá-las até a triagem que foi montada. Mas, acabamos fazendo muito mais do que isso. Aquelas pessoas precisavam de acolhimento, aconchego, abraços! Recebi muito carinho: “obrigada filha, vocês são anjos em meio a isso tudo”. E me emocionou muito o carinho que aquelas pessoas que estavam tão vulneráveis e fragilizadas estavam tendo conosco, o carinho que elas demonstravam pela única coisa que conseguiram salvar, os seus animais. Isso tudo com certeza nos causa muita reflexão. Às vezes, pensamos em estudar para sermos realizados financeiramente, realizar sonhos! Mas será que isso realmente é a parte mais importante da vida? Com tudo isso que aconteceu, podemos perceber que a coisa mais importante é viver! Cada um do seu jeito e com a sua história, viver com o carinho da família e dos amigos, construindo boas memórias, pois tudo pode acabar em um piscar de olhos.



**Carla Beatriz Haeser Ramirez, 48 anos
Psicóloga e mestranda na UFCSPA**

Estávamos ali, de manhã cedo, naquela segunda-feira do dia 6 de maio de 2024. Descemos a escadaria do viaduto, e meus olhos, incrédulos, viram aquela imagem: no final do viaduto, um rio, o rio do viaduto da Dom Pedro II. Logo ao lado, um segundo rio: o rio Cairu. Sim, ali mesmo, na esquina da Avenida Cairu com a Benjamim, por onde tanto já circulei, agora a passagem era possível só pela navegação. Curiosamente, estava um dia ensolarado e quente. Logo, a nossa querida psicóloga e professora da UFCSPA, Sheila Câmara, anunciou: “eles já vão chegar!” Eles eram os resgatados. E chegaram, as dezenas, que logo viraram centenas, de barco, de canoa, de jet ski. Sim, ali, em plena cidade de Porto Alegre, que agora era, sim, um porto, mas não tão alegre. Chegavam exaustos, molhados, tremendo de frio e de susto! Náufragos da cidade. Eram 9:30 da manhã quando amparei uma mulher com uma criança de uns dois anos de idade no colo. Em choque, tremendo, chorando muito, de olhos cerrados, a mulher era a imagem do desespero. Eu me apresentei a ela e disse que estavam seguras. A mulher não reagia e esmagava a menina nos braços. Então, segurei firme suas pernas e pedi para ela sentir o chão: “Sinta o chão, vocês estão seguras! Consegue abrir os olhos?” Ela me olhou, ainda tremendo e chorando e eu falei novamente: “Meu nome é Carla, sou psicóloga. Vocês estão a salvo! Consegue dizer seu nome?” “Daniela!”, ela disse. “Certo Daniela, e quem é essa que está em seus braços?” “Minha filha!” “E qual é o nome dela?” “Valentina.” “Então, Daniela,

“você e sua filha estão seguras agora!” Por um instante, a mulher se acalmou, mas logo voltou a chorar. “Você gostaria de me falar alguma coisa Daniela?” “É que meu marido nos colocou no barco e não conseguiu entrar com a gente!” A mulher voltou a chorar muito. “Qual é o nome do seu marido, Daniela?” “Éder.” “Certo, Daniela, você pode me dizer em que endereço vocês estavam, que eu vou passar para os resgastes. São muitas pessoas que estão chegando, mas nós vamos passar o nome do seu marido para eles.” E, assim, foi feito, anotei o nome do Éder e o endereço onde ele estava e levei até os bombeiros. Seguimos nos acolhimentos. Corrente humana. Cadeiras de rodas. Cobertores. Primeiros socorros. Choro de gratidão: “Vocês são verdadeiro anjos!” Disse uma senhora. E as horas foram se passando. Não sentíamos sede, nem fome, só a vontade de tirar mais alguém dos barcos. E, já eram quase 2 horas da tarde, quando mais um barco chegou. Fui receber mais resgatados. Com uma toalha nas mãos acolhi um homem: “Eu sou Carla, sou psicóloga, você está seguro agora! Qual o seu nome?” “Éder.” “Você está com mais alguém, Éder?” “Não. Minha esposa e minha filha foram salvas mais cedo.” “Qual é o nome da sua esposa?” “Daniela.” Naquele momento, naquele breve momento, meu coração se encheu de esperança. “Então, você deve ser o pai da Valentina!” “Ah, sim!” Era o pai da Valentina. Era o marido da Daniela. Aquele homem abriu um sorriso largo e seus olhos se encheram de lágrimas: “Você viu elas? Você jura que elas estão

bem?” “Sim, Éder! Elas já estão seguras com a sua cunhada!” Choro e abraços de gratidão. Em meio a tantos desencontros, aquele foi um encontro em meio ao caos. Vi tantas pessoas chegarem: filhos que se perderam das mães, idosos acamados sem saber como se comunicar com a família, uma mulher que recém havia parido seu bebê em casa. Qual era a chance de que eu encontraria o Éder? Quase nula. Mas aconteceu. Aquele momento, aquele breve momento, me fez entender que havia esperança, me fez perceber a importância de estarmos juntos nesse momento crítico. Mais do que isso: me senti grata pela oportunidade de ser portadora de uma boa notícia. Ainda tínhamos muito trabalho pela frente, mas tive a certeza de que depois que as águas baixarem, nós vamos nos levantar!

GIRASSOMOS

Os girassóis possuem esse nome porque,
Literalmente,
Procuram e acompanham a luz do Sol.
Porém, em dias nublados ou chuvosos,
Os girassóis se voltam uns para os outros,
Compartilhando energia
Para seguir firmes, erguidos.
E tem sido assim conosco:
Nesses dias nebulosos,
Nos voltamos uns para os outros,
Oferecendo nossa energia
Para erguer a quem precise.
E se faltar energia para você,
Não se preocupe,
Gire para o lado, pois
Assim como os girassóis,
Girassomos!



Eliane G. Rabin, 69 anos
Enfermeira e Professora na UFCSPA

Eu estava na Sogipa, no turno da tarde, em vários atendimentos com duas alunas do curso de enfermagem, quando fui chamada para assistir uma senhora diabética, hipertensa com seus cinquenta e poucos anos. Percebi a falta dos pés pelo curativo. Estava aos prantos e a minha aluna pensou que poderia ser dispensado algum medicamento para o estado nervoso. Iniciei a conversa, ajoelhada bem próxima da vítima a procura do motivo pelo qual ela chorava. Disse que estava muito preocupada porque não tinha notícias do filho adulto que ficara para trás no salvamento de pessoas. Não conseguia falar com ele porque não atendia ao celular e pensou que pudesse ter se afogado. Neste interim, chega o companheiro e informa que eram provenientes do Maranhão e que o garoto estava acostumado a nadar, mas ela estava inconsolável e não queria saber da fala do homem. Fui manejando o seu sofrimento e acolhendo a angústia, para além da perda dos seus pertences e casa também, a possibilidade de ter perdido o filho nesta tragédia. A instiguei a buscar situações alegres do convívio familiar e fomos trocando experiências que nos fizeram rir. Deixei muito claro que estávamos ali para cuidar das pessoas e unir as famílias assim que soubéssemos o seu destino. Segurei a sua mão e sequei as suas lágrimas, sorri e disse que ela estava segura ali e que em seguida teria notícias. Passadas algumas horas fui informada que a senhora queria me ver e fui logo me deslocando para o espaço onde estava, quando me chamou de longe em sua cadeira de rodas, toda sorri-

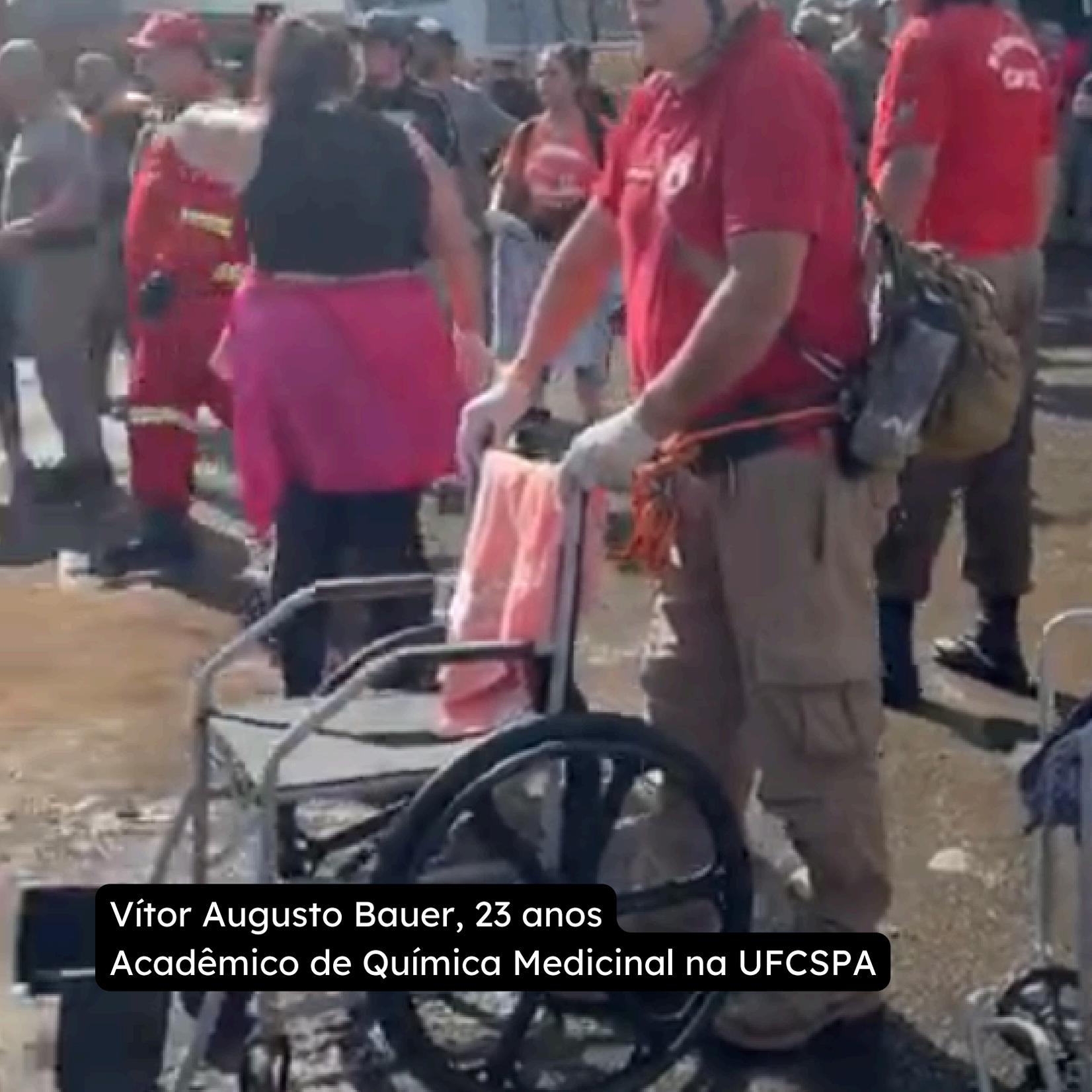
dente. “Ainda bem que te encontrei porque tenho novidades,” disse ela com os olhos marejados, “meu filho ligou e disse que estava bem e que eu não precisava me preocupar. Acreditei no que a senhora me disse, me tranquilizei e rezei. Muito obrigada, de todo o coração, por ter cuidado de mim.” Este retorno dos pacientes, pessoas para as quais dedico o cuidado sempre me emocionam e me fazem crer nas incríveis competências de ser humano ao olhar para o outro com compaixão no exercício profissional.



**Leonardo Rocha de Almeida, 34 anos
Acadêmico de Fonoaudiologia na UFCSPA**

Eu havia chegado de viagem em Porto Alegre no feriado do dia 1º de maio, pois sou docente no Instituto Federal Catarinense, e, na época, também da rede municipal de Porto Alegre. Comecei a me organizar, pois, naquela semana, teria estágio curricular obrigatório em Fonoaudiologia na área de Saúde Coletiva. Devido às chuvas, o estágio daquela semana havia sido cancelado. Fiquei acompanhando as situações e vendo as notícias pela Internet. Entendi que a situação estava parecida com a época de Covid-19 que a universidade também organizou momentos para estudantes estarem na linha de frente auxiliando a população. Comecei um dia indo auxiliar em outro abrigo, no sábado. Vi o anúncio da UFCSPA sobre o início das atividades no abrigo da Sogipa. Fiz inscrição para trabalhar no domingo à tarde, sabendo que não havia condições de retornar para Santa Catarina naquele momento e muito menos para atividades em uma escola na zona sul de Porto Alegre. Fui chamado para o domingo à tarde. Cheguei às 13h para as atividades. Quando eu entrei pela primeira vez no abrigo da Sogipa, parecia que estávamos em outra cidade, em um espaço diferente. Comecei, então, a fazer atividades com as crianças que estavam no local. À medida que o dia foi passando, comecei a auxiliar na triagem das pessoas que chegavam, encaminhando aqueles que precisavam de auxílio psicológico, atendimento de enfermagem ou outra informação sobre algum local do abrigo. Fui auxiliar uma colega a fazer uma busca de pessoas acamadas que

precisavam de auxílio para higiene. Também auxiliei no processo de movimentação dos acamados que precisavam ser movimentados nos leitos que conseguimos organizar. Seguimos com o trabalho até quase meia noite naquele dia, até a entrega dos remédios e outros materiais na farmácia. Continuei indo em vários turnos nos dias seguintes, realizando tarefas das mais diversas, desde auxiliar na entrada dos colegas, auxiliar em avaliação de disfagia com profissionais fonoaudiólogas, entre outras atividades. Naquele momento em que eu ia para lá, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo comigo. Amigos e pessoas próximas diziam que não fazia sentido se colocar em risco e ir para esses espaços. Porém, da mesma forma como aconteceu durante a Covid-19, parecia que, por ser um profissional de saúde em formação, era importante estar lá auxiliando as pessoas. Olhando tudo que ocorreu, percebo que senti uma grande confirmação enquanto futuro profissional de saúde das escolhas que fizemos em nos colocarmos na linha de frente para dar conforto e auxílio às pessoas que necessitavam.

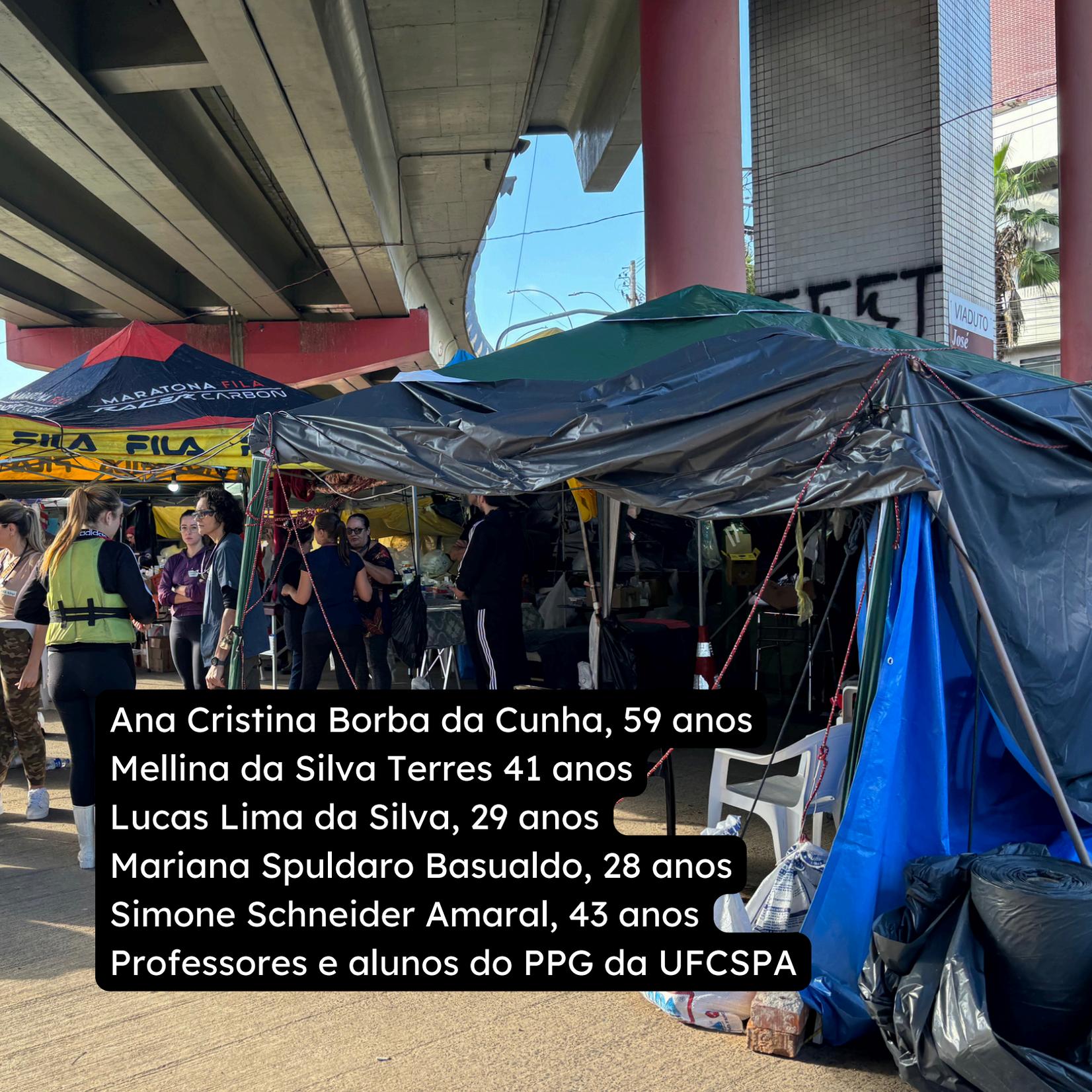


Vítor Augusto Bauer, 23 anos

Acadêmico de Química Medicinal na UFCSPA

Era maio de 2024, mês de uma enchente devastadora no Rio Grande do Sul. É o mês que ficou na memória de todos os moradores do estado. Do nada, tudo mudou. As aulas pararam, meu bairro em Porto Alegre alagou, e me vi voltando pra casa dos pais, sem saber quando conseguiria voltar para casa. Apesar de minha família não ter sido atingida, não tinha como ignorar o que acontecia lá fora. Um clima tenso pairava pelo ar. Tensão para saber quando as chuvas cessariam, quando as pessoas poderiam retornar às suas casas e de o que estava sendo e seria feito pelos que perderam tudo. De um lado, incertezas, do outro, força de vontade. A solidariedade a enchente não conseguiu levar. Vários atingidos receberam doações aos montes; caminhões repletos de roupas e alimentos vindos dos quatro cantos do país. Quem podia, ajudava trabalhando nos abrigos e doando. No abrigo que trabalhei (FENAC - Novo Hamburgo), a lotação máxima foi de 3,8 mil desalojados. Ao final da segunda semana, já havia no abrigo uma unidade de saúde improvisada, com médicos, enfermeiros, dentistas e psicólogos. Com o tempo, os espaços que acolhiam as milhares de famílias foram se organizando, buscando trazer mais dignidade aos abrigados. De todo modo, dormiam com os colchões no chão, separados apenas por “paredes” de papelão e recebiam as refeições apenas (regras do local) se estivessem sentados em suas camas. Era de partir o coração vê-los naquela situação, porém, servia como combustível para retornar no próximo dia. Aos poucos, as crianças que eu já conhecia pelo no-

me, que nunca negavam quando oferecíamos balas, foram voltando para suas casas. Eu me pegava admirando a inocência das menores — e quem me dera enxergar algumas coisas como elas — que aproveitaram aqueles dias com brincadeiras, pinturas e danças, acompanhadas dos novos amigos. Para elas, aquilo significou algumas semanas sem aulas. Para os pais, tinha um significado bem maior. Voltar para casa não deve ter sido tarefa fácil. Presenciei famílias abrindo a porta de seus lares e vendo lama do chão ao teto, chorando ao ter que se desfazer de lembranças destruídas, roupas nunca usadas. Na rua, os móveis empilhados só colaboraram com o cenário de catástrofe e exalavam um cheiro inenarrável. Trabalhar na limpeza de algumas casas foi uma experiência marcante. Éramos recebidos com carinho e sorrisos no rosto por todos. Nós retribuíamos com trabalho duro e escuta. A enchente passou e as marcas ficaram: nas paredes das casas e nas pessoas. Para mim, ela veio para mostrar o quão forte somos juntos. O povo gaúcho foi exemplo de força e boas virtudes. Além disso, levantou questões acerca da estrutura das cidades e do poder que a natureza tem. O clima tenso já não paira mais pelo ar, é tempo de planejar e se reinventar. Que, apesar das incontáveis perdas, as façanhas desse marco histórico possam servir de modelo a toda Terra.



Ana Cristina Borba da Cunha, 59 anos
Mellina da Silva Terres 41 anos
Lucas Lima da Silva, 29 anos
Mariana Spuldaro Basualdo, 28 anos
Simone Schneider Amaral, 43 anos
Professores e alunos do PPG da UFCSPA

Em abril de 2024, aconteceu a maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul (RS) afetando 469 cidades, levando 55.813 cidadãos para abrigos, 581.638 pessoas em situação de desalojamento e afetando aproximadamente 2.345.400 vidas (Governo do RS, 2024). Com a devastação de cidades pelas cheias dos rios, arrastando casas, vegetação, causando mortes e muitas doenças, principalmente após o período crítico, concluímos que enquanto não tivermos em harmonia com o meio ambiente a saúde estará ameaçada. Diante da gravidade da situação docentes e discentes da UFCSPA se uniram para auxiliar a comunidade atingida por esse evento climático. Nosso grupo trabalhou em diversos locais e atividades variadas: Colégio Rondon em Canoas com rouparia, only cats em Canoas, na Sogipa com espaço Lúdico, no Abrigo Cristal para mulheres e crianças, no abrigo Foro Partenon para mulheres com o projeto de Tingimentos naturais, na Cozinha Solidária da UFCSPA, no Abrigo Força Onco na Igreja São Jorge, no IPA com os animais, no mutirão de Limpeza-UFCSPA em Canoas, na plataforma digital Crianças do RS, com Medicamentos para Crianças e também no projeto Refúgio Seguro para prevenção de violência sexual contra mulheres e crianças nos abrigos. Queremos deixar aqui alguns relatos que muito nos comoveram nesse período. Ana Cunha conta: tive a oportunidade de trabalhar em diversos abrigos com atividades diferentes e vou relatar aqui alguns momentos marcantes. Durante o período que trabalhei no espaço lúdico da Sogipa com crianças re-

cém resgatadas tive a oportunidade de conviver com diferentes crianças que ainda não tinham tido a dimensão do estar fora de casa. Lembro com muito carinho de um menino de aproximadamente 4 anos, conhecido por todos do abrigo pelo perfil desafiador. Ele estava sempre presente quando o espaço lúdico abria e oscilava entre momentos de grande alegria com momentos de grande estresse. Uma manhã quando cheguei para minha jornada de trabalho próximo das 9h, me chamou atenção que esse menino estava dormindo com seu colchão bem em frente ao espaço lúdico (que não ficava na mesma sala dos dormitórios). Quando nossa equipe perguntou porque ele estava dormindo ali, os voluntários do turno da noite falaram que ele estava muito agitado, não conseguia dormir e somente conseguiu descansar quando o colchão foi colocado na frente ao espaço lúdico, o que deixou toda a equipe do espaço lúdico cientes da relevância do voluntariado. Na terceira semana de maio, desenvolvi oficinas de tingimento nos abrigos do Cristal e Foro Partenon. Nesse momento, me chamou a atenção o clima de melancolia, e desânimo das mulheres, porque estava chegando o momento de ver o que tinha restado das casas delas, bem como iniciar o processo de limpeza das casas. Era um clima de total incerteza e mesmo assim elas se esforçaram para participar das atividades que, às vezes, acabavam em uma roda de conversa. No abrigo da escola Santa Rosa de Lima, observei que as pessoas que lá estavam abrigadas ajudavam muito os monitores na organização do abrigo, desde a limpeza até na alimentação. Essa escola, que tinha

150 pessoas alocadas, ficou sem água por mais de 20 dias. No início das atividades nesse abrigo, caminhões pipas abasteciam a escola, mas, com o passar dos dias, essa ação diminuiu e as pessoas tinham que se virar com caixas de água dispostas no pátio para abastecimento de banheiros e precisavam tomar banhos frios. Tudo isso, somado a todas as perdas que tiveram. Entretanto, estavam lá lutando pela preservação da vida. Com a volta das atividades da escola e com as pessoas ainda sem acesso às suas casas, as pessoas abrigadas na Escola Santa Rosa de Lima novamente tiveram que ser realocadas em outros abrigos fazendo mais uma mudança, levando seus poucos pertences doados e acreditando no retorno às suas vidas, mesmo que ainda longe do ideal. Mellina Terres conta: tive a oportunidade de atuar em diversas ações de enfrentamento à calamidade, mas irei relatar aqui duas situações que me marcaram bastante no atendimento à população. A primeira, que deu origem à Plataforma Digital “Crianças do RS” e a ação “Medicamentos para Crianças”, foi a situação de uma tia que estava em diversos grupos de WhatsApp de moradores da zona sul desesperada por um medicamento para o sobrinho que é autista. Chamei ela privadamente e ela me explicou que a família do menino estava sem nenhuma renda para comprar o remédio e também sem acesso ao medicamento no SUS devido à enchente. A tia do menino explicou que ele ficava extremamente agressivo sem a medicação. Comecei uma ação para arrecadar dinheiro e em duas ho-

ras já estávamos com o valor completo. No outro dia ela recebeu o medicamento e me ligou chorando e agradecendo muito. A mãe mandou um vídeo do menino abraçado nos remédios. Com o dinheiro que sobrou, resolvemos ajudar outras famílias. Para angariar mais fundos, fizemos materiais digitais com a ajuda de uma aluna do PPGTIGSaúde que é farmacêutica e mais três voluntários. Na Plataforma Digital Crianças do RS, incluímos um formulário de solicitação de medicamentos para crianças, orientações sobre onde encontrar as medicações especiais no SUS, além de indicação de plataforma verificada de consulta gratuita de forma remota. Uma outra situação que me marcou, foi o pedido de socorro de uma mulher em um grupo de WhatsApp pedindo para entregar apitos nos abrigos para sinalizar o abuso de mulheres e crianças. Estruturamos, então, rapidamente uma ação que contemplava a orientação dos voluntários e abrigados através de cartazes explicativos sobre prevenção de abuso e a distribuição de apitos. As informações desse projeto estão na plataforma digital “Refúgio Seguro” que reúne informações dessa ação e outros materiais sobre identificação e prevenção de abusos nos abrigos. Lucas Lima conta: tive a oportunidade de atuar em diversas ações durante o período de calamidade pública. Em um período de 30 dias, participei do projeto Crianças do RS, no qual auxiliei a Profa. Dra. Mellina Terres a coletar informações pertinentes ao cuidado das crianças nesse momento tão desafiador. Entrei em contato com alguns amigos professo-

res, outras mães de crianças e também realizei pesquisas no Google e no Pinterest sobre como conduzir o tratamento das crianças no sentido lúdico, cível e criminal. Também fiz um formulário para a triagem pediátrica das crianças para uma clínica de São Paulo que se voluntariou a realizar as consultas médicas de forma remota e gratuita aos mais afetados pelas enchentes. Ainda participei de uma tarde no abrigo da UFCSPA na Sogipa, onde joguei futebol e uno com as crianças e também participei de uma oficina de pintura. Não esquecendo das noites que passei no abrigo da ForçaOnco na Igreja São Jorge em Porto Alegre, onde fiquei responsável por monitorar e auxiliar os pacientes oncológicos durante a madrugada. E também das tardes inesquecíveis na cozinha solidária com o pessoal da UFCSpão (união de discentes e docentes de diversos cursos da UFCSPA, principalmente, dos cursos de Gastronomia e Nutrição). Foram dias de trabalho e fortalecimento da nossa comunidade. Apesar do contexto, todas as experiências foram enriquecedoras. Mas as que mais me tocaram e fortaleceram, enquanto futuro gestor da saúde e ser humano, foi o Projeto Criança do RS e as madrugadas que passei com os pacientes oncológicos. Foram dias extremamente difíceis, mas esses dois projetos me tocaram profundamente! Simone Schneider Amaral conta: sou residente do município de Canoas, cidade em que mais da metade da população foi afetada diretamente pelas inundações de maio de 2024. Logo nos primeiros dias da calamidade climática, comecei a trabalhar como vo-

luntária na cidade. Em um primeiro momento, trabalhei na rouparia de uma escola estadual próxima à minha casa e que serviu de abrigo para mais de 500 pessoas. Depois, passei a dedicar minhas manhãs no auxílio de uma clínica veterinária particular especializada em felinos que abriu as portas para cuidar gratuitamente de mais de trezentos animais. Além disso, mantivemos o cronograma de entrevistas do projeto de extensão que coordeno, o PodChem — UFCSPA. Também contribuímos com o compartilhamento de informações verificadas e alertas importantes para a população nas redes sociais do projeto. Voltando ao relato das experiências do voluntariado, o tempo de voluntariado suscitou algumas reflexões que quero compartilhar aqui. Foram dias de dor, sensação de impotência e tristeza pelo sofrimento de centenas de pessoas, claro. Além de tudo isso e de tantas outras experiências importantes vividas, logo de início, algo que me chamou a atenção foi a grande quantidade de roupas femininas doadas. Quando comparamos a quantidade de roupas femininas e masculinas que chegavam em nossas mãos, a disparidade era impressionante. Embora eu não tenha dados concretos sobre os motivos que levam a essa diferença, vou me atrever a fazer uma leitura desse quadro. Homens e mulheres têm hábitos de consumo de roupas muito diferentes. As indústrias da moda e têxtil intensificam suas campanhas em torno das mulheres e menos nos homens, o que se reflete, inclusive, no vestuário infantil. A pressão estética que nós mulheres sofremos

desde a mais tenra idade, acaba refletindo em nossos hábitos de consumo. Some-se a isso, o fato de termos muitas roupas feitas com tecidos sintéticos, responsáveis por liberar microplásticos no ambiente, peças datadas que acabaram “encalhando” e que se transformarão em resíduos têxteis, temos um ciclo vicioso que precisa ser repensado e interrompido. Claro que esse não era o momento de conscientizar e palestrar para as pessoas que estão em momento tão vulnerável. Mas fica a reflexão: será que não seria a oportunidade de repensarmos nossa forma de consumir? Em relação às roupas, não é melhor decidirmos ter menos peças, de melhor qualidade, feitas com tecidos naturais, que sejam produzidas de forma responsável, com boa remuneração aos trabalhadores e trabalhadoras do setor? Outra reflexão que esses dias trouxeram tem relação com o machismo na nossa sociedade. Para além das histórias de descaso, mentiras, maus tratos e violência que acompanhei, trago aqui situações mais sutis, mas importantes: o trabalho invisível das mulheres. Mesmo durante a calamidade que vivemos, em que todos e todas estão nitidamente em choque e abalados, as mulheres seguiram se ocupando dos cuidados com a família sem descanso. Não foram poucas as mulheres que se encarregaram de selecionar as roupas para seus companheiros e filhos homens. Por curiosidade, sempre que possível, eu perguntava porque o companheiro ou o filho não vinha, ele mesmo, selecionar suas roupas, afinal não seria mais fácil eles

próprios acertarem gosto e tamanhos? Muitas mulheres respondiam, com um certo orgulho, que sabiam melhor o tamanho e o gosto de cada um do que eles próprios. Outras, menos animadas, se restringiam a dizer sem maiores explicações: “Ah! Eles não vêm !” Não foram poucas as vezes que as via voltar com as peças que não serviam ou que haviam sido rejeitadas. Um grande vai-e-vem e sobe-e-desce de escadas que geravam grande carga mental e ansiedade nessas mulheres. Outro aspecto que pude perceber, com relação ao machismo, é que as pessoas que buscavam roupas masculinas se negavam a selecionar roupas com cores ou modelagens que fossem minimamente associadas ao feminino. Havia grande preocupação, durante a seleção, em saber se a roupa era destinada a um gênero ou outro. Olhavam o gancho das calças, as marcas impressas nas etiquetas e a modelagem para garantir que não haveria engano. Na impossibilidade de decretarem, sem dúvidas, o “gênero da peça de roupa”, sempre optavam por rejeitá-la. Mesmo depois que o frio começou a chegar com força, nada mudou nesse sentido. Foram dias de muita aflição para a equipe de voluntários. Buscamos ativamente por doações de roupas de inverno masculinas porque muitos homens acolhidos preferiam permanecer de bermuda e camiseta, enfrentando temperaturas em torno de 5°C, a usar roupas femininas ou de gênero indefinido. Esse comportamento não era observado entre as mulheres. Muitas acabaram tendo de utilizar roupas masculinas

porque tivemos dificuldades em conseguir roupas de tamanhos grandes. Para as mulheres, usar roupas masculinas não era um problema. Também foi possível perceber que nem mesmo os animais escapam das consequências do machismo. Como foi amplamente divulgado, muitos animais tiveram de ser resgatados durante as enchentes no Rio Grande do Sul e muitos não estavam castrados. Contudo, quando se observa a proporção entre machos e fêmeas castrados, a diferença é gritante. O número de fêmeas castradas é notadamente maior. De novo, não tenho evidências científicas sobre isso, mas me parece ter muito a ver com a dificuldade que os tutores têm em “emascular” os animais machos. A mesma dificuldade parece não ser tão presente em tutores de fêmeas. Fêmeas essas que darão a luz às ninhadas em suas casas e trarão o ônus do cuidado para com os filhotes e a incumbência da adoção ou doação dos filhotes pelos seus tutores. Enfim, o machismo atinge negativamente a todos, nem mesmo os animais são poupados. Também conheci muitas pessoas incríveis nesse período e espero trazê-las comigo para o resto da vida. Tivemos momentos de alegria e demos boas risadas. Tentei ser uma boa ouvinte, organizar as roupas e selecioná-las com muito amor. Separava todas as peças, dobrava tudo com cuidado e buscava ouvir o que cada um e cada uma gostava para ver se trazia um pouco de alegria e conforto para aquele momento. Espero ter conseguido! O tempo de voluntariado com os felinos ainda não

acabou e tem sido imprescindível para o meu próprio bem-estar. Parece inacreditável, mas, enquanto eu trabalho para o bem-estar, eles me dão muito amor, carinho e me fazem focar no que é bom, e isso traz um bem danado. Estou torcendo para que tudo passe logo e que a vida não volte a ser a mesma, mas que seja melhor!

Mariana Spuldaro: Participei dos mutirões de limpeza organizados pelo Recomeça UFCSPA. Os grupos dos quais participei foram em zonas fortemente afetadas pelas enchentes, por conta disso, eram residências que tiveram o nível das águas atingindo o teto ou, até mesmo, ultrapassando para o segundo andar. Ficou mais que evidente o quanto há de trabalho a ser feito. São inúmeros os desafios, todos cruzados e emaranhados em perdas indescritíveis. Lares que foram construídos durante anos encontram-se devastados por um único evento climático. Inúmeras casas já enfrentavam seus próprios desafios, sendo eles de diferentes origens. Desafios de saúde, econômicos, sociais que, neste momento, somam-se às grandes perdas materiais e emocionais. Uma das residências em que fui voluntária pertencia a uma senhora que é responsável pelo filho autista e também pela mãe que encontrava-se acamada, ambos dependiam dela e precisavam tê-la presente. Tal cenário compromete o tempo disponível para a recuperação da casa que foi destruída. Neste caso, a colaboração através de voluntariado é essencial. A etapa de limpeza das casas é interminável, além de exigir diversos recursos e materiais que po-

dem ser custosos e inacessíveis para determinadas famílias. É um processo extremamente trabalhoso e torna-se muito mais extenso quando feito apenas por uma ou duas pessoas, situação comum em inúmeros lares perdidos. Além disso, a fase de recuperação das residências exige um trabalho físico extenuante, cenário que pode ser um imenso desafio para indivíduos com limitações físicas. As áreas devastadas têm muito a recuperar. É essencial que continuemos unindo forças para, aos poucos, retomarmos a normalidade que foi embora. Essa tragédia, sem precedentes, mostrou que ainda somos um povo unido e observamos atentamente a responsabilidade social de discentes e docentes da UFCSPA que, sem precisar de nenhuma chamada especial, promoveram um movimento migratório da universidade para atividades extramuros, fortalecendo a inserção da extensão nos cursos de graduação e pós-graduação conforme a resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação da Câmara de Educação Superior.

Referência: Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (2024). Porto Alegre. Acesso em 21/06/2024.



Giovani Basso da Silva, 26 anos
Enfermeiro

Simone Travi Canabarro, 58 anos
Enfermeira e Professora na UFCSPA

Escrevo sobre a necessidade de repensar o ensino e a aprendizagem fora das estruturas tradicionais universitárias. Em um mundo em constante transformação, emerge o "aprender fazendo" como prática essencial, um conceito amplamente discutido e incorporado por diretrizes de organizações de ensino e saúde. A tragédia climática que assolou o Sul do Brasil recentemente evidenciou esse conceito em ação, criando uma experiência singular que demandou uma resposta ágil, interdisciplinar e altamente colaborativa. Na zona norte de Porto Alegre, as águas subiam incessantemente. Os dias eram longos, e os atendimentos de urgência pareciam intermináveis. No início do trabalho, identificou-se uma "área de fronteira", um ponto crítico de intervenção onde seria fundamental encontrar o "cruzador da fronteira", ou seja, alguém capaz de influenciar positivamente o fluxo do atendimento e contribuir para que o caminho fosse encontrado. Em meio ao caos, tínhamos três lideranças principais: uma bióloga com vasta experiência em projetos de extensão, uma enfermeira jovem e especializada em urgências, e uma médica com grande capacidade de organização. Juntos, éramos muitos: profissionais de saúde, voluntários, SAMU, Exército, Bombeiros, Brigada Militar, e Polícia Civil, todos atuando em prol de uma população em sofrimento. O cenário era desolador, um verdadeiro campo de batalha contra as forças da natureza, onde animais e pessoas eram resgatados por socorristas e voluntários em botes e barcos. O relato de Hutz, Bandeira, Trentini e Vasquez (p. 141) resu-

me bem essa situação: “Em oceanos desconhecidos, estaremos imersos na originalidade, na singularidade e na pluralidade de pessoas e possibilidades.” Esses tempos de crise impulsionaram a emergência de uma nova educação em saúde, ancorada na experiência direta e prática. A demanda por atendimento crescia constantemente, o que exigiu a rápida expansão das tendas de atendimento. Neste momento, profissionais e estudantes de uma universidade federal de Ciências da Saúde se uniram à equipe. Médicos, enfermeiros, técnicos, psicólogos e acadêmicos colaboraram para reestruturar o fluxo de atendimento e ampliar a capacidade de resposta. Foi uma oportunidade de aprendizado, onde todos compartilhavam a “arte de salvar” em um ambiente de prática interdisciplinar, refletindo o conceito de Japiassu sobre o trabalho em equipe e interdisciplinaridade. Dentro da organização do atendimento em saúde, surgiram necessidades imediatas, como oxigênio, ambus, e materiais de primeiros socorros. Era imprescindível que cada pessoa resgatada recebesse uma triagem completa. Para garantir a segurança, formou-se um cordão de isolamento que permitia separar as vítimas que necessitavam de atendimento imediato daquelas que apenas precisavam trocar de roupa. Voluntários improvisaram um vestiário com lençóis para que as pessoas pudessem se secar e trocar suas roupas molhadas. Enquanto isso, uma farmácia foi organizada com o objetivo de disponibilizar medicamentos corretos e adequados. Como destacou

Minayo (2020), reconhecer a competência técnica e a comunicação são elementos essenciais em situações de crise. Houve também momentos de grande carga emocional, com pessoas em busca de seus entes queridos e sendo acolhidas por psicólogos, o que, como destaca Minayo, é essencial para atender às necessidades de saúde mental emergenciais. Pets resgatados eram separados temporariamente e triados por uma equipe de veterinários para possibilitar reencontros com seus tutores. Muitas pessoas chegavam em estado de choque, com sinais vitais alterados, cortes e outras lesões, enquanto o Guaíba transformava as ruas da cidade em afluentes. O rio, outrora um "mestre" de tantos pores do sol, tornava-se agora um gigante devastador. O conceito de futuro ancestral, como explorado por Krenak (p. 107), nos tocava profundamente, trazendo o aprendizado pela dor e pela experiência. No Viaduto da Cairu, não havia tempo para pausa; éramos movidos pela necessidade de continuar e salvar vidas. Como afirma Freire em "A Pedagogia da Autonomia" (p. 141), aprender fora dos limites da sala de aula gera uma aprendizagem significativa. A emergência revelou a importância da formação de equipes multidisciplinares e a dissolução de hierarquias, criando um ambiente de aprendizado e colaboração onde todos, desde acadêmicos até profissionais experientes, tinham a oportunidade de contribuir e aprender. Enfrentamos, ainda, o esgotamento dos profissionais em serviço contínuo, a ponto de necessitarem de apoio psicológico. Foi

nesses momentos de exaustão que o voluntariado revelou sua essência, com pessoas oferecendo café e pão aos trabalhadores, trazendo um pequeno alívio em meio à adversidade. A comunicação entre os turnos noturnos e diurnos foi essencial, e a equipe contava com o apoio de professores universitários que articulavam e coordenavam as ações. As diretrizes curriculares de saúde e educação médica preconizam o trabalho conjunto, uma abordagem que temos buscado desenvolver ao longo dos anos em projetos de extensão e residências multiprofissionais. No entanto, situações de crise como essa revelam uma nova camada do conhecimento e da prática, mostrando que é possível e necessário aprender e ensinar em contextos de emergência. Com liderança e espírito colaborativo, conseguimos superar desafios e salvar vidas. Essa experiência de aprendizado, vivida no calor da tragédia, reafirma a importância de um ensino em saúde baseado na prática, na empatia e na adaptabilidade. Como afirmou Japiassu, a interdisciplinaridade é essencial para respondermos à complexidade do mundo atual. Freire nos lembra da importância de uma educação que faz sentido e que é vivida na prática. A crise nos permitiu refletir sobre a necessidade de uma nova educação em saúde, onde o aprendizado não ocorre apenas em sala de aula, mas no caos e na realidade da vida. Como nem tudo é teoria. Vamos contar duas histórias para vocês. Em meio a uma grande enchente, nasceu J. em um período atípico para o outono brasileiro, quando normalmente se espera

uma brisa suave e folhas caindo. Em vez disso, as chuvas incessantes transformaram a cidade em um cenário de lama e destruição. M., mãe de J., explicou que o bebê estava “sentado” no ventre, precisando, portanto, de uma cesariana no hospital. A família morava no bairro Navegantes/Humaitá, uma das áreas mais afetadas pela enchente. Em meio a um cenário de caos ambiental, fruto de mudanças climáticas previstas há décadas, os moradores enfrentaram a destruição de suas casas e a falta de serviços essenciais como água, energia elétrica e Internet. Mesmo assim, em meio a tantas perdas, surgiu também uma rede de solidariedade. J. nasceu forte e, ao deixar a maternidade, foi transferido com sua mãe para um abrigo improvisado que abrigava 480 pessoas. Lá, mãe e bebê foram acomodados próximos à área de saúde, onde foi montado um pequeno ninho para J. Esse espaço oferecia um acolhimento especial à família, atendendo às necessidades de um recém-nascido em situação tão vulnerável. A enfermeira responsável pelo turno da tarde conversou com M., observando que J. mamava bem, com uma pega firme e a aréola da mama corretamente encaixada na boca, o que evidenciava sua segurança e força. M. mencionou com pesar a perda da caderneta do bebê, essencial para o acompanhamento de sua saúde. Em puericultura os primeiros 1000 dias de vida são conhecidos como “dias de ouro”, pois representam um período crítico para o desenvolvimento físico e neurológico, quando a alimentação, o cuidado e os estímulos influenciam diretamente o futuro da criança. A enfermeira

realizou alguns testes iniciais em J., como os reflexos de Moro, preensão e marcha, e o parabenizou. Sensibilizada com a situação, começou a articular a realização do teste do pezinho, um exame essencial para o diagnóstico precoce de seis doenças em recém-nascidos, realizado entre o terceiro e o sétimo dia de vida. Sem o teste, doenças como hipotireoidismo congênito e fenilcetonúria poderiam passar despercebidas, comprometendo a saúde da criança (Minayo, 2020). Dada a situação emergencial, as enfermeiras e acadêmicas de enfermagem do abrigo se mobilizaram para realizar o teste do pezinho de J. ali mesmo. Com a ajuda de uma professora, que auxiliou na comunicação e execução do exame, esse se tornou o primeiro caso de realização do teste do pezinho em um abrigo em Porto Alegre. À tarde, J. seguia mamando bem, e os testes de reflexo foram repetidos, tranquilizando a mãe. Mesmo diante das dificuldades do pós-parto e das incertezas sobre o futuro, M. expressava serenidade e gratidão pelo cuidado que J. e ela recebiam. Esse relato representa uma experiência singular de cuidados à saúde em meio ao caos, evidenciando a importância da empatia e da resiliência no atendimento às famílias em situações extremas. Em 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou uma das maiores enchentes de sua história, afetando milhares de pessoas e deixando muitas desabrigadas. Em Porto Alegre, um abrigo emergencial foi estabelecido em um clube local para acolher mais de 500 pessoas que perderam suas casas. Entre os abrigados estava A., uma bebê de seis meses, deitada em colchões ao lado de sua mãe. A mãe revelou que A. nas-

ceu prematura e com peso abaixo do esperado para sua idade gestacional, o que tornava sua saúde ainda mais frágil. No caos das enchentes, equipes de resgate e voluntários trabalharam incansavelmente para fornecer abrigo, alimentação e cuidados básicos a todos os afetados. A mãe de A., uma mulher solo vinda de um bairro às margens do Rio Guaíba, chegou ao abrigo exausta e preocupada com a saúde e bem-estar de sua filha. A., assustada, buscava o conforto do colo materno. A vivência no abrigo foi um desafio, mas também uma oportunidade de demonstrar resiliência. Resiliência pode ser definida como a capacidade de se adaptar positivamente a condições adversas, superando desafios e se fortalecendo diante das dificuldades (Brasil, 2021). A mãe de A., nos primeiros dias, teve acesso a recursos básicos que ficaram escassos durante a enchente: banho quente, cama para descansar e refeições nutritivas. Isso não só melhorou sua condição física e mental, como permitiu que ela cuidasse melhor de sua filha, garantindo uma amamentação adequada. O ambiente coletivo no abrigo promoveu uma socialização espontânea entre os desabrigados, que passaram a compartilhar experiências e se apoiar mutuamente. A mãe de A. pôde tirar dúvidas com outros abrigados e com a equipe de saúde presente no local. Essas interações aliviaram a ansiedade e fortaleceram a esperança de que dias melhores estavam por vir. Com o apoio contínuo dos voluntários e profissionais de saúde, A. começou a recuperar peso e a demonstrar sinais de desenvolvimento, fixando o olhar nos cuida-

dores e segurando brinquedos com as duas mãos. O acadêmico, que auxiliou no cuidado, trouxe um brinquedo para a bebê, incentivando seu desenvolvimento sensorial e motor. A experiência de A. e sua mãe no abrigo ilustra a importância das palavras de Ailton Krenak, que destaca a necessidade de "adiar o fim do mundo" por meio do compromisso com a vida, mesmo em meio a circunstâncias adversas (Krenak, 2019). Essa filosofia se manifestou no abrigo, onde a prática diária de cuidado e o apoio mútuo permitiram que muitos encontrassem forças para superar as dificuldades. A vivência no abrigo não foi apenas uma questão de sobrevivência, mas também de renovação de esperança e construção de resiliência. A rede de apoio formada em torno de A. e sua mãe, composta por voluntários, profissionais de saúde e outros desabrigados, criou um ambiente em que a prioridade era o cuidado para com a vida. Esse apoio foi fundamental para garantir que as necessidades mais básicas fossem supridas, e que os vínculos de solidariedade reforçassem a capacidade de superar uma crise. A história de A. e sua mãe destaca a importância de estruturas de apoio e da solidariedade em tempos de crise. Cuidar uns dos outros, especialmente dos mais vulneráveis, é essencial para enfrentarmos desafios e construirmos uma sociedade mais justa e resiliente.

Referências: BRASIL. Caderneta da Criança: Menina – Passaporte da cidadania. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M.; VASQUEZ, A. Em oceanos desconhecidos: desafios para a psicologia no século XXI. In: Desenvolvimento humano e saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2010. JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006. KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. MINAYO, Maria Cecília de Souza. Avaliando a saúde mental em contextos de crise. 5. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

A group of people, including children and adults, are wading through a flooded street. The water is murky brown and reaches up to the knees of the people. In the background, there are trees, utility poles, and a clear blue sky. The scene appears to be in an urban or suburban area.

**Sheila Gonçalves Câmara, 50 anos
Tonantzin Ribeiro Gonçalves, 43 anos
Psicólogas e professoras na UFCSPA.**

Duas professoras escreveram o texto, mas as histórias aqui contadas foram vividas por quem formou a equipe da UFCSPA envolvida nos cuidados psicológicos sob o viaduto da Cairu no dia 9 de maio de 2024. São elas: Belcris Brochier Mazzitelli, Dara Ceccarelli Pesce, Everson Veiga, Fabiana Pascoal Araujo, Gisele Castro de Miranda, Jéssica Carboni, Joana Côrrea de Magalhães Narvaez, Juliana Roloff, Mariana Franche, Miguel Oliveira Cruz; Rafaela Carus, Renata Maltz, Sheila Gonçalves Câmara, Tonantzin Ribeiro Gonçalves. A todas elas, agradecemos pela parceira em um momento tão difícil. Dados os créditos e feitos os agradecimentos, vamos às histórias. Debaixo da ponte, ou melhor, debaixo do viaduto Jose Eduardo Utzig... Utzig que, no caso, foi um sociólogo gaúcho, nascido em Tapera, que faleceu repentinamente em 2002, logo após ter dito que queria era “apaziguar e unir”... Pois, sob viaduto Utzig, o dia 9 de maio de 2024 já era o quinto dia de resgate de pessoas e animais, em decorrência das enchentes históricas em Porto Alegre. A estrutura de recepção das pessoas resgatadas estava organizada em um corredor de serviços que se iniciava pelos atendimentos médicos e, nesse dia, o local fixo da Psicologia era em um gazebo mais afastado. De acordo com o funcionamento que se estabeleceu, a Psicologia tinha esse lugar como um recurso para acolhimento de situações que demandavam mais tempo. O trabalho, no entanto, era volante, com o pessoal esperando a chegada dos barcos, acompanhando as pessoas nos atendimentos médicos e nas demais demandas necessárias em cada caso. Esse acompanhamen-

to era, portanto, feito no percurso, e as situações que demandassem maior tempo, eram acolhidas no gazebo disponibilizado nesse dia. No dia 9 de maio, não chovia. O clima estava ameno, apenas, na metade da tarde, começou a fazer frio. Em torno das 11 horas da manhã, chegou um barco no qual estavam uma mãe e seu filho de 10 anos, resgatados de um edifício no bairro Humaitá, a cerca de cinco quilômetros dali. O percurso no barco de resgate tinha durado em torno de quatro horas. Mãe e filho tinham alguns pertences guardados em uma mala e duas mochilas, de maneira que, em princípio, era observável que haviam saído com certa organização. Ambos chegaram molhados. A mãe, em estado de choque. O menino, inteiramente voltado para o cuidado da mãe. No momento do acolhimento não foi possível obter nenhuma resposta verbal da mãe, que tremia e chorava em um desespero contido. Acompanhamos os dois até o gazebo em que estávamos. Ali, conseguimos saber o nome da mãe, pois ela usava uma corrente com seu nome. Tratando-a por seu nome, foi possível iniciar a interação. Quanto ao menino, que disse seu nome e idade, se iniciou uma conversa sobre ele, de maneira que ele conseguisse aliviar sua preocupação intensa com a mãe. Nesse processo, obtivemos as informações de que a família era composta pelos dois, mais o pai. Eles já estavam há alguns dias ilhados em seu apartamento no segundo andar. No andar inferior tinham como vizinhos um casal com um bebê. Naquele prédio, em princípio, ninguém acreditava que as águas fossem chegar;

em seguida, não era possível crer que subissem tanto e tão rapidamente; depois, que não iriam baixar também rapidamente. Entre o não acreditar, sem água e sem luz, e constatar a realidade que se impunha, tinham passado bastante tempo em titubeios, postergando a decisão de saírem do local. Mesmo assim, ela nos contou que seus vizinhos não cogitavam sair. Nesse período, ela começou a ficar mais preocupada pelas condições mentais da vizinha que quase havia causado um incêndio no local, por descuido com uma vela. E tinha o bebê. Ela disse que não conhecia ninguém da vizinhança antes disso, mas a situação acabou criando vínculos. Nesse dia, especificamente, ela já havia decidido que queria sair dali com seu filho. Às 8 horas da manhã seu marido e o vizinho tinham saído de barco para carregar os telefones celulares, embora, nesse momento, já não houvesse sinal de Internet ou de telefone naquela região. Nesse meio tempo, chegou um barco de resgate e a mãe saiu levando o filho. Ao chegar no local de resgate, mais ou menos quatro horas depois disso, não sabia do destino de seu marido nem da família de vizinhos. Ela acreditava que seu marido voltaria para casa. Isso, no entanto, era algo imprevisível, pois ele poderia não ter conseguido voltar, e poderia ter sido resgatado em outro local. A família não tinha outro lugar para onde ir. Era uma situação de encaminhamento para algum abrigo. Foram iniciadas, então, tentativas de encaminhar mãe e filho, de maneira que fossem registrados e seus nomes disponibilizados para facilitar o contato com o pai. Mas a mãe disse que dali não sairia até que o marido chegasse. Por

onde ele andaria? Teria ficado em algum lugar seco? Teria voltado para casa? Teria sido resgatado por outro local? Enquanto ela e o filho se propunham a esperar, de nossa parte, da Psicologia, nos coube aceitar e lidar com nossa própria aflição, incerteza e impotência diante daquela situação. Passaram-se, então, 8 ou 9 horas. Todo o tempo com alguém da nossa equipe acompanhando os dois. Abraço, água, comida, paciência, cuidado, esperança e desespero. Ao longo do dia, conseguimos mais informações, em pequenas peças, para ir montando o quadro. A família havia se mudado para Porto Alegre há poucos meses, em função do trabalho do pai. Vinham em uma cidade do norte do país, cidade conhecida, no Brasil, por suas águas e por seus caminhos planejados sobre as águas em tempos de cheia dos rios. Em Porto Alegre, a empresa para a qual o pai trabalha disponibilizou locais de moradia que seriam mais seguros para sua residência. No caso deles, um lugar perto da empresa, em região aparentemente não vulnerável aos eventos climáticos. À tarde chegaram outros colegas nossos. Todos inteirados da situação, encontraram os dois no gazebo da Psicologia, com seus sacos e mochilas acomodados por ali, em meio à agitação e ao corre-corre incessante. O olhar deles era de preocupação, seus corpos exalavam uma tensão latente, nesse momento, apaziguada. Ela demonstrava estar um tanto contrariada naquele momento: braços cruzados, testa franzida, corpo inclinado e ereto. Como dimensionar a contrariedade? Revestida de arrependimento? De culpa? Sentimos que ela repassava interna-

mente os últimos acontecimentos: a decisão tomada na noite anterior de aceitar o resgate, a saída do marido para tentar recarregar o celular, a decisão de entrar no barco com o filho, ele voltando ao apartamento e não os encontrando, a família dividida pelas águas turvas, e ela ali, com o filho, agora seca e alimentada, mas sem ir para frente e sem poder voltar atrás, imobilizada pela espera. Em meio ao caos de tantas demandas simultâneas, foi garantido o cuidado de manter mãe e filho sempre acompanhados por alguém da Psicologia. Em algum momento, pelo meio da tarde, foi possível sentar com ambos e iniciar uma conversa despretensiosa para manter o cuidado e avaliar as possibilidades. Eles contaram seu percurso de vinda a Porto Alegre e ela manifestou preocupação com sua mãe, que ficara no norte do país, pois não falava com a família desde o início de tudo, há oito dias, e a família toda deveria estar em alas pela falta de notícias pessoais, enquanto as informações da catástrofe chegavam pelos meios de comunicação. Aberto esse canal, uma alternativa foi perguntar a eles se queriam tentar falar com a avó enquanto aguardavam. Ela perguntou se tinha alguma loja aberta na Avenida Assis Brasil para comprar créditos para sua linha de celular. Assim que fez a pergunta, ela desvaneceu, lembrando da calamidade, da água barrenta, da falta de luz, da falta de toda banalidade da vida: “Acho que não tem nada aberto para lá, né?” Não tinha. Mas o tema não era só isso. Perguntamos se eles tinham o número do telefone da avó a mão e uma de nós ofereceu seu telefone para fazer a ligação.

Os olhos do menino, até então perdidos e cabisbaixos, se acenderam num lampejo e ele foi catar seu celular nas bolsas para achar o número. Ele tinha carregado um pouco o celular quando chegou na tenda, porque energia para carregar telefones era uma das primeiras necessidades naquele momento. Tentamos ligar imediatamente, mas chamava e ninguém atendia. O conhecido barulho de uma chamada sem resposta em meio à urgência. Então, foi enviada uma mensagem de texto para a avó. Uma nova espera se instalou ali, na espera de uma resposta. Ela disse ao filho que a demora deveria ser por a avó ainda estar no trabalho, considerando a diferença de horário, mas que, provavelmente, lá pelas 18 horas ela conseguiria responder e que, certamente, diria para eles pegarem o primeiro avião de volta para casa. De acordo com a mãe, essa não era, inicialmente, uma alternativa. A família tinha vindo para cá para trabalhar e progredir, não pensavam voltar para seu estado natal. Aqui, embora sem familiares por perto, contavam com redes de apoio na igreja e o projeto inicial era seguir nesse caminho. Também não haveria sido possível pegar um avião, pois o aeroporto já estava fechado pela inundação. Nem por via terrestre seria possível sair de Porto Alegre por aqueles dias. Também estavam bloqueados os acessos, e a cidade estava isolada. Mas, durante todo o tempo, o desespero, o cansaço, a aflição estavam focados no marido: onde estará ele? Era o quinto dia de resgate ali. Isso não era bom, pois resgate de barco em meio ao cenário urbano é difícil, e que estivesse demorando tanto tempo, pior ainda. Mas

sempre é uma questão de tempo. No caso, o tempo de termos estado ali todo o tempo. O tempo, o campo de trabalho, as amizades de campo. E, nessa história específica, foi bom contar com o tempo de todos os dias anteriores e o vínculo cooperativo com as pessoas que estavam fazendo os resgates. No caso, era uma pessoa. No caso, as ruas eram rios e a numeração das residências estava coberta pelas águas. Para os companheiros resgatistas esse fato era detalhe. Eles queriam saber de vidas. Então, um deles veio conversar. Na mão ele tinha o celular. Com posse do endereço concreto, mostrava para a pessoa o imóvel em questão, se assegurava que era ali mesmo e dizia: vamos por ele! Algum tempo depois disso, alguém chegou com a notícia de que ele havia sido resgatado e estava vindo. Tinha entrado no barco. Devia ser umas 17 horas, pois o sol já estava baixando e o céu ia se revestindo daquele leve tom acobreado. O alvoroço tomou conta de todos e, em comitiva, fomos até o cais improvisado debaixo do viaduto, não sem antes deixarmos alguém cuidando dos pertences da família na tenda, porque o cuidado é vasto, mas também delicado. Nós nos posicionamos no guarda-corpo da avenida onde se demarcava uma área externa à chegada dos barcos, que vinham com pessoas e animais. Naquele cenário, os barcos eram a terra firme para todos os seres vivos, embarcados ou não, em meio a um resgate. Ali, passaram-se algumas boas horas. Um barco após o outro aparecia no final da rua, e, a cada embarcação, vários olhos atentos buscavam identificar quem estava chegando. Chegaram muitos

animais domésticos. Presenciamos o reencontro de um cachorro com seu dono; vimos muitos resgatistas arrastando os pés, extenuados depois de um longo dia de trabalho, mas nada do marido. O tempo, tão urgente, foi passando em seu ritmo ao longa da espera. No gradil, conversávamos coisas que nem lembramos mais, mas que, em suas futilidades e sabedorias, foram muito importantes para fazer com que o tempo corresse com menos angústia. Nesse viver, uma de nós expressou os pensamentos de todos nós naquele momento: “Por que essa demora toda? Como pode levar tanto tempo se é aqui tão perto?” Distâncias que a enchente nos ensinou a recalcular. A essa altura chegou também o frio. Enquanto o sol, ia se despedindo, criou-se um porta-retrato de inesquecível beleza e assombro. Um rio no meio da zona urbana de Porto Alegre. Um pôr-do-sol lindo sobre as águas em Porto Alegre, como sempre nos orgulhou. Só que ali era muito longe de ser rio. Nesse cenário até caberia pensar que, talvez, pudesse entrar, pelo rio da rua Cairú, uma das Caravelas de Cristóvão Colombo! E não seria de duvidar, porque, frente ao inimaginável, a barreira de tempo e espaço se diluem. Por esse tempo, naquele guarda-corpos que guardava nossa aflição e segurava nossa inquietude, éramos muitos juntos a mãe e filho. Naquele momento, no qual todas nossas almas tinham urgência, os resgatistas faziam de tudo para salvar vidas. E nós, simplesmente, estávamos no gradil, esperando. Mas esperar e ter esperança são só o primeiro passo do caminho do esperar. Pois foi, então, que teve início a lida da vestimenta encoberta. Fomos na

tenda das roupas para que a criança escolhesse um casaco: subterfúgio de distração coletiva. Também pegamos roupas de frio, um casaco e um par de meias para a mãe. Alguns colocavam meias e agasalhos, enquanto brincávamos e ríamos com algumas roupas que ficaram muito grandes. Ele interagiu de modo decidido e descontraindo com a voluntária que organizava as roupas por tamanhos e gêneros, priorizando, agora, as mais quentes. Em seguida, voltamos ao guarda-corações-corpo, com eles esperando a nau! No celular que tínhamos disponibilizado para a comunicação da família daqui com sua família do norte do Brasil, a pessoa responsável verificava seu aplicativo de mensagens pela centésima vez: nada da avó responder. No mole da rua Cairú, também esperávamos outro resgate. Em uma história paralela de espera, esperávamos pelo irmão de outra pessoa resgatada e acolhida por nós. Mas essa é outra história entre tantas. Mais uma que também deu certo. De volta ao gradil de espera, já deveria passar das 20 horas daquele 9 de maio de 2024, quando, de repente, ela grita: “É ele!” Não vimos nada, mas o filho gritou, saiu correndo e passou pelo cordão de isolamento, quase em tempo de o policial impedi-lo. Não impediu porque ninguém ia impedir aquele encontro, mas, na prática, foi por uma colega nossa ter gritado ainda mais alto: “É o pai dele!”. E, entre todos que estávamos ali, com ou sem uniformes, vindos de diferentes lados, a única coisa certa, comum a todos, em meio à profunda incerteza era viver a imensa alegria dos encontros, dos reencontros, de todos termos feito sentido ali. E ali era o mundo. E

não podemos esquecer de contar que, da mesma nau, chegaram em terra firme o casal de vizinhos com seu bebê. Uma correnteza de alegria tomou a todos naquele abraço triplo; um fluxo de esperança e sentido finalmente nos alcançou. Roupas quentes, comida e pensar onde passar a noite. A família, então, reunida queria encontrar um abrigo junto com amigos da igreja. No gazebo contínuo ao da Psicologia, uma voluntária que averiguava e encaminhava as pessoas para os abrigos já buscava contato com um local. No caos da urgência, quem estava ali tinha a consciência, o cuidado e o compromisso humano de destinar as pessoas conforme suas escolhas e necessidades. A voluntária ficou, por longo tempo, tentando contato com o local definido. E o tempo estava ali. Muito rápido e muito devagar na dimensão daquele desfecho. Como todos, ela estava aflita para conseguir acesso a um local específico. Até que nos informou: Consegui! Agora eles vão para esse local! Vão para onde têm seus familiares! E, naquele momento, fomos todos, infinitamente, felizes. Nas mensagens no celular, tinha chegado resposta da avó, agradecendo, aliviada, as notícias sobre a filha e o neto. E, quem sabe, agora que o mundo voltou a girar de forma mais compreensível, ela não gostaria de falar com sua mãe? Sim. A família conversou de modo emocionado, mas tranquilo, depois de oito dias de incertezas indizíveis, de imagens aterrorizantes, na televisão repetidas, até que chegasse o desamparo da calamidade. Ali, debaixo do gazebo verde que estávamos ocupando, ao lado de um rio que não era para estar ali, entre o gazebo, o rio, o pôr do sol, o frio e o

calor do encontro, eis mais um dos dias inimagináveis da enchente de maio de 2024 em Porto Alegre. Tinha sido um dia lindo de céu azul sob o qual se desdobraram tantas dores, cansaço, lamentos e perdas, o que ainda seguiria pela noite adentro e tantos outros dias à frente. Um refrão parecia traduzir um pouco do nosso estado de ânimo naquela hora: “resistia na boca da noite um gosto de sol...” Um gosto de pequenos e grandes milagres possíveis. Alguns a gente presencia, outros ficam na imaginação, por trás da beleza devastadora da vida resistindo e se recriando em meio ao desastre. E foi um lindo pôr do sol, digno de Porto Alegre!



Matheus Soares Rocha, 25 anos
Biomédico, Pesquisador Clínico e Especialista em
Saúde Digital

Quando eu era pequeno e passava com meu avô próximo ao dique de contenção do bairro Rio Branco, em Canoas — na rua seguinte à onde moro —, ele sempre me contava como eram as cheias antes da construção da estrutura. Meu avô foi um dos primeiros moradores da região, ainda quando tudo por ali era campo. Relatava que, em épocas de cheia, os rios Gravataí e Jacuí avançavam sobre o bairro, chegando próximo aos trilhos do trem, hoje Trensurb. Naquela época, as poucas casas da vizinhança já eram construídas elevadas do solo, como forma de resistir às inundações. Ele me dizia que, durante esses períodos, se locomovia de caiaque. Ao passarmos perto da antiga igreja de pedra, a primeira construída no bairro, ele apontava até onde a água já havia chegado — e como aquele ponto mais alto se tornava abrigo para os moradores. Uma realidade que começou a mudar após a construção do dique. A cidade cresceu, o bairro se urbanizou a ponto de se tornar fácil esquecer que havia um rio ali. Na primeira semana de maio de 2024, mesmo com as chuvas intensas por todo o estado e a crescente preocupação com a cheia dos rios, a sensação entre os moradores era de normalidade. A rotina parecia intacta. Pela manhã, ao sair de casa para trabalhar, via os mesmos vizinhos indo para o serviço, o ponto de ônibus com as mesmas pessoas de sempre, os pais deixando os filhos no colégio, a movimentação habitual. A manhã do dia 3 de maio foi diferente. Ao acordar, percebi pela janela uma movimentação estranha na rua. Havia mais carros do que o normal, um barulho constante e pessoas caminhando apressadas, com ex-

pressões inquietas. Decidi sair para entender o que estava acontecendo. A sensação era incômoda — como se algo estivesse errado, mas ainda sem forma concreta. Peguei o carro com meu pai e seguimos até o início da rua. Nas ruas laterais, víamos as partes mais baixas já tomadas pela água. Quando chegamos à entrada do bairro, a imagem era devastadora: a água invadira as primeiras casas, e as pessoas, imersas até a cintura, tentavam retirar seus pertences num esforço desesperado para salvar o que podiam. Um caminhão da Defesa Civil percorria a rua com a sirene ligada e o alto-falante anunciando: “Evacuem suas casas. A população deve procurar abrigo em casas de familiares ou amigos em outras regiões da cidade.” Demorei alguns segundos para assimilar. Talvez esse estado de negação seja comum em situações como essa. Voltamos para casa, ainda sem saber ao certo o que fazer. Tomar a decisão de deixar o próprio lar para trás, mesmo que seja a única alternativa, desafia qualquer lógica racional. Tivemos tempo apenas de pegar algumas coisas essenciais. Entrei no meu quarto para decidir o que levar. Diante das minhas coisas — eletrônicos, roupas, perfumes —, nada parecia importante. Só pensava em ajudar minha família a sair dali em segurança. Fechamos as janelas, trancamos as portas e saímos por volta das 10 horas da manhã: eu, meus pais, meu irmão e minha avó. Confiávamos que a água não ultrapassaria o portão e que voltaríamos em poucos dias. Lembro de passar de carro pelas ruas do bairro e ver cenas que até hoje me marcam. Algumas famílias já carregavam seus carros com pressa, tentando salvar o que podiam.

Outras, em contraste, observavam tudo da calçada, paralisadas, sem saber se deveriam sair. Havia medo — não só da água, mas do que aconteceria ao abandonar suas casas. Muitas pessoas decidiram ficar. Fomos para a casa do meu avô, em Viamão. Não demorou até que eu começasse a receber mensagens de amigos e parentes que haviam permanecido no bairro. Naquela altura, já era noite de sexta-feira. A água tomava conta da maior parte das casas. A ansiedade crescia com cada nova mensagem pedindo socorro. A sensação de impotência foi se tornando insuportável à medida que os pedidos de resgate aumentavam — até que, de repente, as mensagens pararam. Eu já não conseguia mais contato com ninguém. Foi então que decidimos voltar para o bairro, para ajudar. O trajeto até Canoas, geralmente tranquilo, havia se transformado em um cenário de guerra. Não existiam mais faixas, regras ou ordem. Os carros andavam em qualquer direção possível — pelo acostamento, na contramão, atravessados na pista. Caminhões do Exército tentavam se mover no meio da confusão, enquanto ambulâncias buzonavam sem conseguir passagem. Viaturas policiais abriam caminho para comboios improvisados de resgate, que carregavam barcos amarrados com cordas nos tetos dos carros. Chegamos a Canoas ainda na madrugada, pouco antes do amanhecer. Estacionamos o carro e seguimos a pé, subindo o viaduto que dá acesso ao bairro. O céu ainda escuro tornava tudo mais pesado. Conforme avançávamos, encontrávamos pessoas vindo na direção oposta — aquelas que já tinham sido resgatadas. Vinham em silêncio, muitas

ainda molhadas, carregando apenas a roupa do corpo. Os rostos eram marcados por um misto de choque e alívio: olhos baixos, ombros curvados, passos lentos. Pareciam caminhar sem saber exatamente para onde iam, como se a mente ainda tentasse acompanhar o corpo. Foi só ao chegar ao final do viaduto que consegui ter noção da real dimensão da enchente. Ainda estava escuro, mas a luz do amanhecer começava a surgir, iluminando o suficiente para ver o reflexo da água no topo das casas. Algumas estavam completamente cobertas, outras com apenas parte do telhado visível. Dava para ver os barcos cruzando a água, indo e vindo, trazendo pessoas até o viaduto. O barulho dos motores, o movimento da água, os gritos de quem organizava os resgates — tudo se misturava. Mas, mesmo com todo esse barulho, a sensação era de silêncio. Fiquei ali durante um tempo ajudando a tirar as pessoas dos barcos e reabastecendo os motores para que os resgates não parassem. Foi então que presenciei uma cena que jamais vou esquecer. Um homem desceu do barco às pressas e, ao avistar a esposa e os filhos, caiu de joelhos no asfalto. Chorava descontroladamente. Abraçou os três com força, como se precisasse sentir que estavam realmente ali, vivos. Repetia, entre soluços, as mesmas palavras: “Ai, meu Deus... ai, meu Deus... obrigado... obrigado! Ai, meu Deus.” Senti um nó na garganta e um peso no peito difíceis de explicar. Era impossível não se emocionar. Foi a força incansável das pessoas que permitiu esse reencontro — voluntários anônimos que arriscaram as suas vidas, ofereceram seu tempo, abrigo, alimento, apoio. Em meio ao caos,

foi a solidariedade que manteve tudo de pé. E aquela cena dizia tudo. Foram mais de 40 dias até que a água começasse a baixar. Quando finalmente conseguimos retornar ao bairro e iniciamos o processo de limpeza da casa. As marcas da água nas paredes, a sujeira, a lama, o cheiro forte, os móveis destruídos. A sensação era de que não teria fim, que não conseguiríamos dar conta sozinhos. Foi com a ajuda de voluntários, que estenderam a mão e ofereceram seu tempo, que conseguimos seguir. Trabalharam por horas ao nosso lado, sem medir esforços — lavando paredes, raspando lama, carregando móveis destruídos, enfrentando o mesmo cansaço e a mesma sujeira. É na solidariedade que a gente encontra força para recomeçar.



**Ana Claudia Souza Vazquez, 55 anos
Psicóloga, Professora e Pró-reitora
de Gestão de Pessoas da UFCSPA**

Posfácio

Maio de 2024 foi literalmente um divisor de águas na história do Rio Grande do Sul. O evento das enchentes se caracterizou como uma catástrofe que escancarou nossa vulnerabilidade como humanidade diante de um fenômeno climático extremo que devastou o estado. Com níveis de precipitação muita acima da média e rios que transbordaram rapidamente, a água invadiu casas e prédios, submergiu ruas e bairros, destruiu vidas e negócios, e expôs sem filtros nossa fragilidade social, econômica e infraestrutural ao experimentar essa situação sem precedentes na história. O livro “Histórias do Viaduto” é mais do que um registro fotográfico e de depoimentos textuais deste momento histórico. É um testemunho coletivo e visual daqueles que foram para a linha de frente no trabalho voluntário emergencial. E o fizeram em um viaduto cujas estruturas físicas foram transformadas pela compaixão que entrelaçou histórias entre estranhos que decidiram, intencionalmente, abrir seus braços e abraçar, por meio do sacrifício próprio, aqueles que mais precisavam. O viaduto, que dá nome a esta obra, simboliza mais do que um lugar de passagem. Ele é o espaço comum das conexões humanas, uma testemunha silenciosa de como a nossa essência, muitas vezes endurecida pelo asfalto da vida rotineira, brota com intensidade quando acionamos nossa capacidade de cuidar uns dos ou-

tros. Os relatos e fotografias aqui reunidos carregam memórias vívidas do que vimos ou vivemos, que automaticamente voltam à nossa mente. Ao mesmo tempo, trazem no seu bojo não só as águas impetuosas, mas principalmente as mãos que se estenderam, os abraços que confortaram e as vidas que se reconstruíram juntas. Se nos deparamos com a força incontável das cheias nesta leitura, “Histórias do Viaduto” nos revela a potência de algo igualmente transformador: a compaixão uns pelos outros. Derivada do latim “compassio”, essa palavra significa literalmente “sofrer junto com”. Não se trata apenas de simpatizar ou empatizar; ter compaixão é partilhar profundamente o peso da dor do outro, tornando-se parte de sua jornada. Essa partilha — de coração para coração — cria um espaço de identificação, cuidado e amor genuíno. Por meio do trabalho voluntário, nós estendemos as nossas mãos e abrimos nossos corações. Sofremos juntos, choramos juntos e, nesse processo, encontramos beleza onde parecia haver apenas tristeza, vimos brotar pequenos sorrisos de alegria no lugar de espíritos angustiados e desesperados, conectamos esperança ao invés de nos fixarmos em tragédias sentidas como irreparáveis. O escritor croata Miroslav Volf, em seu livro “Exclusão & Abraço”, afirma: “Eu não quero ser eu mesmo, quero que o outro seja parte de quem sou e quero ser parte do outro.” Essa verdade encontrou eco em nossas ações nesta catástrofe. Ao unir nossas histórias, dores e esperanças, construímos algo que nenhum de nós poderia realizar

sozinho. Nossas ações diante do inimaginável transformaram não apenas os lugares atingidos, mas cada um de nós. Nem os espaços físicos que habitamos, nem os envolvidos permanecem os mesmos. Na potência do amor sacrificial e autêntico, os atos de crueldade – do mundo ou da natureza – não conseguem sobreviver. Eles cedem espaço para o renascimento, para a criação de algo novo e duradouro. Neste livro, fotos e depoimentos nos levam de volta àquele momento em que o medo foi superado pelo amor e o improvável foi alcançado pela compaixão uns pelos outros. “Histórias do Viaduto” é o retrato dessa experiência. Ao reunir imagens e depoimentos, este livro não apenas registra um período de imprevisibilidade, destruição e dor, mas celebra o poder do amor que se manifesta na prática, na partilha, no sacrifício, em meio à dor. Os autores e as organizadoras desse livro nos lembram que, quando unimos nossas jornadas, conseguimos transcender o sofrimento individual e construir algo maior, mais resiliente e esperançoso de um futuro em que, juntos, podemos resistir, renascer e transformar. Que estas páginas sejam inspirações vivas sobre o verdadeiro sentido da compaixão: não apenas ver o outro, mas caminhar ao seu lado, partilhar suas cargas e, com amor autêntico, encontrar novas possibilidades de vida e esperança.



BESTIÁRIO



É na solidariedade que a gente encontra força para recomeçar.
Este livro é um tributo à coragem silenciosa de quem fez da solidariedade sua missão no maior desastre da nossa história recente.

Fotografia feita por Claudia Bica, professora da UFCSPA e voluntária no viaduto da Cairu em maio de 2024. A imagem retrata a chegada das pessoas resgatadas. A água que se vê é a do Guaíba que, durante a enchente, avançou por 7 km para este lado da cidade chegando a cobrir parte do viaduto.